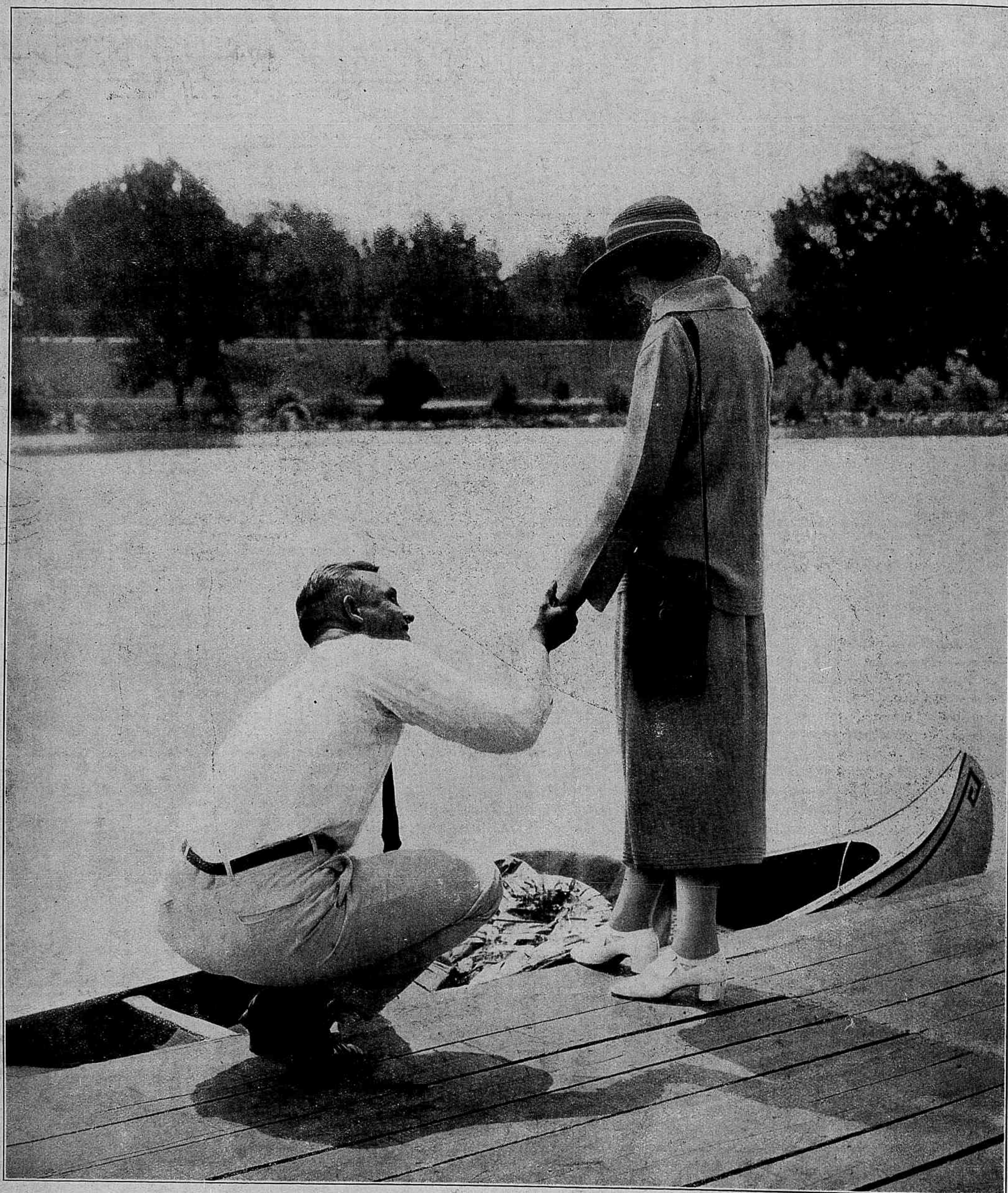
REVISTA DA SEMANA

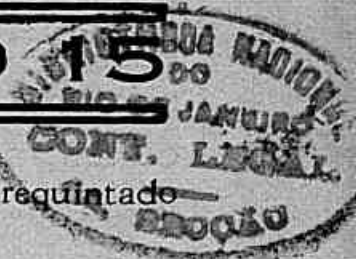
ANNO XXVIII -- N. 15 2 de Abril de 1927

ASSIGNATURAS
52 numeros (Brasil)
Um anno 50$000
6 mezes... 26$000
REGISTADA
Um anno 65$000
6 mezes... 33$000

A decana das Revistas nacionaes
Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911
Propriedade da Companhia Editora Americana
Praça Olavo Bilac, 12 e 14 — Rua Buenos Aires, 103
RIO DE JANEIRO
TELEPHONES Redacção e Administração, N 3660
Directoria, Norte 112
ENDEREÇO TELEGRAPHICO: REVISTA
Correspondencia dirigida a AURELIANO MACHADO
DIRECTOR-RESPONSAVEL.

ESTRANGEIRO
Um anno 65$000
6 mezes.. 35$000
REGISTADA
Um anno 80$000
6 mezes.. 43$000

Avulso... 1$200
Atrazado 1$500

ESTA REVISTA CONTÉM 44 PAGINAS

ANNO XXVIII | Rio de Janeiro, 2 de Abril de 1927 | NUMERO 15

DIZEM os theosofistas que cada corpo humano guarda dentro de si a alma dum antepassado ou dum desconhecido, visto que o espirito se reincarna centenas de vezes.

Sendo assim, eu creio firmemente que sou a reincarnação duma mulher nomada, duma bohemia estranha, ávida de novos horizontes, de novas audacias, de todas aquellas coisas inexplicaveis e grandiosas que são, afinal, a vida.

Fui talvez uma cigana, nos tempos do passado. Cigana, porque os ciganos me enternecem; nomada, pelo amor das viagens. Gosto de mudar de paisagem, como adoro variar de perfume. De vez em quando, faço a mala, compro bilhete e parto á aventura sem cartas de recommendação e sem credenciaes para os desconhecidos.

Assim resolvi, um dia, partir para Paris. E ao chegar a França demorei os meus olhos na graça conhecida das mulheres. Porquê?

Porque as mulheres são a verdadeira imagem dum povo. As mulheres francesas são Paris — o Paris das novidades e das elegancias, o Paris dos *cabarets* e das luminarias.

A moda decretou que as elegantes abandonassem as roupas intimas — e ellas abandonaram-n'as; que os seios se desenhassem, triumphaes e despidos, dentro dos tecidos delicados dos fatos — e ellas exhibem-n'os por completo; que as tesouras matassem as tranças cantadas pelos poetas — e ellas cortaram os cabellos; que as pernas se agitassem, livres das saias, pelas ruas e pelos bailes — e ellas photographam perante os nossos olhos essas maravilhosas columnas. E, por fim, que hão de ellas mostrar mais, para seguirem o ritual da elegancia?

As mulheres de Paris trazem comsigo a etiqueta da França. Caladas ou não, falam sempre francez...

Andam núas na rua, como núas caminham em scena. Porque, se no theatro cobrem a carne de pedrarias, nos *boulevards* tapam o corpo com tecidos transparentes e flexiveis.

Lembro-me, a proposito, que Josefina Baker usa na rua uns vestidos muito castos. Um dia alguem a interrogou; e, muito simplesmente, ella retorquiu:

— E' uma das condições do meu contrato: tapar na rua o que mostro no palco.

O *maquillage* tambem attingiu um logar preponderante no *boudoir* feminino. Seguindo o exemplo das damas da Grecia antiga, as elegantes modernas degladiam-se na arte mysteriosa de mistificar a natureza. E deste modo, com novos productos, com novas sagacidades, escurecem os olhos e alongam as pestanas; depilam as sobrancelhas, para que o traço obtenha uma correcção intensa; avivam os labios, para que as cerejas sejam permanentes no jardim dos seus rostos; collocam signaes provocantes que incitam as boccas alheias a apaga-los com beijos e—coisa estranha!—escolheram o ocre para cobrir a pelle.

Agora, a pelle de leite e rosas cantada pelos poetas desappareceu de Paris: as mulheres são todas umas bonecas trigueiras, de egual colorido, umas mumias etiquetadas por Guerlain, Coty e tantos outros.

E' interessante ver como nos grandes *boulevards* as mulheres se parecem! Pintam-se de igual maneira, vestem-se todas da mesma fórma, andam com o mesmo balanceamento de ancas e páram nas mesmas montras... Um observador perspicaz nota com rapidez quaes as preferencias das mulheres modernas: as joias e as *fotos* das bailarinas de *jazz* e de *black-bottom*...

Porque o *black-bottom*, inesthetico e selvagem, é o ultimo grito da elegancia. Dansa-se em todos os lados e em todos os momentos, sem inquirir das graças de cada um. Vi mulheres gordissimas dansando o *black* nos *cabarets* francezes; vi novos e velhos concorrerem aos passos mais difficeis e menos elegantes. E não sei dizer se foi a vida moderna que criou o *black-bottom*, se foi o *black-bottom* que criou a vida... Porque actualmente tudo é rapido, tudo é exhaustivo, tudo representa um passo, mais ou menos difficil, da dansa moderna!

E o amor? Querem uma dansa mais frenética, mais extraordinaria do que o amor em 1927? Hoje quem ama deseja possuir, quem possue ambiciona findar. Casa-se e divorcia-se. E' chic o divorcio, como requintado é o *black-bottom*...

O espirituoso Rip foi convidado, um dia, para o casamento dum amigo. E ao chegar, meia hora mais cedo, teve esta phrase definitiva:

— Vim a correr com receio de os encontrar já divorciados...

E' esta a vida. Ella nos obriga a seguir na corrente rapida do *jazz* e do *black-bottom*!

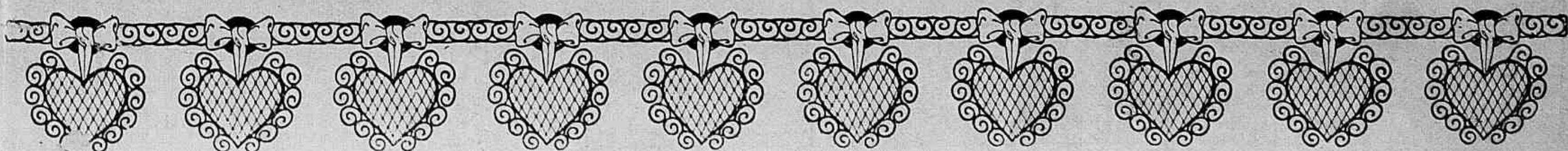
Em Portugal, o *black-bottom* ainda está na gestação: poucos são por emquanto os que se arriscam a exhibir uns passos atrevidos. De vez em quando, apparece em scena um grupo de *girls* que faz umas piruetas mais ou menos *blackbottomescas*; nos clubs, os elegantes tambem o imitam; porém nos salões ha grande reluctancia...

Na pintura dos rostos, estão as portuguesas a par das mulheres de Paris; mas na nudez da moda ainda as minhas compatriotas estão distantes...

A mulher brasileira é a que conseguiu mais rapidamente aproximar-se da França, apezar de serem necessarios quinze dias para vencer o mar... Como em Paris, as encantadoras damas do Brasil adoptaram as roupas minimas. E com certa razão, é dever confessal-o. Como supportar o calor estranho do Rio?

Depois, o Rio está-se transformando numa cidade cosmopolita, uma cidade onde páram vapores de todas as nações e onde os friorentos encontram um calor e uma vegetação especial. Poucos paizes possuem, a alguns minutos da capital, praias formosas e uma temperatura tão differente. E estou certa de que não tardará muito que se venha para o Brasil como se vai para Nice, Deauville, Lido, Ostende ou qualquer outra estação elegante.

Será, talvez, pelo cosmopolitismo da cidade que as mulheres brasileiras adoptaram a França como a sua matriz de elegancia... E seguindo os decretos da grande cidade de Paris provam, mais uma vez, como os seus cerebros estão desempoeirados de preconceitos e de ideias antigas. Por isso, abençoado desempoeiramento!

E assim veiu de Paris uma portuguesa audaciosa dar a conhecer aos Brasileiros um livro moderno e irreverente: a "*Sinfonia Pagã*".

Numero de circo

conto de Rene Bizet

MAL eu tinha chegado á obscura e encantadora aldeia que, á margem do Lago Maior, domina um vasto souto de castanheiros vi aquella creatura esquisita; e logo ella começou a me preoccupar...

Tudo nella indicava a mulher que foi formosa. Tinha o peito forte e arredondado; e o seu rosto, gorducho e um tanto empastado, offerecia feições não destituidas de encanto... Morava numa casa modesta a alguns passos da pensão onde eu me aprazia desde os primeiros dias da primavera; e de certo eu lhe não teria prestado mais attenção do que ás outras mulheres da aldeia se nella as maneiras, o ar, a toilette me não déssem a impressão de revelar, denunciar qualquer coisa de romanesco.

Informei-me a seu respeito com os donos da pensão. — Uma velha artista, disseram-me elles. Viuva. Tinha alguma coisa de seu; dava-se com muito poucas pessôas; passava, na terra, por orgulhosa...

— E não sabem mais nada?

— Nada mais.

***

E cada vez mais o caso me intrigava. Tratei de observar a senhora Godinot, assim se chamava a heroina. Sempre que ella sahia de casa, eu a seguia a certa distancia. E logo me chamou a attenção uma singularidade do seu andar. Quando ella julgava que ninguem a estava vendo, desatava a fazer uns gestos duros, meio presos, como se padecesse duma molestia nervosa. Desde que, porém, avistava qualquer pessoa, a sua marcha tornava-se perfeitamente normal. Eram portanto voluntarias aquellas excentricidades. Que razão, porém, a levaria a pratical-as, quando justamente ninguem as podia admirar ou com ellas de qualquer modo se impressionar?

Levei mais longe a indiscreção. Sabendo que á tarde, desde que fizesse bom tempo, a senhora Godinot dava longos passeios no seu jardim, tratei de descobrir um logar donde pudesse observal-a á minha vontade. E descobri. Dum canto encoberto por um arbusto florido, pude verificar que, na solidão dos seus dominios, a viuva se entregava aos mesmos burlescos exercicios que eu lhe vira executar fóra de casa. De repente, tornava-se uma especie de boneca: a cabeça immovel, os olhos fixos pareciam sem vida; e a velha dama percorria a alameda em saltinhos bruscos. Era uma coisa ao mesmo tempo grotesca e lamentavel. E qualquer que assim a visse se convenceria de estar assistindo a um accesso de loucura.

***

Por mim, no meu esconderijo, construia romances magnificos. A senhora Godinot imaginava ser de facto uma marionette. Levava uma existencia maravilhosa de brinquedo de creança. Aquella casa era a sua caixa de tampa vermelha. A viuva devia ouvir os risos e as cantigas duma creança invisivel e adormecer ao som duma caixa de musica. Ao levantar-se, de manhã, certamente se adornava de vestes garridas, mirabolantes e via depois no espelho, collaborador das suas fantasias, uma boneca de porcelana destinada a uma filha de rei.

— Que faz o senhor ahi? preguntaram subitamente ao meu lado.

Abandonei dum salto o observatorio:

— Minha senhora...

— Que curiosidade!

— Peço mil perdões, mas...

Tinha eu então vinte annos, olhos azues, um semblante todo ingenuidade. Logo á primeira vista, inspirava sympathia, confiança. Junte-se a isso uma timidez que me fazia córar como uma creança... Diante da senhora Godinot, fiquei com um ar tão submisso e arrependido que a excellente senhora tratou de me animar, tranquillizar:

— Não lhe quero mal por isso. O senhor é como os outros. Quando me vê, a si mesmo se faz uma porção de preguntas mais ou menos ridiculas... E no fim a si mesmo se responde, dizendo: "E' louca". Pois não tenha medo...

Enlacè matrimonial da senhorinha Hilda Chemusca, gentil filha do conceituado guarda-livros sr. Americo Chimusca e de sua esposa, senhora Catharina Villas-Bôas Chemusca, com o sr. Severino Vasquez Alonso, do nosso alto commercio.

Enchi-me de coragem :

— Mas, minha senhora, eu nunca tive medo!

— E' pena. O nosso numero dependia justamente de certo effeito de terror produzido nos espectadores...

— O seu numero?!

— Sim. Quando o meu fallecido marido e eu eramos artistas. Artistas de circo. Trabalhavamos sob o nome de Rop. Nunca ouviu fallar de "Rop e o seu automato?"

— Não me lembro, minha senhora...

— Porque é muito moço. Um numero realmente celebre e que teve uma origem de impressionar...

A senhora Godinot estava positivamente em maré de confidencia. Sentou-se na rampa do jardim, fofa de relva, e entrou a tagarelar como se fossemos velhos amigos :

— Meu marido era ciumento ao extremo. Chegava a tornar-se feroz. Mataria o homem que me beijasse a mão... se realmente visse algum prestar-me tal homenagem. Quando nos conhecemos, começámos por fazer juntos um numero de trapezio. Mas, logo depois do nosso casamento, elle passou a não supportar as palmas que saudavam a minha entrada na arena nem os ramos de flores que os espectadores galantes me mandavam ao camarim. Acudiu-lhe então a ideia de fazer de mim um automato. Apresentou-me ao publico como uma boneca prodigiosamente animada. Os gestos mecanicos que o senhor me vê fazer são os daquelle meu trabalho. Fiquei tão habituada a elle, tão identificada com elle que, se me distráio, os meus movimentos passam a ser naturalmente os dum fantoche. Porque, meu caro senhor, aquillo de eu fazer crer aos espectadores que era uma mulher artificial, fabricada seria, afinal, coisa vulgar... O meu fallecido esposo levava muito mais longe as suas exigencias. Na verdade, eu tinha que ser *sempre* assim. Quer crer que, para viajar, elle me mettia numa caixa especial? Não admittia que eu me mostrasse á mesa nos hoteis. E quando era obrigada a sahir, com elle, tinha que marchar, a seu lado, como uma boneca. "Um reclamo de primeira ordem"... explicava o meu algoz. De maneira que, tendo

Os carros com que o C. C. Fenianos de Campo Grande se apresentou no ultimo Carnaval: 1 — Carro chefe, *Triumpho dos Fenianos*. 2 — Carro Japonez, com rotação. 3—*O Templo das Flores*, com grande rotação.

nós mudado de nome quando mudámos de trabalho, ninguem sabia que o sr. Godinot era casado. E diziam-no doentiamente apaixonado pelo seu automato. Para todos os effeitos... exteriores, eu era um automato. E o meu ciumento vivia socegado.

— E a senhora? Como podia supportar tal existencia?

— A principio, custava-me muito... Depois, até me agradava. Não pensava em nada. A's vezes, surprehendia-me sem ideias, sem sentimentos, como se realmente fosse de culluloide. Meu marido tratava-me ás mil maravilhas, enchia-me de mimos. Sabe como eu passava geralmente os dias? Dormindo.

— Na tal caixa especial.

— Que era duma commodidade extraordinaria.

— E quando não tinham contrato?

— Era raro isso. Passava duas ou tres horas acordada e o resto do tempo a dormir.

— E diga-me: tem saudades do sr. Godinot?

— Oh, era um excellente homem! E adorava-me. Tinha lá a sua mania... Mas reparo que se vai fazendo tarde. Volto para casa. E agora que o senhor conhece o meu segredo prometta-me, ao menos, não o contar aqui, na terra.

— Dou-lhe a minha palavra.

— E não volta a espreitar-me, pois não?

— Pode estar descansada.

— Quer que lhe diga, com franqueza? Godinot era talvez um pouco maluco...

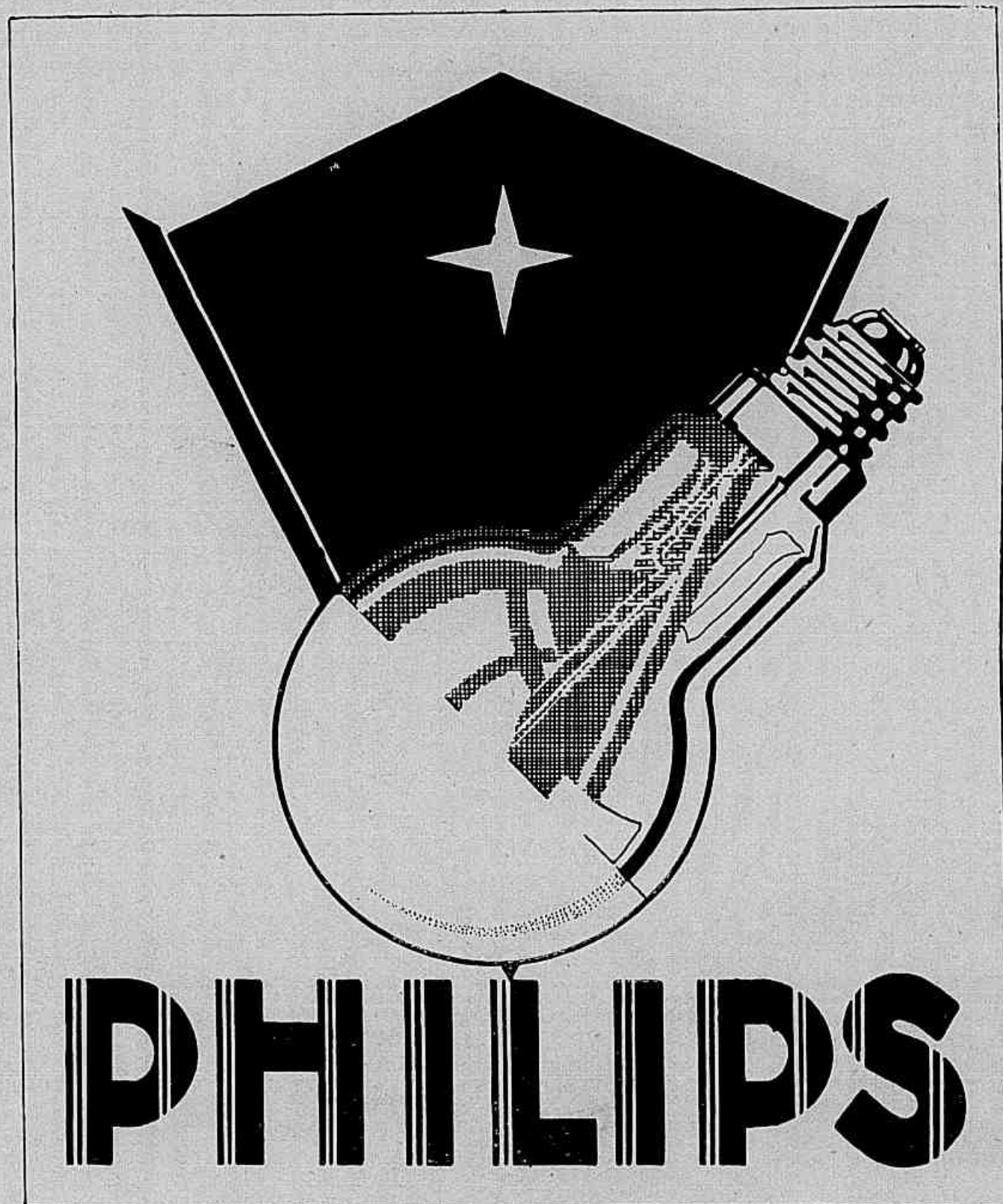
E, tendo encerrado assim a nossa conversação, afastou-se naturalmente.

Um pouco maluco o tal Godinot... E ella? Quem me garante, afinal, que a historia que ella me contou é mesmo verdadeira?

CHUVAS ESQUISITAS

Os jornaes francezes fallaram longamente da chuva de terra avermelhada que, ha pouco, cahiu na região de Marselha. Foi o caso de se haver misturado á simples chuva a poeira levantada por um vento fortissimo; e, assim, o que cahiu foi uma especie de lama que, nos primeiros momentos, alarmou, como bem se pode imaginar, o povo daquella região.

Phenomenos desses foram assignalados pelos chronistas antigos que lhes atribuiam causas sobrenaturaes. Assim se explica a "Chuva de Sangue" que aterrou os habitantes de Bourgogne em 1361 e a que, na mesma época, cahiu na ilha de Rhodes e ao sul da Italia, "chuva de poeira misturada de sangue".

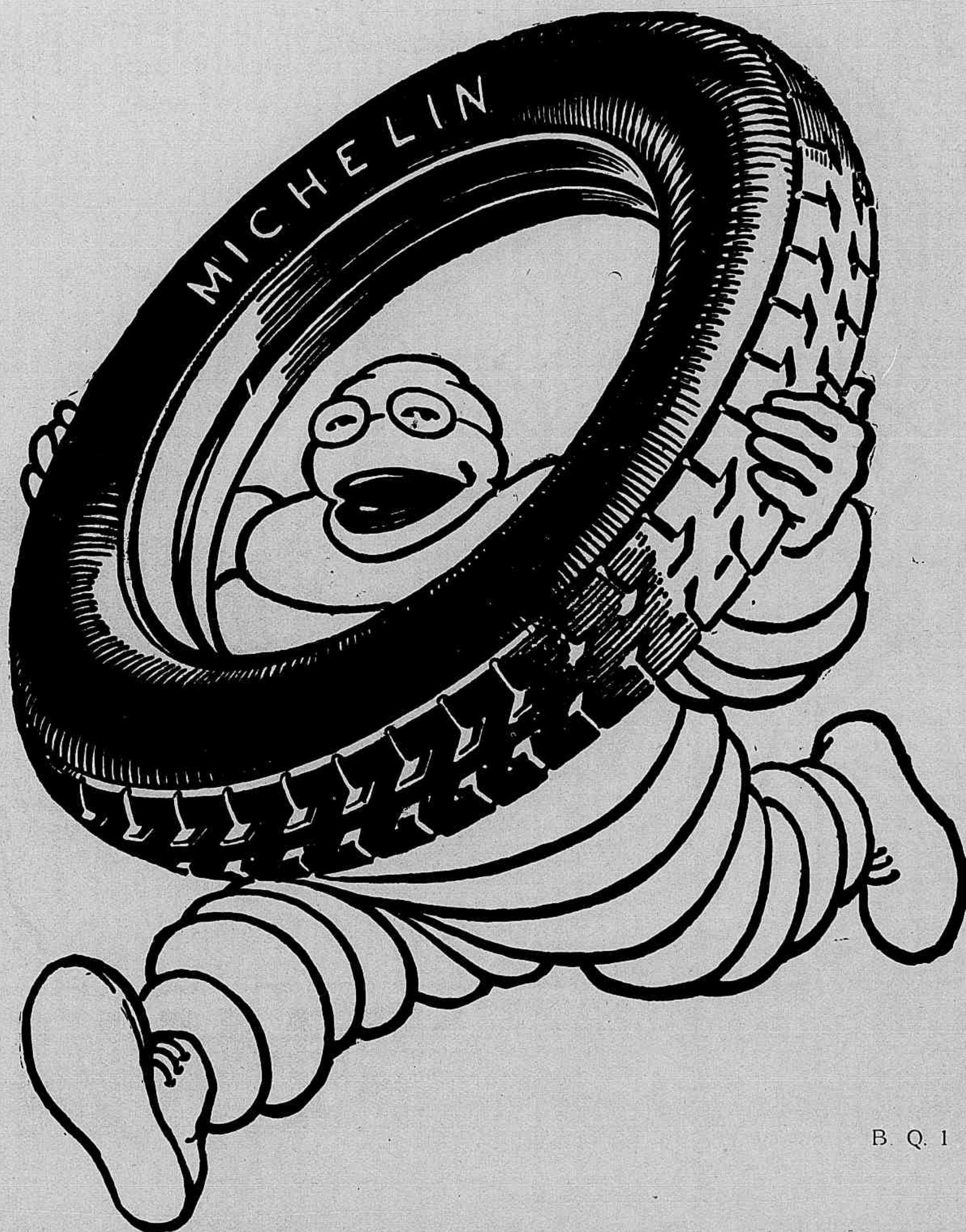
Outras vezes, cahiram chuvas muito mais esquisitas, como a de tinta, em Londres, em 1913. Em meiados do seculo passado, cahiu uma chuva de sardinhas em Glamorgan, em 1859; de avelãs em Dublin, em 1863; de caracóes em Redruth, em 1886; de lagartas em Salins (Jura) em 1891 etc. Quanto ás chuvas de rãs, muitos naturalistas affirmam tel-as visto com os proprios olhos. Houve uma no Suffolk em 1862, uma em Gibraltar em 1915, e mais recentemente ainda, a aldeia de Osnes recebeu um copiosa bátega de rãs que, aliás, os habitantes aproveitaram, comendo-as.

Todas essas chuvas extravagantes obedecem á mesma causa. Ventos verticaes, provocados por condições meteorologicas especiaes, levantam ás vezes a grandes alturas fuligem, areia, pollen, e se se tornam muito violentas, podem essas correntes ascensionaes aspirar grandes quantidades de peixes miudos, rãs ou fructas que as leis da gravidade fazem cahir ao chão, uma vez acalmada a tormenta que os levantou.

Atribuiu-se a origem meteorica a uma chuva de poeira vermelha cahida na Tasmania, mas o exame dessa substancia, feito por um geologo, evidenciou a sua condição simplesmente terrestre. E mais tarde descobriu-se que um cyclone a transportara da Nova Galles do Sul, por sobre o estreito de Bass, até á Tasmania, quer dizer: a mais de 800 kilometros de distancia.

PENSAMENTO

A ausencia e o tempo não são nada quando se ama.

Emquanto o meu coração bater, sempre elle te dirá: Recorda-te!

A. DE MUSSET

OS AUTOMOVEIS AMERICANOS têm

== quando são novos 0 pneu MICHELIN
== 6 mezes depois 1 pneu MICHELIN
== 1 anno depois 2 ou 3 pneus MICHELIN

O PNEU MICHELIN IMPÕE-SE A QUEM O EXPERIMENTA

Entreposto MICHELIN (venda aos Agentes)—Rio: Rua da Constituição, 11.—S. Paulo: Brigadeiro Tobias, 112|114. — Pernambuco: Rua Vigario Tenorio, 135. — Porto Alegre: Rua dos Andradas 80.

ARTISTAS CHINEZAS

Está tendo actualmente grande exito nos Estados Unidos uma artista, miudinha e fragil como em geral as mulheres da sua raça, uma estrella chineza que dansa, canta e representa com raro talento e graça. Chama-se Ana-May-Wong. Essa creaturinha chegou ha alguns annos a Hollywood vestida ainda á moda do seu paiz. Hoje, representa tão bem nos films de actualidade como nos que exigem vestuarios á epoca, e não hesita deante dos travestis mais originaes.

Outro chinez, de acordo esse com as tradições do theatro ancestral que prohibe ás mulheres de representar, está egualmente triumphando na America do Norte. E' Mei-Lang-Fang. Faz os papeis de mulher do velho theatro chinez e ninguem poderia reconhecer um homem sob aquelle amplo vestuario de seda florida e aquella cabelleira lindamente enrolada.

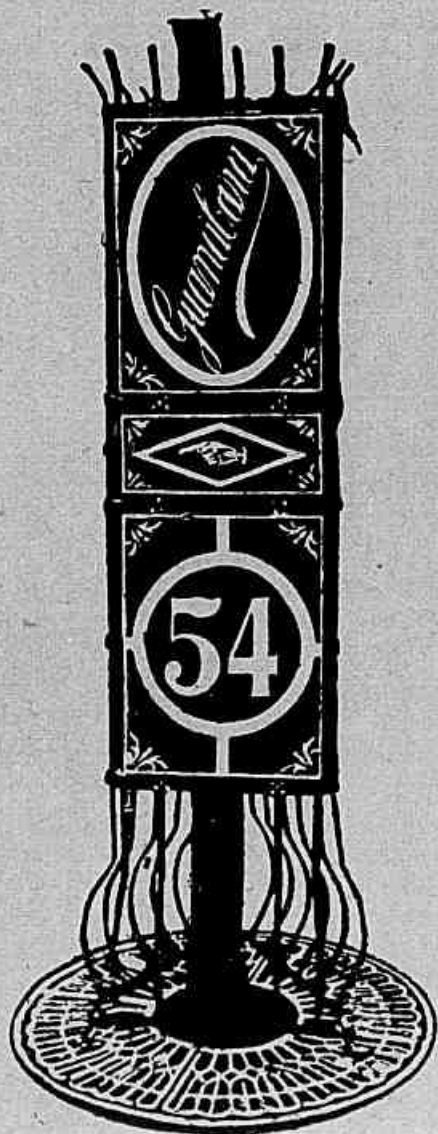
Anna Mey-Wong.

Mei-Lang-Fang.

Mei-Lang-Fang ganha 50.000 dollares, cerca de quarenta contos de réis, por mez e só representa de mulher.

O CABELLO DAS JAPONEZAS

No Japão é facil distinguir uma mulher casada duma solteira e para isso basta o penteado. A moça usa até o dia do casamento o penteado alto e bastante complicado que se chama "Shimada". Uma vez casada, passa a usar o penteado "Maroumague". Se o marido morre, a esposa adopta o cabello curto, fazendo atrás um pequeno coque.

Assim o cabello assume, para a mulher japoneza, verdadeira importancia e eis porque ellas não adoptaram nem provalmente adoptarão o corte á la garçonne.

A MODERNA BABEL

Para obter um logar de telefonista em Jerusalém, precisa o candidato de conhecer tres ou quatro linguas e comprehender as expressões mais usadas na linguagem telefonica em mais oito idiomas. Apezar disso, o director geral dos telefones declara que não faltam pretendentes a tal cargo.

As tres linguas officiaes são o inglez, o arabe e o hebraico, mas outras são diariamente empregadas nas conversações, taes como o francez, o allemão, o russo, o armenio e o romaico.

E, ao que parece, não é em Jerusalem que se fallam mais linguas differentes, mas sim no Cairo, onde se empregam, mais ou menos, todos os idiomas do mundo.

Perdoa-se quando se ama.

Elegancia Masculina

Os bons arranjos de cores são mais raros do que deveriam ser e, assim, para achar combinações interessantes e dignas de registro tem-se que andar para cima e para baixo pela Quinta Avenida e outras ruas que se distinguem pela elegancia e bôas roupas dos que por ella transitam. Aqui vão alguns modelos vistos recentemente aos domingos e feriados.

Vestia certo cavalheiro um terno de xadrez cinzento e preto com camisa cinzento-claro de seda com collarinho proprio, a gravata listada vermelho-escuro, e sobretudo cinzento-escuro com cache-col de seda cinzento-claro.

Outro cavalheiro bem vestido usava um terno cinzento-escuro com listas azues, camisa azul carregado com collarinho da mesma fazenda, gravata de listas eguaes largas, marron e azul-marinha, e cache-col de seda lisa marron.

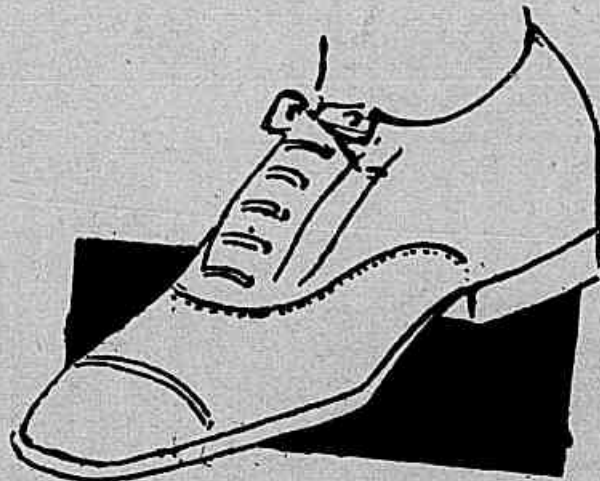
Outro terno digno de nota é o que vi usado com uma camisa verde, sendo o terno pardo, gravata de xadrez pardo e branco, capote de um pardo mais claro que o terno, chapéo de um pardo ainda mais claro, cache-col de seda verde com desenhos côr de ameixa.

Em certo restaurante vi um joven elegantemente vestido. Seu terno era verde, tirante a cinzento-escuro, sua camisa de xadrez verde e branco, sua gravata de listas largas verdes e cinzentas, lenço de seda cinzenta lisa.

Por ultimo, vi noutro homem um terno pardo-escuro com camisa de xadrez pardo-claro e azul, gravata listada de dois matizes de azul, sendo as listas iguaes, e lenço de seda pardo claro.

SAPATOS

O commum dos homens presta pouca attenção ás alterações que a moda vae introduzindo no vestuario, facto este que parece explicar a existencia desta columna, a guisa de *memento*. Sirvanos de exemplo o calçado. O nosso amigo, o sr. Todo-o-Mundo, usa o seu par de sapatos até que a esposa ameaçe arrancar-lhos dos pés, por se acharem esfolados ou cambados; só debaixo de tal ameaça é que elle se resolve a comprar outro par. E quer uns sapatos que lhe fiquem tão bem que depois de os estar usando possa esquecer-se de que os possue.

Agora, eis-nos chegados ao fim da estação. Os homens que melhor se vestem estão este anno usando sapatos simples, sem enfeite algum de biqueira, e a unica cousa que nelles se poderia considerar adorno é uma tira simples que corre por cima de sua parte anterior. Pode dizer-se que virtualmente já não existem as biqueiras crivadas de furos, pespontos, costuras e desenhos.

CAMISAS E GRAVATAS

Muito tenho escripto nesta columna relativamente á combinação das camisas com as gravatas, mas já vai para bastante tempo que eu fiz certa suggestão com referencia ao typo de camisas que devem fazer parte do guarda-roupa de S. Ex. o sr. Todo-o-Mundo.

Se o leitor é excentrico, como certo rapaz que eu conheço, seu guarda roupa poderia conter apenas camisas do typo "oxford", com collarinho preso, e duas camisas de ceremonia para um caso de emergencia; a maioria dos homens, porém, gosta de usar de vez em quando camisas de côr; assim, o que eu suggiro é que se tenha tão grande variedade dessas camisas quanto possa permittir a situação financeira de cada qual.

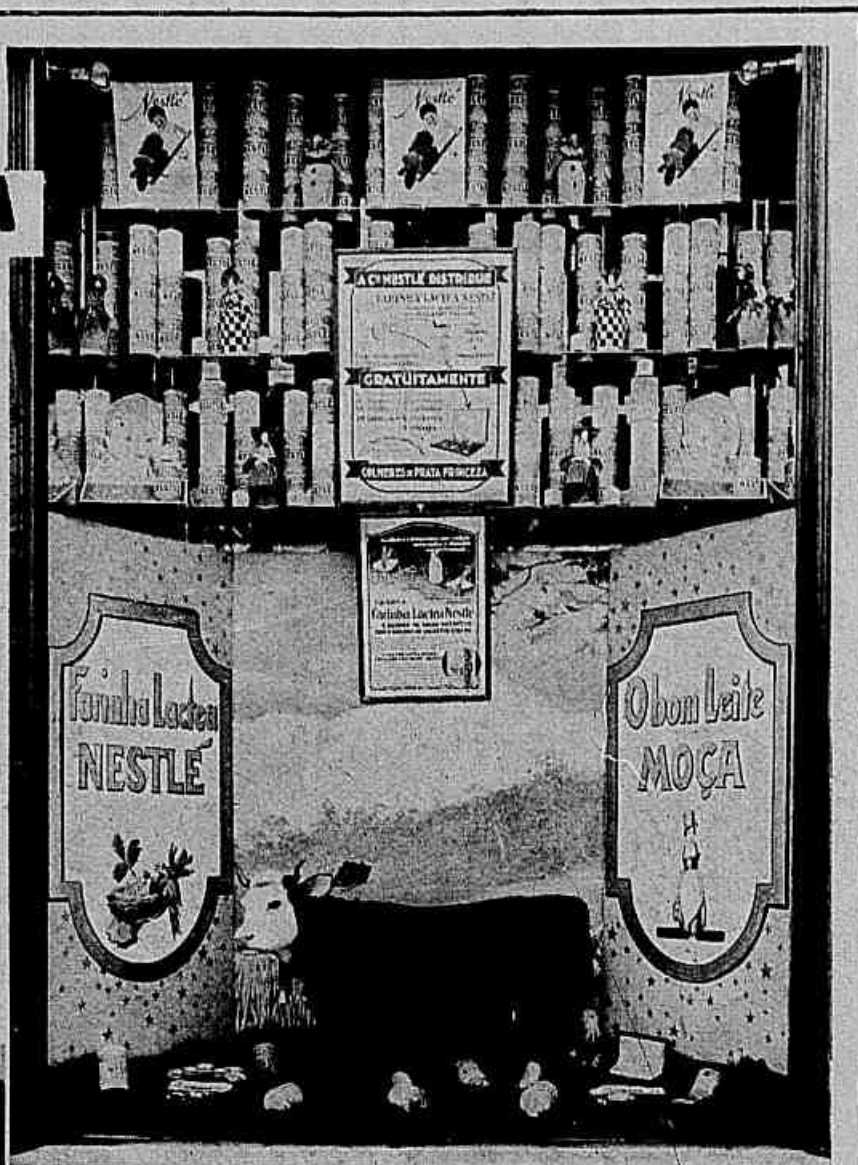
As camisas brancas lisas são o que se poderia chamar "pau para toda a obra". Podem ser usadas com qualquer terno e qualquer gravata. Devemos ter pelo menos quatro camisas brancas lisas, das quaes, segundo o gosto de cada um, uma ou duas de collarinho separado. Ora, com mais quatro camisas de côr, vamos dizer azul, verde, cinzento e côr de pelle, está-se bem apparelhado. Quem gostar de camisas de côr viva pode juntar mais algumas côr de rosa escuro ou côr de alfazema. De todas essas côres existem tanto os tons claros como os tons escuros.

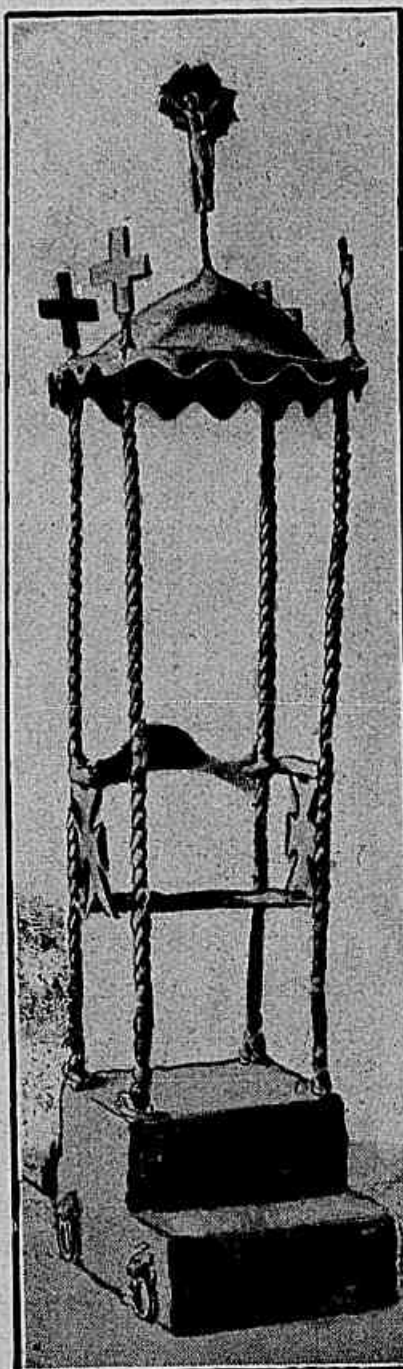
Se o leitor prefere a variedade consistente em listas e desenhos, então o sortimento é quasi infinito. Tenha em seu guarda-roupa pelo menos quatro dessas camisas. Existem listas de todas as côres e tamanhos e, quanto a gravatas, é preciso não esquecer que se consomem mais depressa do que as camisas.

Peter Greg.

(Serviço do Bell Features Syndicate Inc.)

UM RECLAME CURIOSO DA FARINHA LACTEA "NESTLÉ" E DO "LEITE MOÇA"

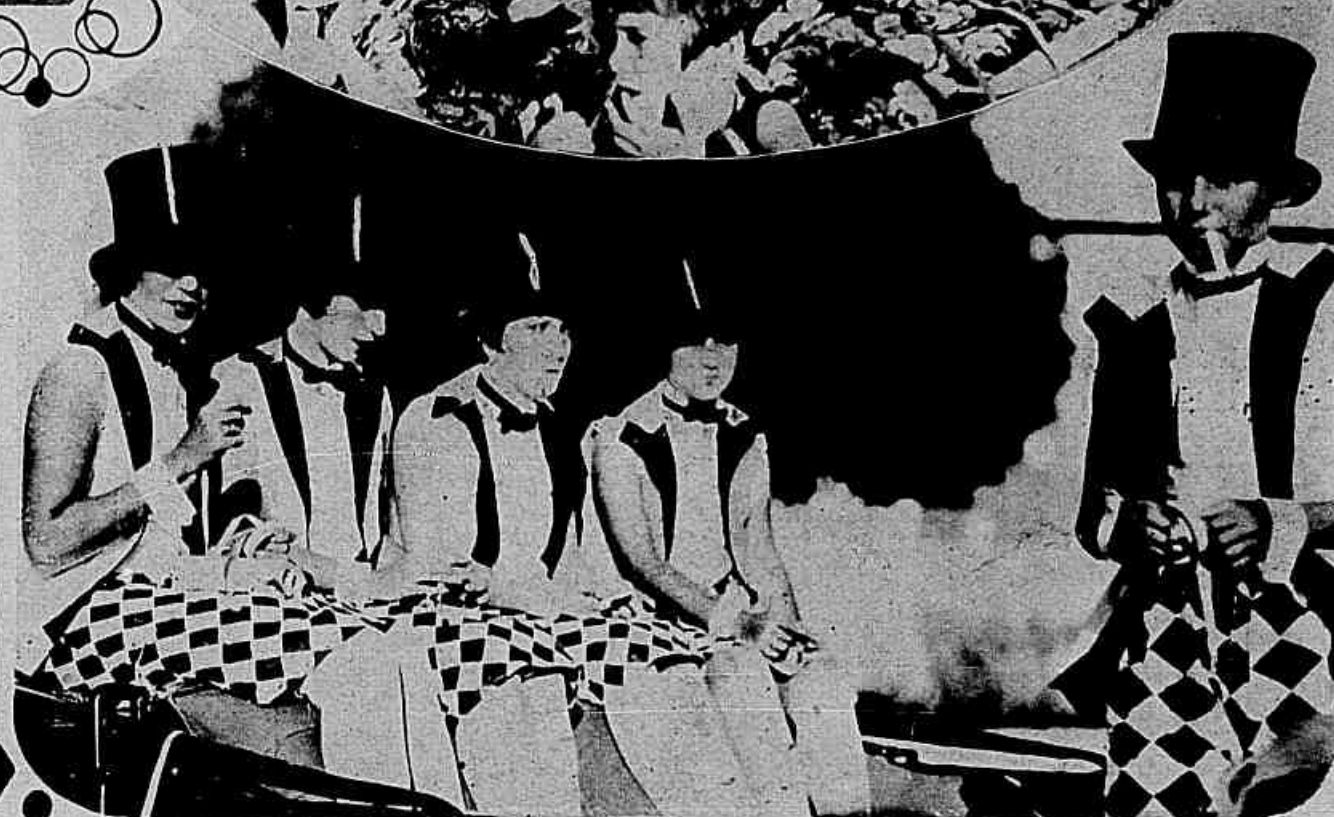
Vitrina montada pela Companhia Nestlé na conhecida Casa Carvalho, e que durante 15 dias constituiu a attracção d'aquelle trecho da Avenida.

UMA JOIA ARCHEOLOGICA

Sob as ruinas do antigo convento copta do Alto Egypto, foi descoberto por uma commissão scientifica ingleza a peça archeologica cuja photographia acompanha esta nota. Trata-se de um throno portatil destinado ás grandes solemnidades religiosas do convento e que, sem duvida, deve ter sido destinado ao Patriarcha da Igreja Copta, porque entre os elementos decorativos figura o leão de San Marcos, symbolo adoptado pelo fundador da citada seita, o heresiarcha Eutiques.

Segundo os autores do achado esse throno processional deve datar do seculo IX da nossa éra. O seu estado de conservação é perfeito, podendo apreciar-se ainda em muitos sitios a capa de ouro que cobriu primitivamente as cruzes e columnas.

CONTRA A ELECTROCUÇÃO

Foi publicado em Nova York um relatorio assignado por varios medicos

O CARNAVAL NA BAHIA

O Carnaval na Bahia

dessa cidade e no qual se advoga a abolição das execuções por meio da cadeira electrica.

Asseguram os signatarios que os individuos assim executados não morrem e cáem, sim, numa especie de coma, de que despertam quando já enterrados. E', pois, na cova que elles realmente succumbem, após a mais horrivel agonia. E a sociedade — acrescentam os autores do relatorio — não tem o direito de aplicar o castigo representado por aquella segunda morte, muito mais tragica que a primeira.

Em vista de tal intervenção, resolveu-se que uma commissão de homens de sciencia do Instituto Rockefeller assistisse á primeira execução em cadeira electrica a que se procedesse na cadeia de Sing-Sing; e bem assim que ao "electrocutado" não fosse dada sepultura doze horas depois, como até agora, e sim muito mais tarde e depois de feitas certas verificações.

Senhorinha Maria da Gloria Prado, professora do Grupo Escolar de Alfenas.

OS JUDEUS NO MUNDO

Na Russia ha dez mil judeus.

Calcula-se que os habitantes judeus constituam a terça parte da população de Nova York — isto é um milhão e setecentos e cincoenta mil almas.

Na Grã Bretanha e Irlanda contam-se cerca de trezentos mil judeus; na Rumenia e Hungria um milhão, e na Austria e Tchecoslovaquia outro milhão.

Ha varios paizes no mundo em que se não encontra um só judeu.

Quantos entes são como certas embarcações! Umas navegam com todo mar emquanto que outras não podem sahir do ancoradouro. O mesmo se póde dizer dos corações, alguns são pesados e outros leves. Uns fluctuam, outros vão logo para o fundo. Apparentemente eram iguaes.

HENRI BATAILLE

A interessante netinha do sr. general R. Pinto Seidl, Alcinda Seidl Forain (Cici), filha do sr. Luiz Forain, funccionario do Banco Hypothecario e Agricola de Minas Geraes (Bello Horizonte) e de sua esposa, d. Sylvia Seidl Forain, lava as roupinhas de sua boneca e estende-as.

Recordação da campanha contra Leonel Rocha. — Da esquerda para a direita: capitão Pedro Sebastião Carpes, commandante da Companhia de Metralhadoras do 14.° B. C.; major Kival Medeiros, chefe do serviço de abastecimento geral; tenente Tito Galvão Filho, commandante do contingente do 13.° R. I. de Ponta Grossa.

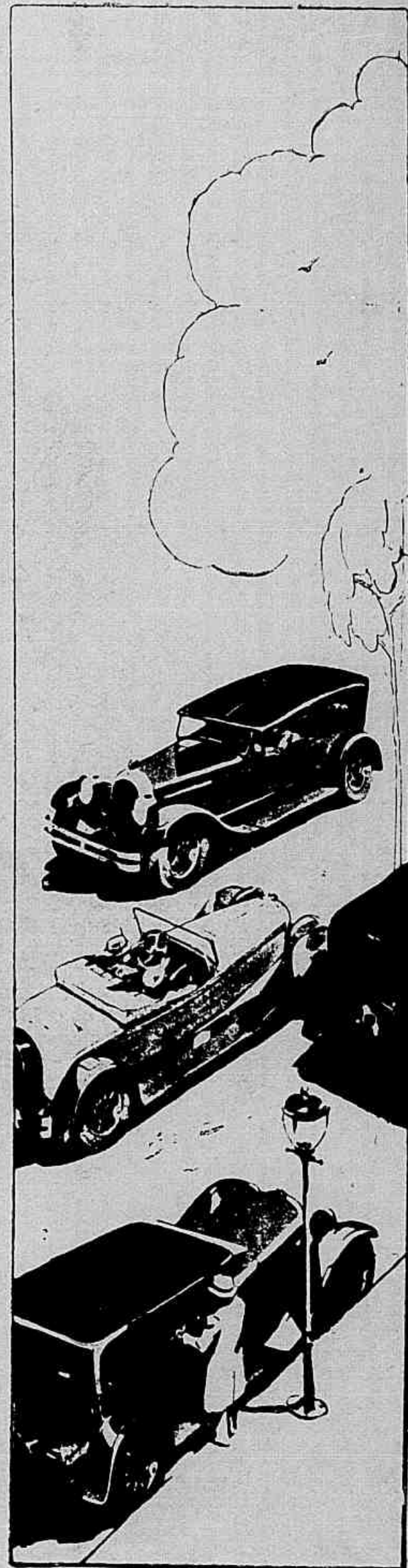
O GUARDA-CHUVA EMPRESTADO

A policia de Londres acaba de descobrir, e denunciar para prevenção do publico, um estratagema de gatunos sem duvida empregado centenas de vezes.

O meliante dirige uma carta a uma pessoa fallecida ha tres ou quatro dias — e de cujo nome e endereço elle tomou conhecimento justamente pelos annuncios funebres dos jornaes — pedindo-lhe a devolução dum guarda-chuva que lhe emprestou em tal occasião, assim... assim. A carta, que o malandrim envia por um compadre ou elle proprio leva, é aberta por uma pessoa da familia enlutada. Procura-se o guarda-chuva por toda a casa e como tal objecto não apparece — naturalmente — a familia, por uma questão de escrupulo, propõe pagar o guarda-chuva. E é um negocio em que o tratante ganha dez ou doze shillings, sem ter empregado outro capital senão o preço duma folha de papel e o respectivo envelope.

Senhorinha Luiza Gaspar, filha do conceituado clinico dr. Gaspar Ferreira Lopes (Alfenas).

Os erros da mulher veem quasi sempre da sua credulidade ingenua.

Senhorinha Evangelina do Prado Moreira, da elite de Alfenas.

A SUPPRESSÃO DO CAVALLO

Por uma questão de progresso, a Municipalidade de Chicago resolveu excluir o cavallo de todos os serviços da Policia. No dia 22 de Janeiro todos os agentes a cavallo foram substituidos por policiaes motocyclistas.

— Não podemos continuar, declarou o chefe de policia, a proporcionar-nos o luxo de cavallos, cujo emprego envolve uma porção de despezas em sustento, cavallariças, arreios, criadagem, quando as motocycletas ficam muito mais baratas e prestam muito mais serviços. Estas machinas podem passar nos logares mais apertados, até por entre as filas de automoveis e chegam naturalmente muito mais depressa aos pontos a que se destinam.

A Associação Commercial de Chicago aconselhou tambem a suppressão do cavallo nos bairros commerciaes da cidade.

OS PREJUIZOS DUM THEATRO

Em geral, os socios duma empreza theatral tratam de a liquidar ou de a passar adiante quando a exploração, em vez de lucro, dá prejuizo.

Em Chicago, não se pensa assim, pelo menos no tocante ao theatro lyrico. Apezar do grande numero de dilettanti ricaços que habitam a florescente cidade norte-americana, a Grande Opera local deu, na ultima temporada, um prejuizo de 399.275 dollares ou sejam pouco mais ou menos, ao cambio actual, 3.350 contos de réis.

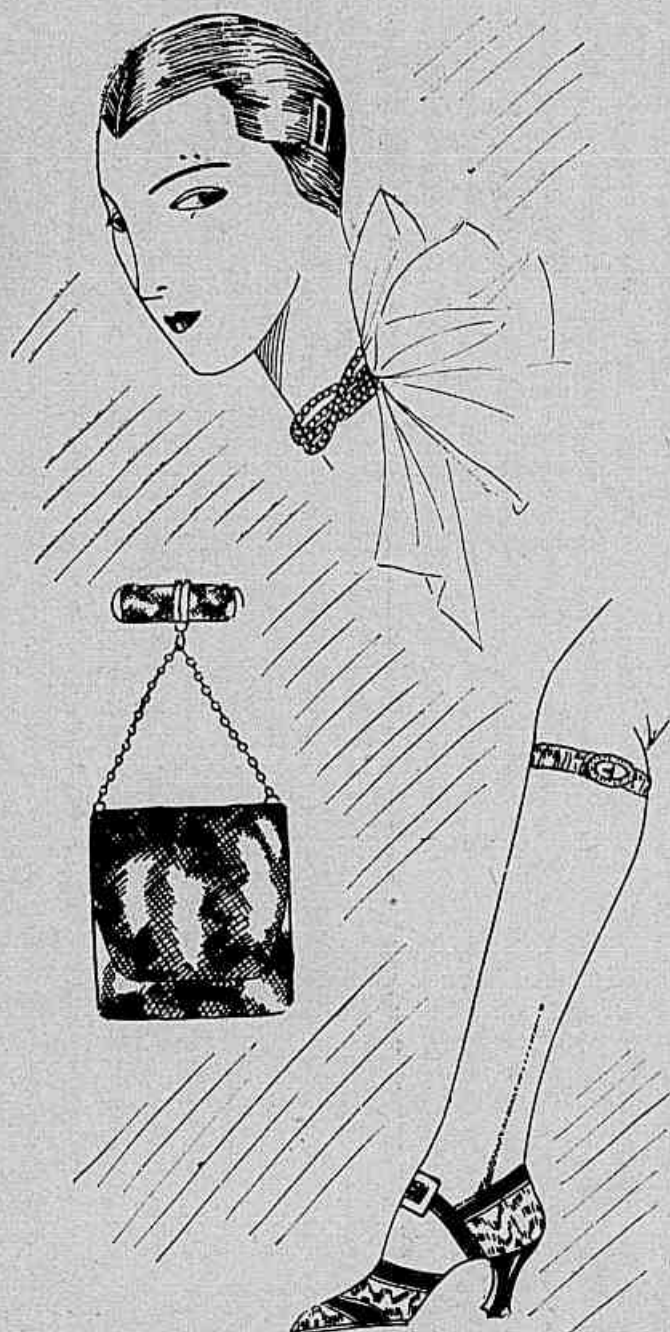
Os commanditarios do theatro, porém, não desanimaram; e na proxima estação o Chicago-Opera dará nada menos de trinta e oito operas, das quaes vinte e duas em italiano, nove em francez, quatro em allemão e tres em inglez.

Chapéo de picot beige incrustado de gros-grain azul marinha.

VESTIDOS PARA A NOITE

A moda apparece-nos, nos primeiros dias de Fevereiro, não só nos costumados modelos que desfilam, mas em reuniões de gala, onde os costureiros sabem apresentar ricas collecções que são o fructo de grande trabalho e de estudo cheio de amor por esta arte que tanta inspiração exige.

Assim, a mulher parisiense que visita nestes dias as grandes casas da rue de la Paix sáe confusa e desorientada com mil ideias que fluctuam no seu cerebro e que não lhe permittem fixar a sua predilecção entre as muitas tentações que á sua vista se offerecem como atavios de primavera.

Os costureiros evocam nas suas creações os vestidos de época com numerosos tafetás como em 1630 ou com gibões e mangas largas do seculo XVI. Outros inspiram-se na velha indumentaria persa, obtendo assim originaes creações, adaptada naturalmente ao espirito moderno. O vestido da camponeza rumena ou tchecoslovaca tambem é fonte de felizes *trouvailles* e o lendario chale hespanhol faz de novo triumphal reapparição em muitas casas.

O ultimo chic para a tarde: collar de perolas preso á nuca por um laço de tulle.

Bolsa de pelle de cobra balançando-se á extremidade de uma corrente de ouro terminada pelo indispensavel *baton* de rouge.

Liga de setim rosa, guarnecida por uma fivella de strass.

Sapato de broché com averso de cabrito ouro ou prata incrustados.

Fóra destes intentos de atrevida fantasia, cheios de encantos para a mulher que sabe dar-lhes valor com a difficil arte de vestir-se, temos a formosa collecção de vestidos para a rua, para o chá e para o dancing, para a praia e para o campo, para o theatro e reuniões nocturnas, cheios estes de uma riqueza de côr e de adornos que, embora sendo deslumbradora, fica dentro da linha sobria que continuará sendo a principal caracteristica da toilette feminina.

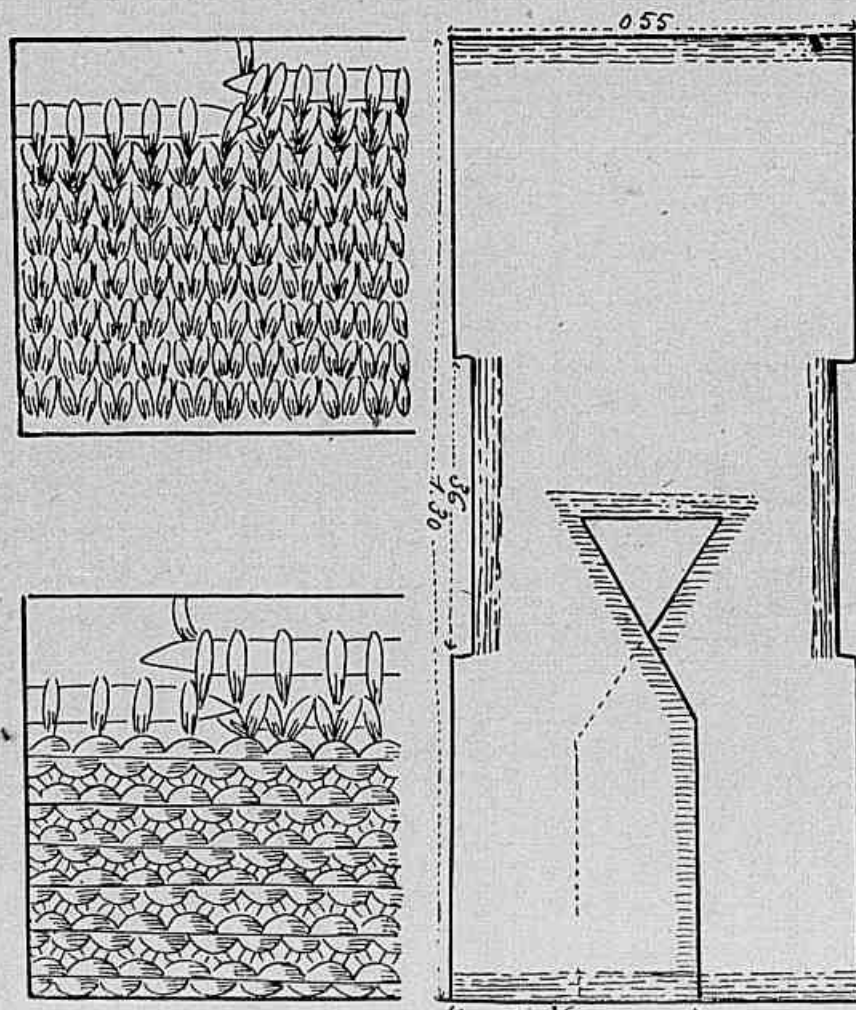
Vestido de velludo preto com corpete de meio velludo preto e fulgurante branco. Ao lado, panno de fulgurante branco preso por um ramilhete de flôres de plumas vermelhas.

Chapéo de tafetá vieux-rose, guarnecido por uma fita ouro e outra vieux-rose.

Nestes vestidos de *soirée*, ainda que permittindo diversas fantasias da imaginação pessoal, dominará a pontinha metallica; continuando esta tendencia de toilette brilhante ha em muitas collecções modelos adornados de abolórios, lentejoulas e pedras de côr dispostas em bordados cheios de fantasia ou formando simples motivos sobre suave velludo de côres diversas.

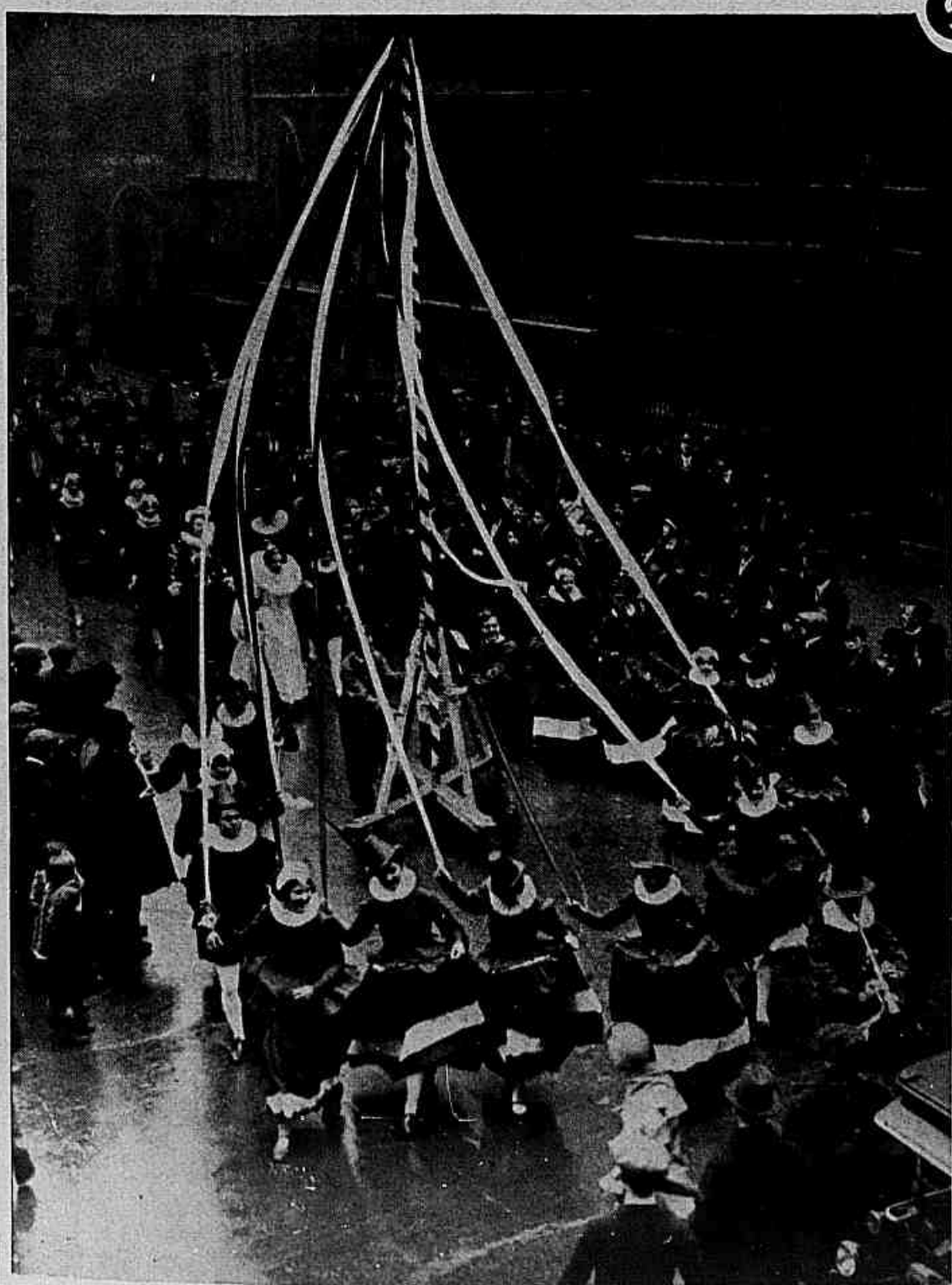
A. D'ENERY.

(Serviço do *Consortium de Presse.*)

Conjunto cujo *manteau* é de reps azul e reps cinza, incrustado em bandas e em galões. O vestido é de crêpe cinza e crêpe azul de dois tons.

COLLETE DE TRICOT

Muito facil de executar e de usar. Sob o «tailleur», aquecerá. Póde ser egualmente usado como golf, pois o seu feitio se presta. E' feito de seda Louisette: 150 a 175 grammas são sufficientes para confeccionar um do tamanho 40. Executa-se em dois pontos: o ponto jersey para o corpo e o ponto jarreteira para as bordas.

Vestido muito original cuja saia se recorta em panneaux bordados de trança de dois tons sobre um forro bordado. O bolero, bordado e debruado de trança, abre-se sobre um corpete de mesmo tom.

O QUE VAE PELO MUNDO

1 — Uma partida de veados para varios parques reaes da Inglaterra. 2 — A amizade dos cães: um pedreiro de Londres com o seu fiel companheiro, que o segue sempre, subindo e descendo escadas; aos logares mais difficeis. 3 — Mrs. Kathleen Glover, que acompanha seu marido J. A. Glover na expedição ao interior do Oeste e norte da Africa, pescou o tubarão que se vê ao seu lado na gravura, com o peso de 500 libras, nas costas do Guiné Francesa. 4 — S. M. a rainha Mary, de Inglaterra, em visita á Claremont Central Mission, o estabelecimento que se ergue no coração de Londres para creanças pobres. 5 — Rapazes e moças estudantes da Escola Central de Artes, de Londres, revivendo scenas dos dias da rainha Elisabeth. 6 — A carruagem real deixando o Buckingham Palace, em Londres, para a ceremonia da abertura do Parlamento.

Abaeté Presidente do Senado

POR ESCRAGNOLLE DORIA

A presidencia de qualquer das camaras legislativas monarchicas sempre foi considerada cargo de subida importancia, especie de sub-presidencia de Conselho, posto de quotidiana observação da politica e dos seus horizontes limpidos ou toldados.

Não tinham os nossos presidentes, como em França, honras especiaes; mas gozavam "inter-pares" e officialmente de mór apreço, robustecida a funcção pelas tradições e pela preeminencia individual.

Tinham-a exercido os homens mais representativos da nação desde o Ypiranga, desde os dias em que o paiz sahia dos seculos de sujeição colonial, desde os presidentes da Constituinte, sól d'elles José Bonifacio.

Separadas as salas, consoante antiga expressão, cada uma das cadeiras de presidencia, desde 1826, foi entregue pelo Senado e pela Camara ao escol dos seus gremios.

Assim succedeu até á Republica, que encontrou na presidencia do Senado o conselheiro Paulino José Soares de Souza, presidente dos deputados em 1877, e o conselheiro Carlos Affonso de Assis Figueiredo na presidencia da Camara dos Deputados, conhecida sarcasticamente por Camara de Finados, realizada a primeira sessão preparatoria d'ella a 2 de Novembro de 1889, dia dos Mortos.

Annunciada crise ministerial em vacillar de situações partidarias, os presidentes das duas camaras eram, em geral, chamados ao paço de S. Christovão, desejoso o imperador de ouvil-os sobre as modificações do scenario politico, pela experiencia da vida e do manejo das assembléas.

Na sessão de 1861 o Senado do Imperio elegeu presidente. Havia a substituir o Barão de Pirapama (Manoel Ignacio Cavalcante de Lacerda), representante pernambucano. Por sete annos, desde 1854, dirigira a corporação na qual fôra admittido em 1850, presidente da Camara dos Deputados de 1843 a 1844.

O eleito pelo Senado na sessão de 1618 chamava-se Antonio Limpo de Abreu, visconde de Abaeté desde 1854.

Entrara para a camara vitalicia após muito esforço, muito serviço, a proveito da carreira, a bem do paiz.

Vira primeira luz de ser em Lisbôa, no seculo XVIII apagando-se entre os pampeiros da Revolução Franceza. Formado em leis, Coimbra graduante, Abaeté seguiu a principio magistratura, ministro do Supremo Tribunal de Justiça em 1846. Desviou-o a politica da primeira senda em 1833, dando-lhe commissões de mais em mais alto: a presidencia de Minas, a deputação geral pela provincia em varias legislaturas, o ministerio de Estado, na regencia Feijó e no segundo reinado, occupando-o nas pastas do Imperio e Justiça (1835), do Imperio (1836), da Justiça, no primeiro gabinete da Maioridade, da Justiça e Estrangeiros (1845), da Fazenda e de Estrangeiros nas mesmas pastas em 1848 e 1853, finalmente na presidencia do Conselho e na pasta da Marinha em 1858.

Em novembro de 1844 concorrera Abaeté com Antonio Carlos e o marquez de Itanhaem, segundo tutor de D. Pedro II, em lista senatorial por Minas, escolhido o marquez. Nova investida em novembro de 1847, primeiro votado de lista sextupla mineira, e afinal escolhido para preencher a vaga do marquez de Baependy (Nogueira da Gama).

Empossado em 1848, anno aureo de grandezas (a senatoria, o Conselho de Estado, as pastas da Fazenda e Estrangeiros), Abaeté tinha ao ser eleito presidente da Camara alta doze annos de officio, com a antiga pratica de presidente da camara baixa, n'uma das sessões da sexta legislatura de 1845 a 1847.

Desde 1860, Abaeté caprichou em tornar-se o presidente sem par do Senado. Tanto labutou que nenhum outro o igualou, sem embargo dos talentos de antecessores e successores. Tornou-se o modelo. Quem depois de 1860 fallasse em presidencia do Senado trazia-o logo á collecção.

Comprehendeu quanto mandar é antes de tudo fazer. Madrugador no Senado, era o ultimo a vêr-lhe fechada a porta.

Nomeou-se o chefe da Secretaria, ahi installou a principal mesa de trabalho abandonando n'ella o serviço só para tratar de outro serviço.

Na constancia de labor tornou-se o oraculo, o homem que tudo sabia porque tudo vira por si mesmo.

As commissões do Senado, ao tempo de Abaeté, encontravam tarefas reduzidas ao minimo. As questões a ellas sujeitas traziam logo a marca do estudo prévio do zeloso presidente.

Quem recebesse papeis para gestação de parecer sabia previamente que Abaeté passára por alli, informando, elucidando, preparando, conselheiro discreto do collega menos activo ou mais atarefado.

Abaeté na presidencia do Senado.

(Desenho da *Semana Illustrada*.)

Arrastava o pessoal da secretaria do Senado ao comprimento exacto do dever.

Aos parasitas do Estado, sobretudo nos paizes em que a idea d'elle é pura convenção, o dever parece desaforo e tyrannia, mesmo nos dias de pagamento de ordenado sempre tido por mesquinho pelos inuteis.

No tempo da presidencia de Abaeté havia expediente nos domingos e santificados. Quantos protestos, quantos appellos á liberdade, com o maior dos LL se a medida fosse actual!

A proposito d'ella, outr'ora, os annaes do Senado registram incidente digno de ser revivido.

O visconde de Jequitinhonha nutria birra politica contra Abaeté, e o visconde era fertil em birras.

Orador escutado, interpellou o collega, da tribuna, só por opposição, taxando-o de máo christão. Accusava-o Jequitinhonha, o grande sceptico, de privar os funccionarios da secretaria do Senado de ouvir a missa dominical e a dos dias santos de guarda.

Abaeté bem comprehendeu os intuitos do collega. Em politica a carencia de cão induz a caçar com gato.

Despedia-se depois, Abaeté, aos sabbados, dos auxiliares, dirigindo-lhes invariavel saudação: meus senhores, até amanhã, depois da missa.

O sisudo Abaeté talvez sorrisse da arrancada de Jequitinhonha. A accusações ineptas ou mesquinhas o superior responde com o proverbio arabe: latem os cães, a caravana passa. A verdade no deserto, onde o oasis promette verduras e aguas ao brilho das areias, tambem se verifica no mundo moral.

Os actos não morrem, o tempo vinga. Os discursos oppocisionistas de lana caprina foram-se. A lembrança de Abaeté dura. No archivo do Senado o pesquizador encontra, a cada passo, e o passo nos archivos é o manusear de documentos, provas exuberantes de ter havido á frente da camara alta do Imperio, de 1860 a 1873, um incansavel. Papeis diversos, quadros, mappas estatisticos, em tudo surge a lettra de Abaeté para discutir, informar ou mandar.

Em 1866 o venerando presidente, nascido em 1798, tinha sessenta e oito annos, entendeu prestar ao Senado novo serviço. Reuniu a Mesa, expoz-lhe a conveniencia do formar bibliotheca privativa da corporação.

Começou a crescer modesta, installada em sobrado contiguo ao palacio do conde dos Arcos, em sala do pavimento superior, com a secretaria.

Adquire no Rio de Janeiro, manda vir obras da Europa, a bibliotheca, creação de Abaeté, foi lucrando forças, presenteada com livros pelo fundador.

Constantemente este lhe deu cuidados e se mais por ella não fez foi porque outros não quizeram fazer. O caso é diario na causa publica.

Da altura da presidencia do Senado, o visconde de Abaeté assistiu a successos magnos na historia nacional. Conduziu sessões memoraveis, bastando mencionar, dentro do seu periodo presidencial, a questão Christie, a guerra do Paraguay, a abolição até 28 de Setembro, a arrebatar o berço escravo ás cobiças do captiveiro.

Quatorze annos, dos sessenta e dous aos setenta e cinco annos de sua idade, honrou o visconde de Abaeté a primeira curul do Senado sem no trabalho denunciar velhice ou accusar cansaço.

Em 1873 entendeu finda a missão. Deram-lhe substituto, ainda senador por Minas, o visconde de Jaguary (Souza Ramos), o quinto senador mineiro presidente do Senado.

Abaeté continuou o venerado, o consultor dos provectos. Martinho Campos, apresentando á Camara o seu ministerio de 21 de janeiro de 1882, mostrou-lhe como organizára gabinete.

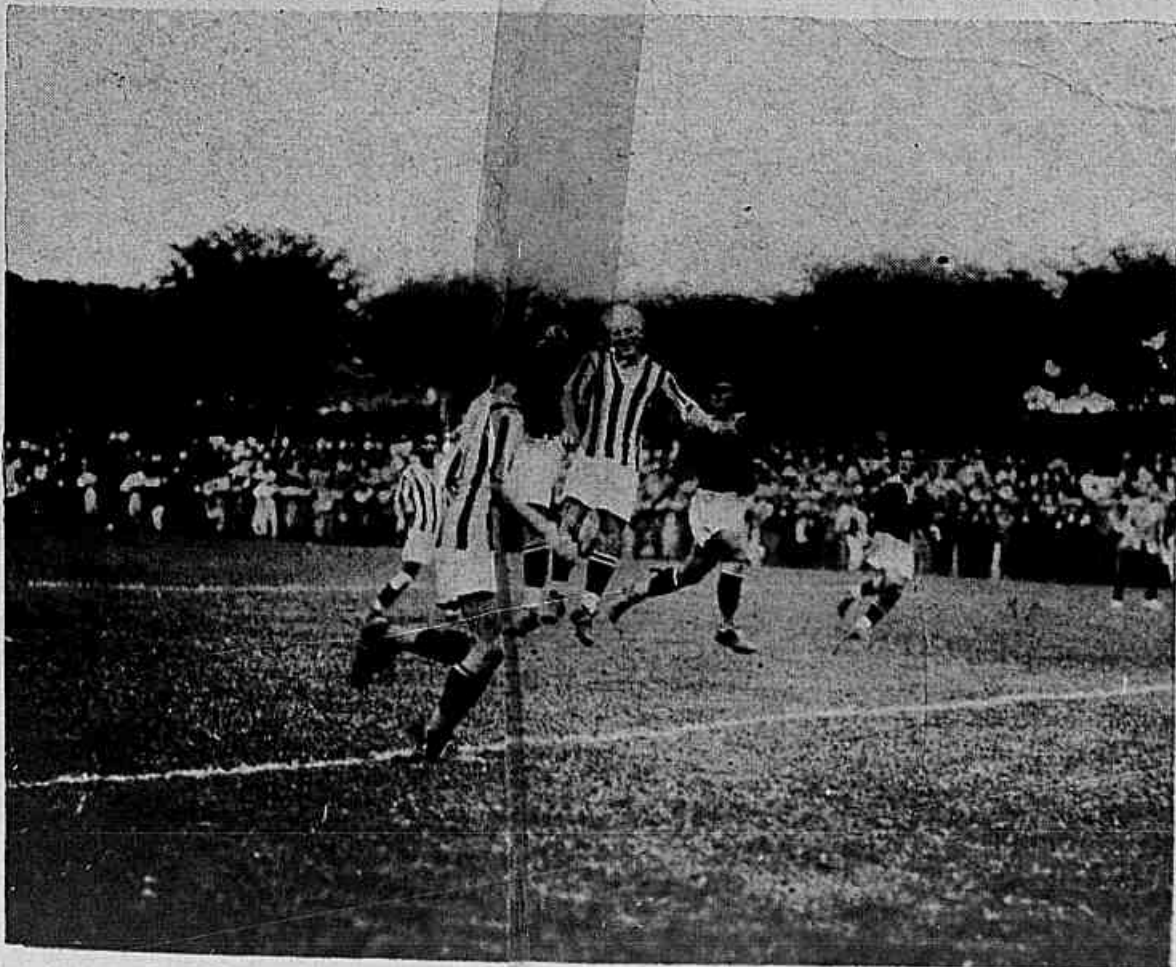
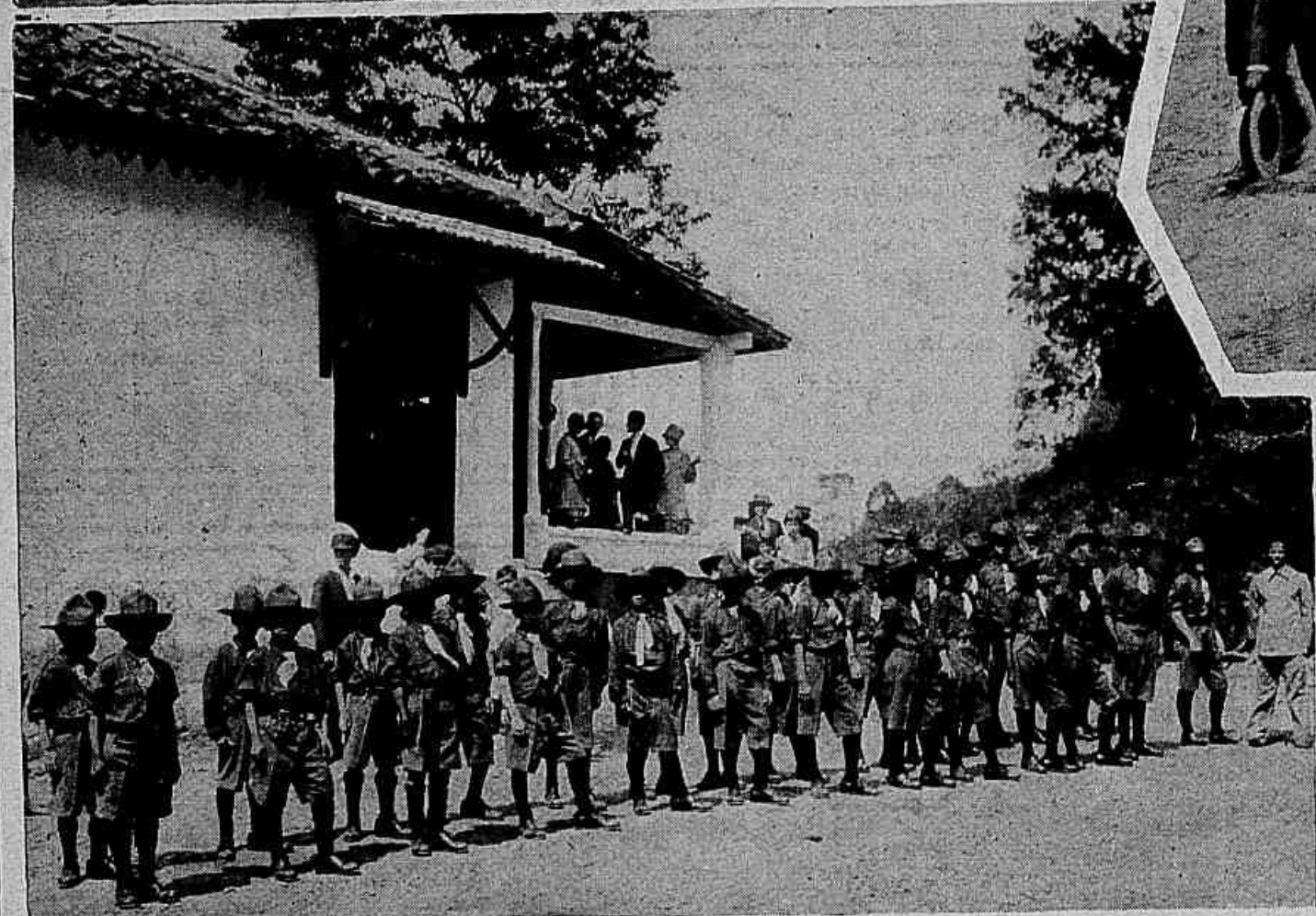
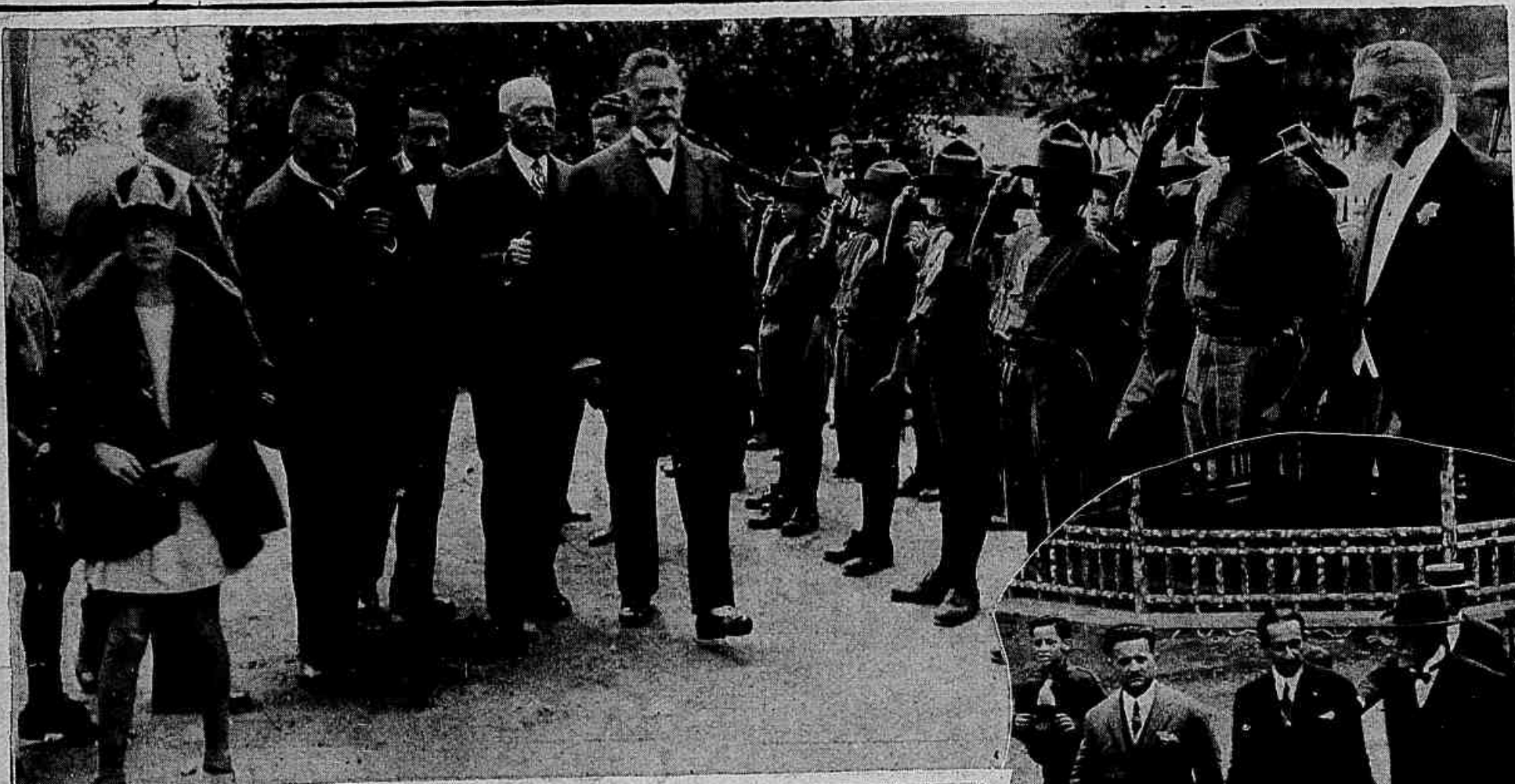
Dirigira-se a Abaeté, pedindo-lhe conselho, e d'elle ouvira: "Como amigo devo dizer-lhe que não tem o direito de recusar, porque desmentiria assim a sua vida no parlamento, desmentiria as obrigações que tem contrahido com o paiz, fazendo uma campanha parlamentar de algumas dezenas de annos sempre na opposição".

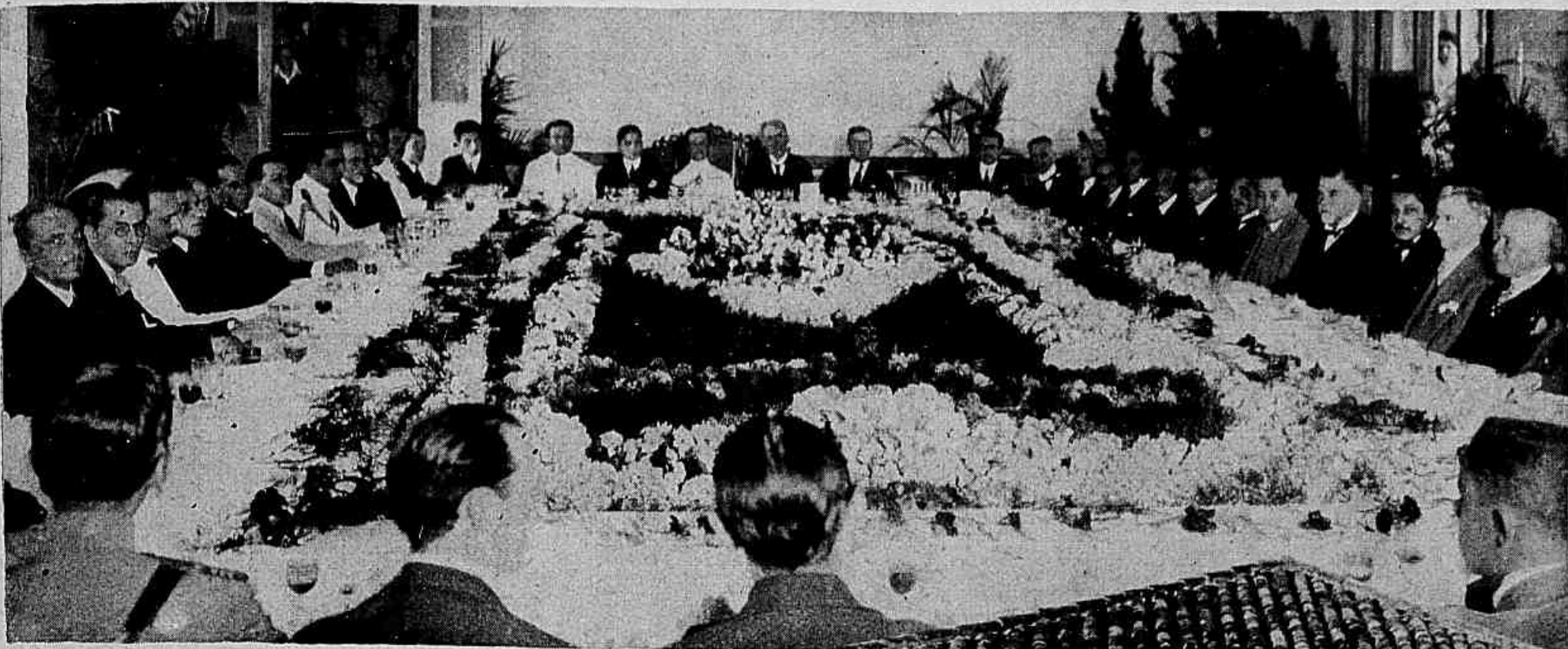
Palavras de Martinho Campos: "Abaixei a cabeça ao conselho que me dava o sr. visconde de Abaeté e acceitei-o. Voltei a S. Christovão e disse a S. M. que, á vista do conselho que me dava o sr. visconde de Aabeté, estava ás suas ordens para o serviço do paiz".

Em 1883 Abaeté succumbia. No seu tumulo a pá do coveiro não jogou terra apenas sobre cadaver illustre, atirou-a em cima de muita vida nacional, da alva da Independencia ao crepusculo do Imperio.

Escragnolle Doria

Vasco x Botafogo

O Vasco da Gama e o Botafogo, que se defrontaram no ultimo domingo, mostraram egual brilho, tanto que a victoria do primeiro se deu mediante a vantagem de um "goal" apenas, havendo marcado um total de cinco, contra quatro feitos pelo segundo. Encima esta pagina o *team* que se mediu com o Botafogo: Nelson, Hespanhol e Italia; Nesi, Claudionor e Arthur; Paschoal, Torteroli, Moacyr, Tatú e Negrito, que se vêem com mais tres *players* da reserva. Fecha a pagina o *team* vencido pelos da Cruz de Malta: Baby, Octacilio e Allemão; Alfredo, Almo e Rogerio; Ariza, Neco, João, Aché e Claudionor. Ao centro cinco gravuras fixam momentos emocionantes do encontro.

O Chefe do Estado inaugura o Patronato de Menores em Therezopolis

Com solemnidade e em presença dos srs. Presidente da Republica, ministro da Justiça, presidente do Estado do Rio e altas autoridades, foi inaugurada a Casa de Preservação do Patrronato de Menores, em Therezopolis, com capacidade para cem educandos e destinada á protecção da infancia abandonada que ahi receberá instrucção primaria e profissional.

1 — A chegada de s. ex. o sr. Washington Luis, presidente da Republica, em companhia dos srs. ministro da Justiça, juiz dos Menores e Francisco Sá ao local onde se inaugurou a Casa de Preservação. S. ex. recebe a continencia dos primeiros abrigados. 2 — S. ex., percorrendo as dependencias do Instituto, passa diante ao caramanchel destinado a sala de aulas da Casa de Preservação. 3 — Grupo de abrigados, diante de uma das dependencias. 4 — O içamento da bandeira brasileira diante da Casa de Preservação, após o acto inaugural. S. ex. o sr. Washington Luis tem á esquerda os srs. Feliciano Sodré, presidente do Estado do Rio, e Mello Mattos, juiz de Menores, e á direita os srs. Francisco Sá e Vianna do Castello, ministro da Justiça. 5 — A mesa do banquete offerecido ao sr. Presidente da Republica após a solemnidade da inauguração. 6 e 7 — Grupos de creanças, senhoras e senhorinhas presentes. 8 — S. ex. o sr. Presidente da Republica, entre os srs. presidente do Estado do Rio e ministro da Justiça e rodeado de autoridades, familias e convidados, numa das dependencias da Casa de Preservação, protegida pelos pinheiros caracteristicos da linda cidade serrana. 9 — A chegada do sr. Presidente da Republica a Therezopolis. O automovel presidencial atravessa as estradas poeticas da cidade do Paquequer, seguido pelos da comitiva de s. ex., procedentes todos de Petropolis.

Introducção do romance « A Cidade do Sol », do major Sarmento de Beires, até agora desconhecido no Brasil e acabado de se imprimir, no Porto, em 25 de Dezembro de 1926.

Eclipsadas pela corrupção da época as aspirações nobres do espirito humano, surgem como idolos que a multidão adora o bezerro de oiro, o bastão de comando, a figura sádica da volupia.

O egoismo avassala as almas. A felicidade concretiza-se para a maioria num montão de libras, num logar de chefe não importa saber de quê, no deboche dum prazer que se compra.

A justiça deixou de ser uma virgem de olhos vendados, para ser a megera hedionda sem escrupulos, sem noção das proporções que, vencida pelo temor ou pela coacção, deixa o crime impune ou decide a favor do mais poderoso.

Anda a hipocrisia á solta. A humanidade perdeu a consciencia da sua propria consciencia.

E uma rajada de loucura e odio revolve tempestuosamente o mar de lama em que a sociedade se submerge.

No entanto, se racionalmente não devemos admitir o dogma da bondade natural do ser humano, não devemos tambem, logicamente, considerar o ser humano como fundamentalmente mau.

Entre o fervilhar das paixões e dos interesses que asfixiam as aspirações de justiça e fraternidade nos nossos dias, ha fachos de luz que bruxoleiam através da atmosfera densa, ha movimentos de opinião sinceros e puros, frementes de energia, que anseiam por dar combate á degradação dos costumes.

Não é Portugal o unico paiz em que o mal, em todos os seus aspectos, vem destruindo a harmonia social.

A degradação é geral. Por toda a parte se verificam os mesmos pródromos alarmantes: a politica de corrupção, a imprensa vendida, a bacanal infrene, a miseria esquecida, o negocio ganancioso.

Mas é Portugal o paiz onde mais desconsoladoramente se verifica a inércia da massa perante os factos. A nação portugueza, velha matrona indiferente, dormita impassivel, cruzados os braços sobre o abdomen, á espera, talvez, dum D. Sebastião salvador.

Não se ouve um grito, porque se algum grito sôa a força espuria dos interesses maquiavelicos afoga-o no silencio da grande imprensa, nos insultos gratuitos dos porta-vozes da baixa politica, na insinuação perfida, nas accusações sem base dos ambiciosos de negocio escuro.

E assim se vae vivendo...

Entre as causas do grande desvario, afigura-se-nos terem logar primacial certas vulgarizações baratas das doutrinas materialistas.

Não confundamos, porém, materialismo com racionalismo.

O ultimo impõe-se nesta época em que, a par da tragedia social, e talvez devido á expansão daquelle materialismo, o cerebro humano tem concebido algumas das mais formidaveis maravilhas de toda a historia.

A propria definição de racionalismo — sistema fundado sobre a razão, oposto aos sistemas que se baseiam na revelação — deveria bastar para que toda a humanidade consciente o perfilhasse.

Descartes, proclamando igual, em todo o ser humano, a faculdade de discernir o verdadeiro do falso, foi um racionalista.

Aliás o materialismo, esse systema que reduziu todo o universo á unidade da materia, tornando-a consequentemente o fulcro unico da nossa actividade, parece-nos ser, á propria luz do racionalismo, uma negação da inteira realidade.

Como a grande massa não analisa a argumentação nem profunda as teorias, o materialismo entrou no espirito das multidões sob uma fórma simplista, destruindo todos esses principios que estão para além da materia—moral, justiça, mutualidade, amor, bondade — transformando a vida num culto á divindade-corpo, numa luta desesperada pelo bem estar do organismo, na extorsão, por todos os meios, ao mundo exterior, dos factores duma vida de conforto e satisfação material.

A vida reduziu-se afinal a um conjunto de funcções organicas e — heresia suprema — ousou-se classificar, entre ellas, a funcção pensante.

O pensamento transformou-se numa secreção cerebral.

Ora, invocando ainda o racionalismo de Descartes, nós podemos admitir que todos os nossos conhecimentos são dominados por certos principios supremos fornecidos pela razão.

A razão afirma-nos a sua propria existencia, fora da materia.

O pensamento é, consequentemente, não uma secreção cerebral, mas a manifestação da razão através do cérebro.

E a razão é um atributo do espirito.

Assim atingimos a ponte de ligação entre o racionalismo e o espiritualismo.

mesma razão, não refuta as religiões. As religiões enfermam do mesmo mal.

E comtudo nós encontramos entre ellas, no Budhismo, o espirito racionalista.

Gautama Budha ensinou que o dever dum pai consiste em fazer instruir seu filho nas sciencias e nas letras. Ensinou tambem que não devemos crer nas afirmações dos sabios, dos livros ou da tradição, desde que não estejam de acôrdo com a nossa razão.

A CIDADE DO SOL ❦ ROMANCE METAPSÍQUICO ❦ PELO MAJOR SARMENTO DE BEIRES

LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA
DE A. M. TEIXEIRA & C.ᴬ (FILHOS)
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 17—LISBOA
MCMXXVI

A capa do romance de Sarmento de Beires.

Deve notar-se que não pretendemos negar a legitimidade do materialismo filosófico; mas o materialismo observa apenas um aspecto da realidade.

O neo-espiritualismo, objectivado ao maximo nas theorias teosoficas, não desmente a legitimidade das teorias que o combatem. Considera-as como prismas de visão limitada, que não abrangem a realidade em toda a sua amplitude. Pela

Ha nestes ensinamentos uma evidente revolta contra a fé arbitraria, contra o dogma.

O espiritualismo racional é uma das grandes armas de combate á situação social da época presente.

Oxalá não seja esquecida a falencia das seitas religiosas como obstaculo á immoralidade, á injustiça, á perversão, pelos orientadores do neo-espiritualismo!

Perder-se-hão assim os resultados conseguidos já em todo o mundo por essa força poderosa que tendia á espiritualização da Humanidade pela Razão, e que se submergirá agora nas grosseiras formulas dum fideismo novo.

Para salvar o espiritualismo é necessario libertal-o desse falso misticismo e do dogmatismo que o diminuem, propagá-lo como theoria filosofica moral e logica, e finalmente aproximál-o da multidão no seu aspecto mais acessivel e mais afirmativo.

O problema espiritualista tem preoccupado sob esse aspecto — o metapsiquismo — grandes intelligencias contemporaneas: William Crookes, Lombroso, Flammarion, Charles Richet, Schrenck, Notzing, René Sudre, Geley, William James, Bergson, Maeterlinck e tantos outros.

Não ha problema mais emocionante que o problema da nossa vida espiritual, ao qual estão intimamente ligados o problema da Felicidade Humana, o problema das nossas faculdades psíquicas, o problema da Morte.

Ninguem desconhece os numerosos factos extranhos que, com incremento sensivel no seculo actual, se estão dando no mundo, sem que a sciencia oficial consiga explicá-los.

Poderiamos citar alguns. A longa documentação do relatorio da "Society for Psychical Researches", ou da obra "La mort et son mystere", de Camille Flammarion, para não mencionar outros trabalhos, justifica a nossa abstenção.

O problema metapsiquico conta hoje, de resto, quer no aspecto de suas manifestações, quer no seu aspecto teorico e filosofico, uma bibliografia que atinge alguns milhões de volumes.

Portugal, porém, aparte uma pequena minoria de curiosos, entre os quais rareiam os espiritos analiticos e de criterio scientifico, tem-se mantido indiferente á nova sciencia.

Ha uma incontestavel falta de coragem para afirmar, ha uma evidente desorientação nas investigações, e um desinteresse absoluto pela questão, por parte de quem, com bases scientificas e categoria intelectual, tinha o dever de se aventurar nestas paragens misteriosas, onde a fraude, muitas vezes inconsciente, tem surgido ao lado de factos reais, lançando sobre os ultimos uma atmosfera de suspeição e duvida.

***

A *Cidade do Sol* provocará por isso, entre o reduzido numero de pessoas alheias ao assumpto que se derem á distracção de nos ler, um gesto de indiferença, um sorriso sceptico, talvez um sorriso de piedade.

Expondo sob esta forma as possibilidades psiquicas do ser humano, deixando entrever a acção vigorizante e moralizadora das teorias neo-espiritualistas na sociedade, nós aspiravamos despertar nos meios intellectuais e illustrados a curiosidade pelo assunto, conscios de que é necessario promover entre nós, analogamente ao que se está fazendo no extrangeiro, o estudo e a investigação das leis que regem os fenomenos desta natureza, a analise critica desses milhares de factos que continuamente nos chegam aos ouvidos e que é indispensavel coligir, escolher, e rejeitar sempre que não oferegam garantias absolutas de autenticidade — mas reconhecendo publicamente tudo quanto fôr, na realidade, incontroverso.

Talvez nos acusem de confusos em certos pontos. Atribuir-nos-hão talvez intenções metafisicas que não tivemos.

O nosso trabalho foi concebido especialmente para aquelles que já sobre o assunto teem alguns conhecimentos. A nevoa que poderá embaciar a clareza de certas paragens é consequencia, em parte, dessa circunstancia.

***

Duas palavras ainda sobre o titulo.

Pouco tempo antes do romance dar entrada no prelo, informaram-nos da existencia duma obra de Campanela, "La ciudad del Sol".

Não havendo qualquer ponto de contacto entre o nosso trabalho e o livro hespanhol que desconheciamos, resolvemos manter o titulo, com a consciencia livre de qualquer intenção plagiaria.

José Manuel Sarmento de Beires
Maj.

O illustre scientista, general Raymundo Seidl, no Gremio Republicano Portuguez, ao fazer, ha dias, uma conferencia sobre o novo livro de Sarmento de Beires.

CONFORTAVEL

Meu marido me disse hontem, amimando-me o braço, que eu aliás nunca suppuz estar tão roliço!:

— Você está ficando confortavel, filhinha...

No momento, como elle acompanhasse a observação com um beijo dos bons, não lhe prestei grande attenção, tomando até o adjectivo como um elogio. Só depois, durante o dia, é que a expressão com que foi dito me voltou... Confortavel?... Repeti uma, duas, trez vezes a phrase a mim-mesma... Espremi-lhe por assim dizer todo o sumo... fil-a de novo resôar a meus ouvidos e pareceu-me... pareceu-me que echoava num vago som de ironia...

Confortavel?... O que quererá dizer com isto?... Com meu marido nunca se sabe ao certo. Parece falar sério por vezes, e está brincando; doutras, é o contrario... Intelligente como nenhum o demonio do homem!...

E' muito mais intelligente do que eu, mas eu sou mais esperta...

Confortavel?... Será que... que me esteja achando gorda?... O susto fez-me dar um pulo até ao espelho.

Terei engordado?... Mirei-me e remirei-me, olhei-me e reolhei-me, fitei-me, contemplei-me, observei-me, considerei-me, detalhei-me, estudei-me, analysei-me... vendo, revendo, antevendo, prevendo todas as eventualidades da catastrophe. Emfim, como não houvesse mais verbos para exprimir a attenção com que me supputava o augmento insidioso da banha, larguei o espelho e deixei-me cahir na poltrona mais proxima, meditando

Confortavel... elle disse confortavel e disse-o—agora é que nitidamente o recordo — com aquelle clarãozinho de zombaria que lhe filtra entre as palpebras, quando me vai pregar alguma peça... Mas o beijo?... Sim, é innegavel que o beijo foi um desmentido formal ás latentes malicias da insinuação. Foi um beijo bem dado, na accepção da palavra... e da cousa... Um beijo de namorado e não de marido. Confortavel, porém?!... Terá sido aviso... conselho... verificação deleitada... motejo?... Perco-me num mar de conjecturas. E' indubitavel que tomei corpo depois de casada.

Não teria sido decente, aliás, conservar aquella silhueta de taquara verde, aceitavel quando muito para a garota sem consequencia que eu era então. Como senhora de meu marido, porém, precisava de mais respeitabilidade, mais *physique de l'emploi*. Não me excedi, entretanto, neste physico imprescindivel. Ainda não peso cincoenta e dois kilos... Aquelle confortavel, toda-via, não me sáe dos ouvidos, onde se prolonga numa toada de obsessão.

Confortavel?... Obesa é que queria dizer, certamente... obesa, e feia, e aborrecida, e indesejavel... Meu Deus!... Meu Deus, que logro o casamento!...

E porque damos nós tanta importancia, afinal, ao que pensa, ao que diz ou não diz de nós o nosso marido?...

Aposto que o meu, se o chamasse de confortavel, tomaria logo o epitheto como elogio, não se detendo nunca em perder tempo com estas subtilezas de expressão e nuanças de sentimento.

Os homens são muito mais inteiriços nas suas sensações, não percebem os matizes...

Confortavel?... Póde querer dizer gorda, avelhantada, fóra da moda...

Póde igualmente ter querido traduzir apenas a sensação de bem-estar ressentida junto a mim. Achou-me talvez gostosa, appetecivel, apropriada ao conforto do seu prazer e á ternura de seu carinho.

Confortavel?... Elogio ou remoque?...

Pendo mais para este ultimo. Já vamos fazer dois annos de casados e, depois deste lapso de estagio matrimonial, os elogios já não são tão moeda corrente.

Confortavel!... Enceto hoje mesmo ao jantar um regimen para emmagrecer, não quero comprometter a minha felicidade só por causa de uma gordura importuna que nem siquer tem a vantagem de embellezar-me. Confortavel?...

Porque me terá elle dito isto, meu Deus?!...

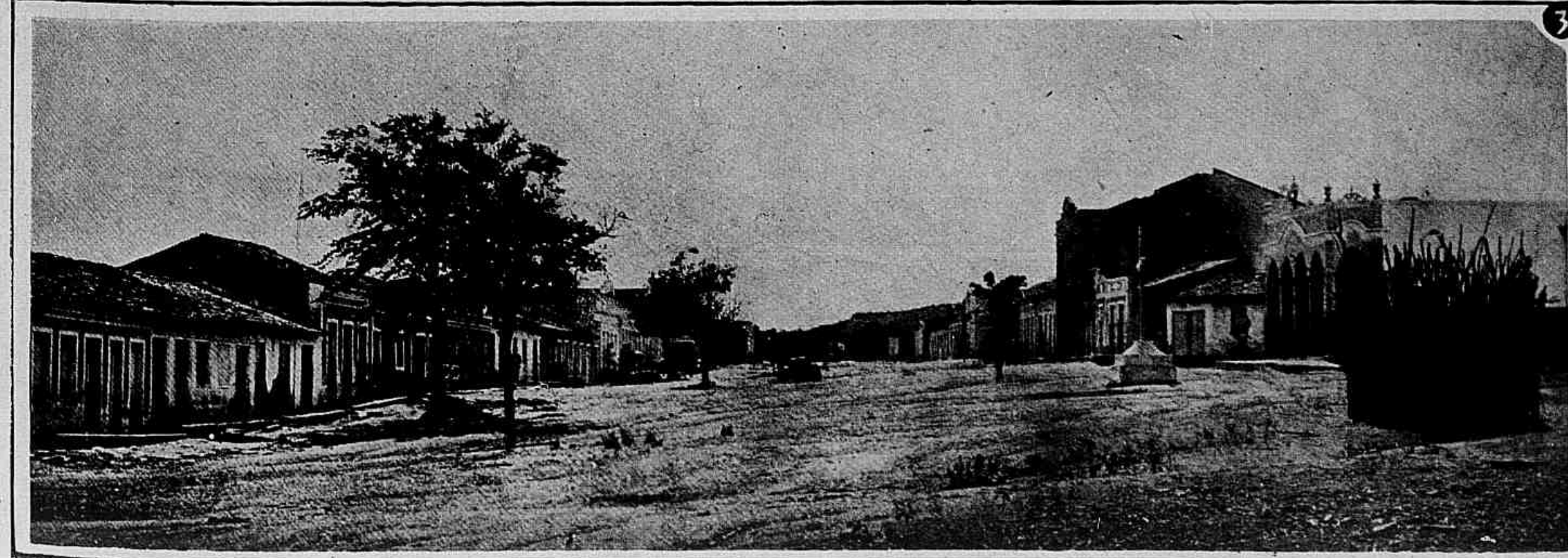
E porque gosta afinal a gente, com tal soffreguidão e tal abandono, destes maridos que tão mal nol-o retribuem?...

Confortavel... Comparou-me naturalmente a outras mais finas, mais elegantes.

Comparar já é um começo de infidelidade. Se compara é porque já não me reputa incomparavel... Terei engordado tanto assim?... O espelho e o bom senso me dizem que não. Se engordei, no emtanto, a culpa é delle, só delle... Porque vive a trazer-me guloseimas todas as tardes? Não tenho culpa de ter bom paladar.

Confortavel... que horror!... Começa provavelmente a querer-me menos... talvez seja isto até o prenuncio de minha desgraça... quem sabe? Ah! porque nos casamos nós?... Porque nos empenhamos tanto em casar-nos?... Desgraça é ficar a gente á mercê de uma phrase menos comprehendida, de um gesto mal interpretado, de uma entoação de voz, neste desconforto, nesta agonia... Confortavel?... Preciso tirar isto a claro... Se fôr debique ha de m'o pagar... e com juros!... Se fôr elogio — que fraqueza ignominiosa a do nosso absurdo coração...! — pagar-lhe-ei eu... e com que jubilo!...

Maria Eugenia Celso

As arremettidas de "Lampeão"

«Lampeão», o bandido cujo retrato encima as gravuras que aqui publicamos, continúa a sua faina de flagellar as pacatas localidades do nordeste. Registramos uma das suas ultimas façanhas: a incursão em Olhos d'Agua das Flores.

1 — Predios que «Lampeão» incendiou em Olhos d'Agua, no municipio de Sant'Anna do Ipanema. 2 — Automovel do representante da Standard, incendiado por «Lampeão» em Olhos d'Agua das Flores. 3 — A povoação de Olhos d'Agua que «Lampeão» invadiu com os seus cangaceiros e onde commetteu os maiores horrores.

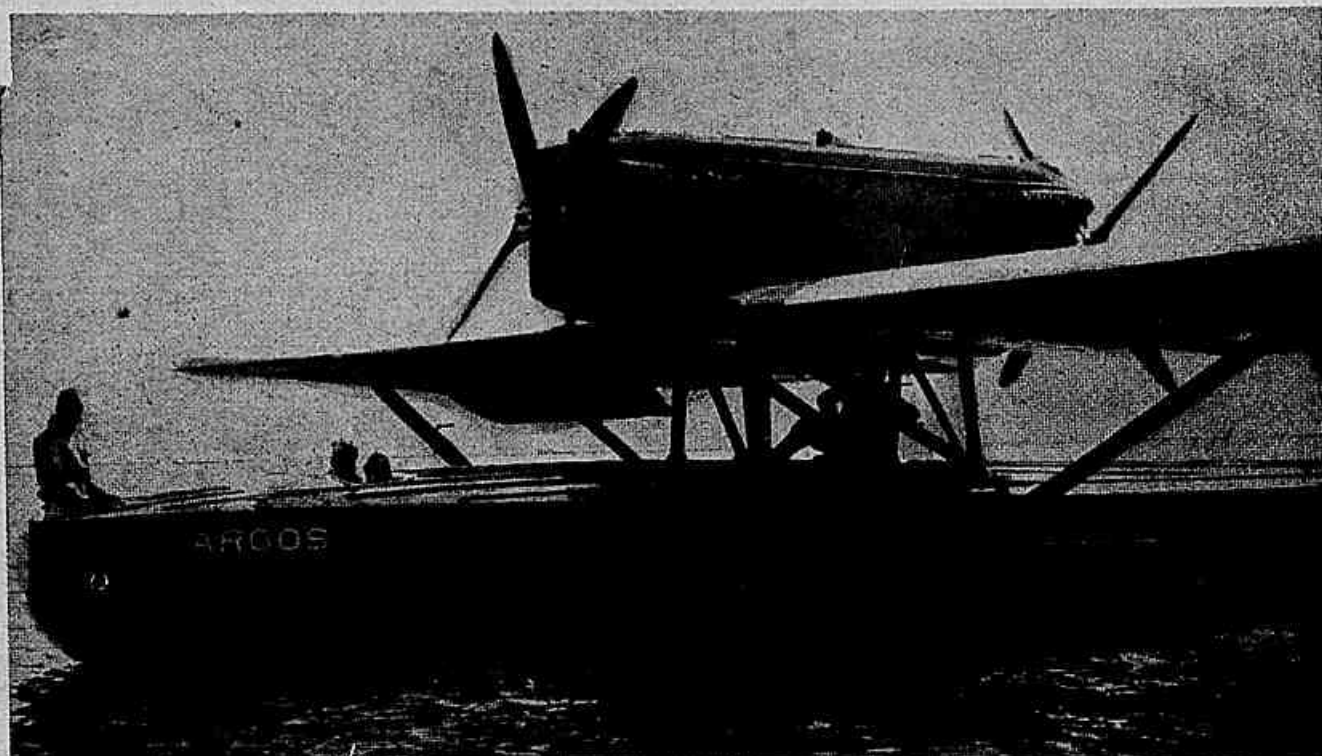
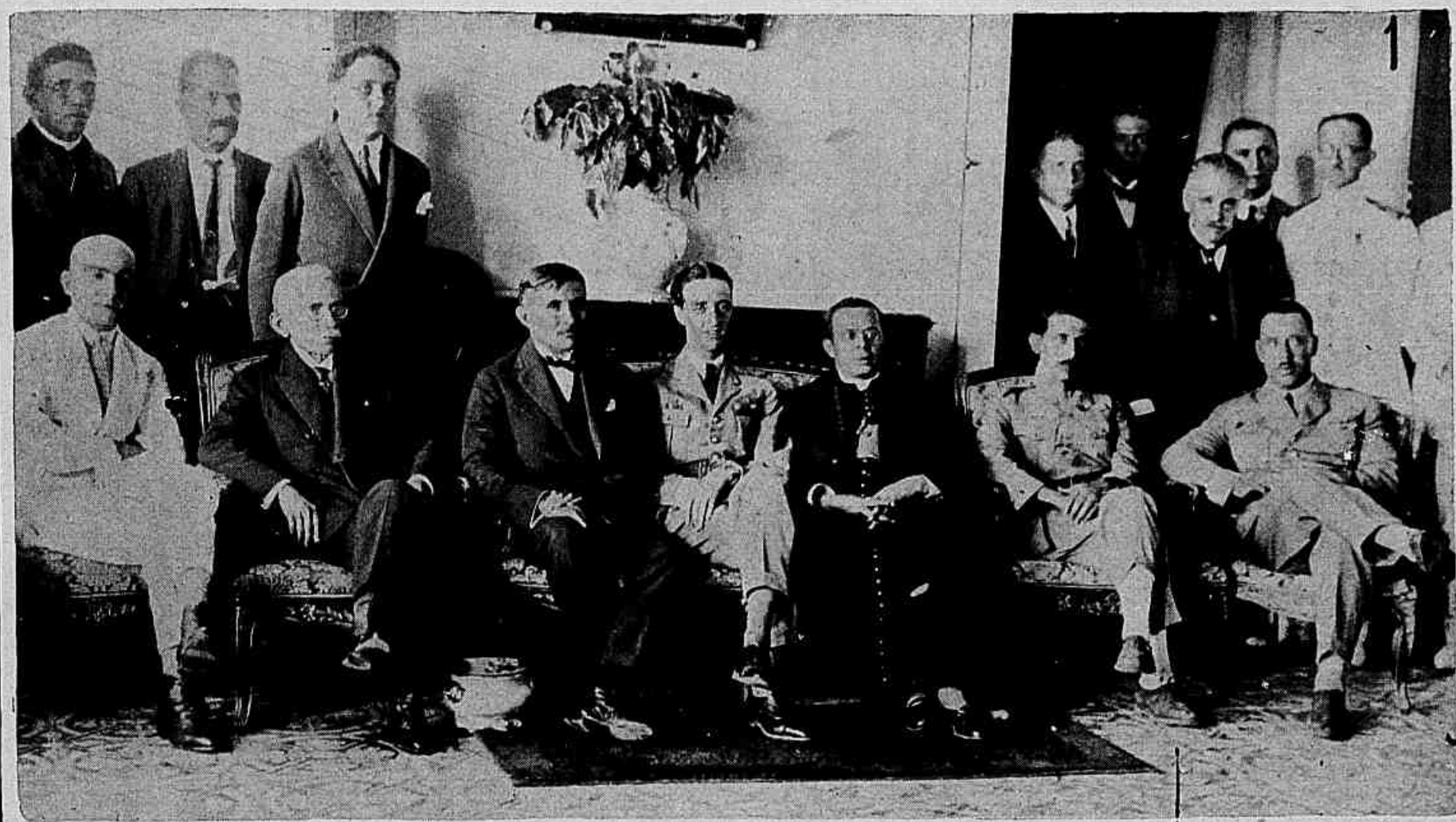
"ARGOS"

O AVIÃO DA GLORIA

A trajectoria que vem traçando o «Argos» na sua carreira para a gloria é uma nova pagina da epopéa que Portugal addiciona á sua Historia resplandecente de heroismo e de arrojo. Lançando o Avião da Gloria aos espaços, a velha nação dos Navegadores e Descobridores continua a vibrar no esplendor do vitalidade, ansiosa de se engrandecer ainda mais perante o mundo que já havia glorificado o feito de Sacadura Cabral e Gago Coutinho.

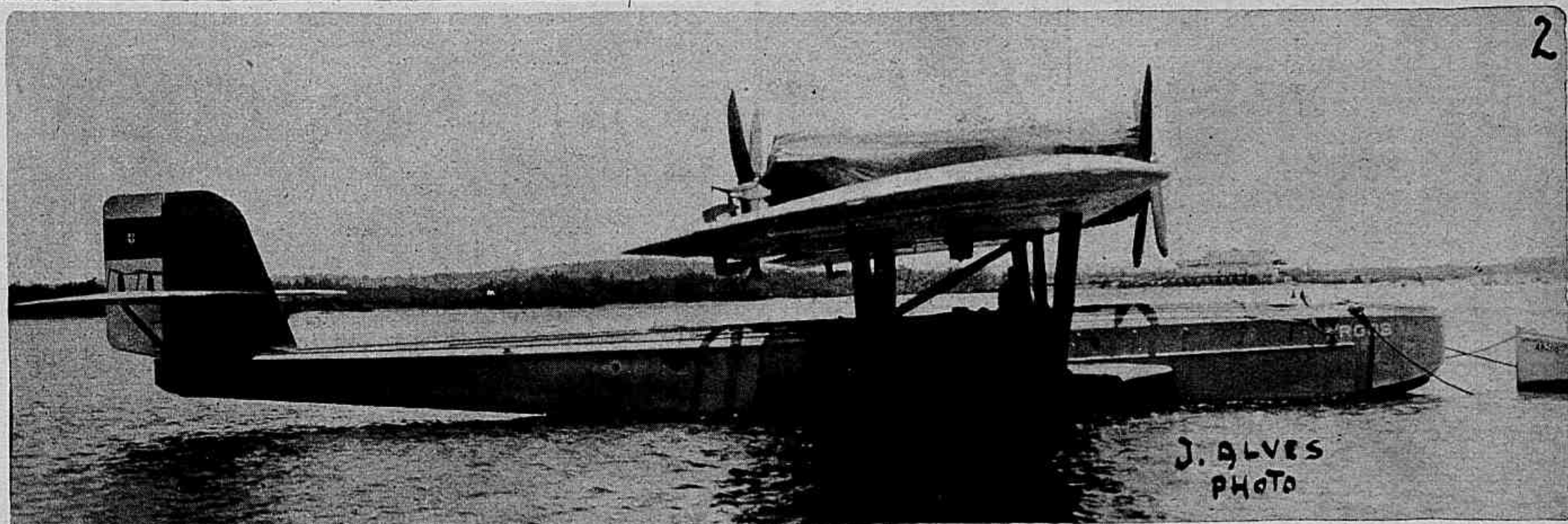
Ninguem melhor do que os brasileiros poderá participar do orgulho dos lusos, que revêem nas asas do «Argos» os pannos enfunados das suas caravellas predestinadas. Ninguem melhor do que nós, que sentimos que é a nossa Raça, que são os nossos irmãos que cortam os ares, ousados e heroicos, attestando na edade presente o fulgor incomparavel do seculo das Descobertas. Nautas do Oceano! Nautas do Azul! Portugal repete nos ares a epopéa com que illuminou o seio profundo dos mares.

1 — Sarmento de Beires e os seus companheiros quando da sua chegada a Alverca, de regresso do extrangeiro, onde fôra adquirir o hydro-avião «Argos», hoje coberto de gloria. 2 e 3 — Dois aspectos da partida do «Argos» para o grande vôo. A' esquerda; o Avião da Gloria momentos antes da largada; á direita: o avião com a equipe completa que fez o *raid* até Bolama: major Duvale Portugal, mechanico tenente Gouveia, major Sarmento de Beires e capitão Castilho. 4 — O baptismo do «Argos», realizado em Lisbôa.

(*Photos do «A B C» de Lisbôa*)

Os nautas do "Argos" em Natal

As gravuras desta pagina fixam os primeiros contáctos dos gloriosos tripulantes do "Argos" com o Brasil continental, após a etapa Fernando Noronha — Natal. O carinho com que os poucos brasileiros que ha na ilha solitaria do Atlantico receberam os Cavalleiros Alados de Portugal avolumou-se na pequena cidade do norte, primeiro ponto da costa brasileira tocado pelo "Argos", traduzindo a sinceridade impetuosa do affecto brasileiro. 1 — A recepção aos heróes do "Argos" no Palacio do Congresso do Rio Grande do Norte, em Natal. O commandante Sarmento de Beires tem á direita o governador José Augusto e á esquerda o bispo de Natal, o major Castilho e o tenente Gouveia. 2 — O "Argos", após haver pousado no porto de Natal, rebocado pelo "Arago" no rio Potengy. 3 — Os aviadores junto do monumento erigido á memoria de Augusto Severo. Ao centro, Sergio Severo, filho do martyr do "Pax", tendo á esquerda Sarmento de Beires e Gouveia, e á direita Castilho e a senhora Sergio Severo.

3

J. ALVES
PHOTO

Noticiario Elegante

ANNIVERSARIOS

No dia 2 — a sra. viuva Tito Augusto Portocarrero; a senhorinha Dina de Oliveira Mello; a menina Edith Zagari Leitão; o dr. Lemgruber Filho; o general Luiz Barbedo, figura do maior realce no exercito brasileiro; o dr. Antonio Passos.

No dia 3 — as senhorinhas Zelia da Graça Autran, Martha Helena Caldas, Laura Unzer e Carmen Paes Leme; o capitão de mar e guerra Huet Bacellar; o dr. Lauro Muller Filho; o sr. Ricardo Salermo da Silva Siqueira.

No dia 4 — a sra. Helena de Medina; as senhorinhas Etelvina Mattos, Silvia da Silveira e Luiza de Campos Mello; os drs. Solfieri de Albuquerque, Olavo de Araujo Góes e Armando de Oliveira; o barão do Cabo Verde; o nosso confrade Agenor de Carvoliva; o dr. Francisco Sá Filho, deputado federal.

*

Passa tambem nesse dia o anniversario do bispo de S. Paulo, S. Ex. Revma. d. Duarte Leopoldo. O illustre principe da Igreja, orador e escriptor de merito é membro da Academia Paulista de Letras, onde occupa ao lado de monsenhor Manfredo Leite uma das cadeiras destinadas aos theologos.

*

No dia 5 — as sras. Vicentina Neiva de Figueiredo e Antonio O' Reil; as senhorinhas Dulce Rodolpho Baptista, Beatriz Fernandes, Maria Luiza Maurity, Celina de Miranda Corrêa e Cecilia Braga; o ex-presidente Alfredo Backer, o almirante Oliveira Sampaio; o deputado Augusto de Lima, que é tambem figura de relevo na Academia Brasileira; os drs. Carlos Eiras e Arthur Seixas; o sr. Virgilio Vidal Leite Ribeiro.

No dia 6 — a senhora Joaquim Bivar; senhorinhas Odette Pereira Braga, Herminia Aarão Reis e Stella Mangia de Oliveira; os commandantes Leitão de Carvalho e Washington Perry de Almeida; o dr. Henrique Paulo de Frontin; o sr. Paulo Alves de Souza, corretor de nossa praça; o illustre escriptor e academico Goulart de Andrade.

A gentil senhorinha Dolores Cruz, filha da nossa brilhante collaboradora sra. Rachel Prado.

No dia 7 — as senhoras Deoclecio Costa, Clarinda Soares Carneiro e Abelardo de Araujo; a senhorinha Carmen Loureiro; a festejada *diseuse* e notavel esculptora senhorinha Margarida Lopes de Almeida; o commandante Aquino de Freitas; o inspector escolar Chermont de Brito.

No dia 8 — as sras. Carmen Campos Caldas, Carolina Cadet de Souza Tavares; as senhorinhas Helena de Andrade Guimarães, Hilda Deschamps Cavalcanti, Hilda Boamorte, Iracema Gonçalves Ferreira, Helena Ramos, Izabel Nery e Maria Eugenia Coelho da Rosa; o commandante Raul Tavares; o industrial Klepscké; o sr. Alberto Herdy Alves; o nosso confrade João Monte; o prof. A. Cardoso, official de gabinete do prefeito de Nictheroy.

NOIVADOS

— a senhorinha Maria da Gloria de Azevedo e o dr. Miguel Couto Filho;

— a senhorinha Adelaide Dias de Freitas e o sr. José Medeiros da Cunha;

— a senhorinha Ruth Raymundo da Silva e o sr. Nelson Machado;

— a senhorinha Maria José Branco e o sr. João Prista Sobrinho;

— a senhorinha Maria Castilho e o sr. Luiz Fernandes.

— a senhorinha Margarida Martins de Souza e o dr. Mario Machado Nunes, engenheiro civil.

*

Em S. Paulo: — a senhorinha Cecilia Pompêo do Amaral e o sr. Luiz Street.

CASAMENTOS

— a senhorinha Conceição Graciano e o sr. Manoel Maria das Neves;

— a senhorinha Delphina Arêas e o sr. Eduardo da Silva Abreu;

— a senhorinha Corina de Lima e Silva e o sr. Paulo Estevão de Berredo Carneiro;

— a senhorinha Maria de Oliveira e o sr. Edgard Honorio Guedes;

— a senhorinha Ajoanna Antunes e o sr. Nestor dos Guimarães Peixoto;

— a senhorinha Elvira de Mello Leite e o sr. Hermann Heinrick Alfred Werneck.

DIPLOMATAS

Para Buenos Aires seguiu, acompanhado de sua esposa, o dr. José Rodrigues Alves, embaixador do Brasil na Argentina.

O illustre diplomata, que conta com um elevadissimo numero de amigos, teve o seu embarque muito concorrido, tendo a distincta senhora José Rodrigues Alves recebido muitas flores.

*

Seguiu para o Chile, onde vae assumir o seu posto de secretario de embaixada, o dr. Carlos Maximiliano de Figueiredo, que exerceu posto identico junto á nossa legação no Vaticano.

Embaixador Montagna

Recebemos as despedidas de s. ex. o sr. Barão Montagna, illustre embaixador da Italia no Brasil, que vem de deixar o posto onde tanto honrou a sua nobre terra.

O illustre diplomata, a despeito do pouco tempo que esteve entre nós, soube crear em torno da sua insinuante personalidade uma atmosphera de immensa sympathia e, partindo, leva a nossa sincera saudade.

*

O ministro de Cuba e a senhora Barnet y Vinageras offereceram quinta-feira passada, no palacete da Legação, um jantar de despedida ao nosso embaixador em Buenos Aires e á senhora Rodrigues Alves.

Essa reunião foi uma das mais formosas e brilhantes effectuadas ultimamente no mundo diplomatico, tendo se feito presente todo o corpo diplomatico, as mais illustres figuras da sociedade e o nosso mundo official.

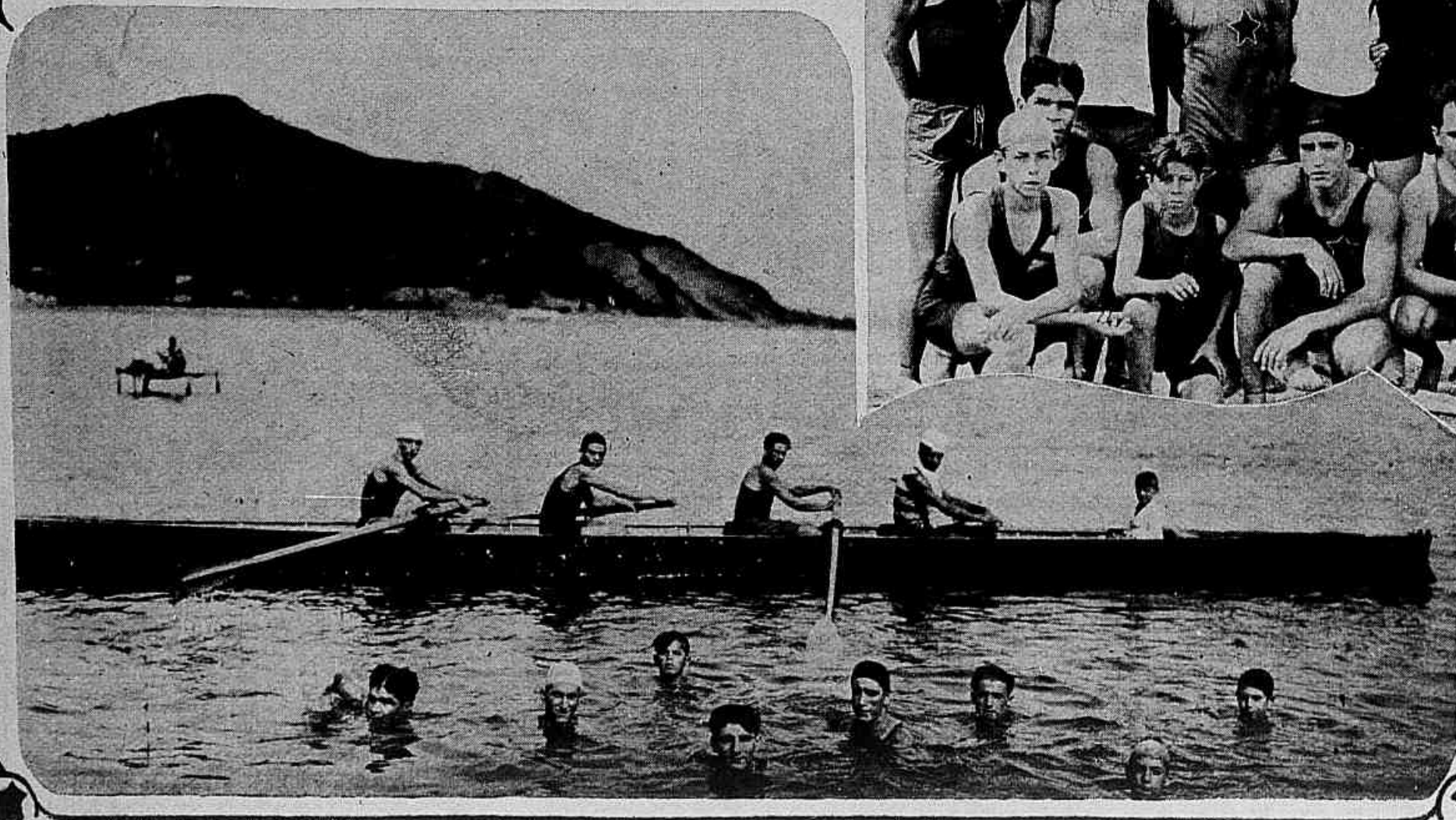
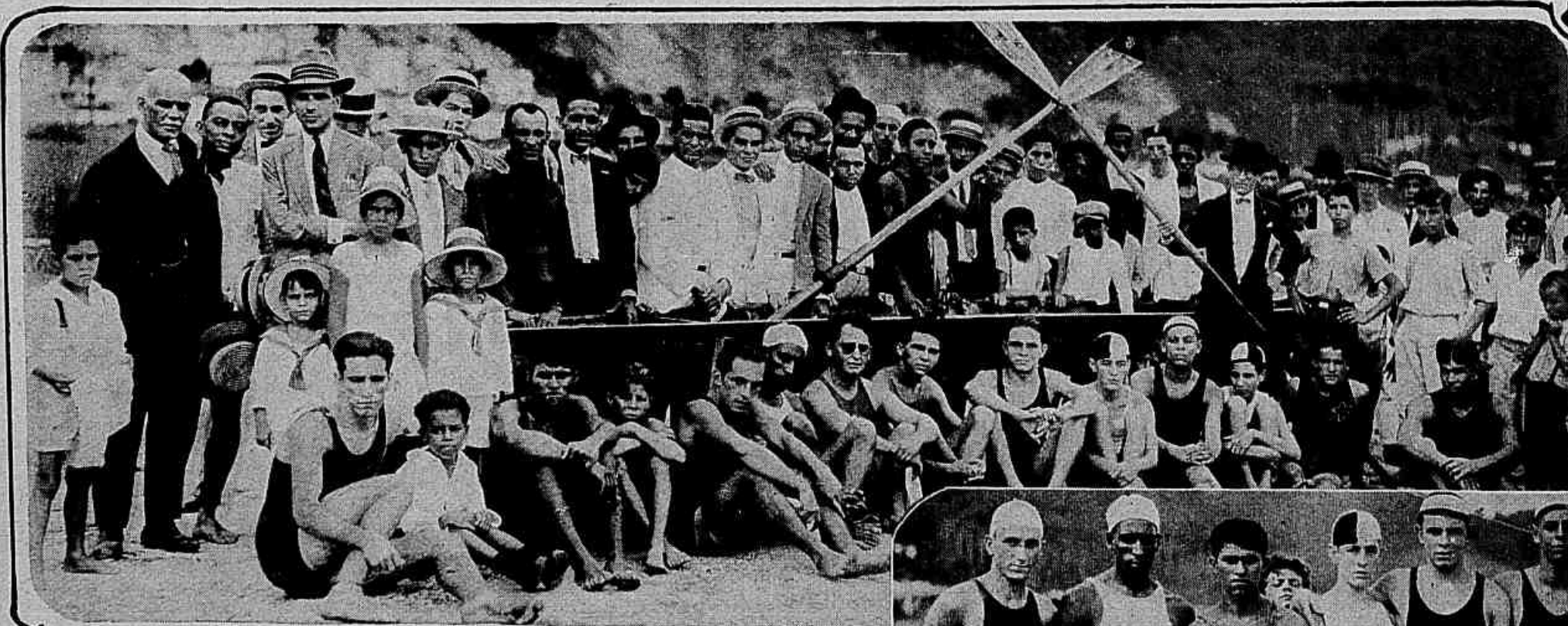
*

O sr. Akiva Ariyoshi, embaixador do Japão, offereceu, sexta-feira passada, um banquete de despedida ao sr. Nascimento Feitosa, embaixador do Brasil no Japão.

OS QUE VIAJAM

Chegaram ao Rio: — os drs. Haroldo Valladão e Eduardo Otto Freiler, que vieram de Buenos Aires; d. Sebastião Leme, arcebispo coadjuctor do Rio de Janeiro; a senhora Carlos Neves, de regresso do Maranhão; o deputado José Mattos Peixoto, chegado de Fortaleza; o deputado Hermenegildo Firmeza.

*

Deixaram o Rio: — o dr. Laudelino Gomes de Almeida, que seguiu para Bello Horizonte; monsenhor Hermelino Leão, que regressou á Bahia; o dr. Octavio Arce, em viagem de estudos para America do Norte; o poeta Da Costa e Silva, para o Amazonas; o sr. Manoel Sobral de Moraes e familia, para a Bahia; o dr. Juvencio Mariz de Lyra, para o Recife; o professor Maximus Neumaver, para o Rio Grande do Sul, onde vae fazer uma série de conferencias; para a Europa, o activo industrial

O CONCURSO DO PIRAQUÊ

Aspectos da primeira competição official que, com o concurso de outros clubs filiados á Federação, o Piraquê levou a effeito, no domingo, na poetica Lagôa Rodrigues de Freitas.

1 — *Sportmen* e convidados presentes ao concurso.

2 — Os concorrentes dos oito pareos que se realizaram.

3 — Nadadores nas aguas da Lagôa Rodrigo de Freitas.

O Prefeito na Assistencia Dentaria Infantil

1.º — O governador da Cidade em companhia de senhoras e senhorinhas pertencentes ás «Damas de Bondade», e do corpo clinico. 2.º — O dr. Prado Junior entre o dr. Frederico Eyer, presidente da benemerita e patriotica instituição, e o nosso companheiro dr. Alexandrino Agra, presidente da Associação Central Brasileira de Cirurgiões Dentistas. Vêem-se ainda creancinhas que frequentam a clinica e os drs. Julio Périssé, Paes de Barros, Carlos Klunge, Dias de Carvalho e Agnello de Cerqueira, directores clinicos, e outros.

sr. Goulart Machado, chefe da firma J. Goulart Machado & C. Ltd.; para o Perú, o joven diplomata Cyro de Freitas Valle, que vae assumir o seu posto na nossa legação em Lima.

*

Senhora Genserico Vasconcellos

A bordo do *Almirante Jaceguay* seguiu, caminho da Europa, a distincta senhora Genserico de Vasconcellos, em companhia de sua veneranda progenitora, senhora general Barbedo, e de seus filhinhos Luiz, Yvonne e Mario.

A illustre senhora vae em visita a seu esposo, o major Genserico de Vasconcellos, que se acha em commissão do Exercito, de que é uma das mais notaveis e fulgurantes figuras, no Velho Mundo.

VERANISTAS

Embora o calôr continue, já se vão registando muitas descidas.

Em Petropolis, Friburgo e Theresopolis, já se sente um pouco de vasio, principalmente nestas duas ultimas. Petropolis ainda vive um pouco mais animada, devido á presença do presidente Washington Luis. Quando S. Ex. regressar, Petropolis despovoar-se-á.

Mas as estações de aguas têm estado bem alegres. Todos os dias ha festas; ora um chá dansante, ora uma "garden-party", ora um pici-nic, ora passeio a pé ou a cavallo. Emfim tudo é motivo para se dansar, para se fazer alegria.

Caxambú tem sido a rainha das estações aquaticas; além de muito concorrida, muito festejada. A semana ultima foi fertil em reuniões, todas ellas elegantes e formosas.

— Em homenagem ao presidente Antonio Carlos, houve no Parque uma bellissima garden-party promovida pelo dr. Flavio Meira Penna, que muito tem concorrido para a alegria da presente estação.

— O ministro Agenor de Roure tem encantado os aquaticos com suas espirituosas conferencias sobre. "A mulher, suas modas e seus habitos através do tempo e do espaço".

— Em favor da Santa Casa foi organizado pelo dr. Meira Penna um leilão de prendas que esteve muito divertido e encantador.

*

De Caxambú: — o commandante Oswaldo Storino; o senador Miguel de Carvalho; o sr. Francisco Barroca; o coronel Fructuoso Mendes.

*

De S. Lourenço: — o dr. Publio de Mello e familia.

*

De Theresopolis: — o dr. Juvenal Murtinho Nobre e familia; o sr. Ladogá Mangia; o dr. Fabio Carneiro de Mendonça.

*

Para Theresopolis: — o dr. Acciol̄y Netto e familia; o dr. Jorge Affonso Franco e familia; o senador Pires Rabello e familia; a senhora João Machado e filha.

*

Para o Prata: — o sr. Salvador Pereira Lima, conceituado advogado.

EM CAMBUQUIRA

Tem havido, tambem, nessa pittoresca estação lindas festas. Ha dias a directoria do Casino Empresa offereceu um grande baile em homenagem aos veranistas.

Foi tudo quanto se possa imaginar de brilhante e distincto, tendo comparecido todos os veranistas e tendo-se prolongado as dansas até pela madrugada com muita animação.

Entre outras festas realizaram-se tambem no esplendido salão do Club Dias um festival symphonico e dansante que teve a mais bella e notavel concorrencia, e no Grupo Escolar de Cambuquira uma interessante festa, com um optimo programma litero-musical seguido de chádansante, em favôr das creanças pobres que frequentam aquelle Grupo.

EM PETROPOLIS

Em beneficio das obras da Cathedral realizou a insigne pianista Antonieta Rudge Muller um notavel concerto, quartafeira ultima, na formosa cidade azul, que logrou o mais brilhante exito.

— O Tennis Club tem continuado a abrir os seus salões para as tardes dansantes que têm sido muito bellas e concorridas.

MUSICA

Para commemorar o centenario de Beethoven realizou-se sabbado, no Municipal, um grande concerto.

Foi uma bellissima festa de pura espiritualidade, onde esteve reunido o que o nosso grande mundo possue de mais culto e fino.

CHÁS

A Confeitaria Colombo reabre a sua sala de chá no dia 4 do corrente, segunda-feira.

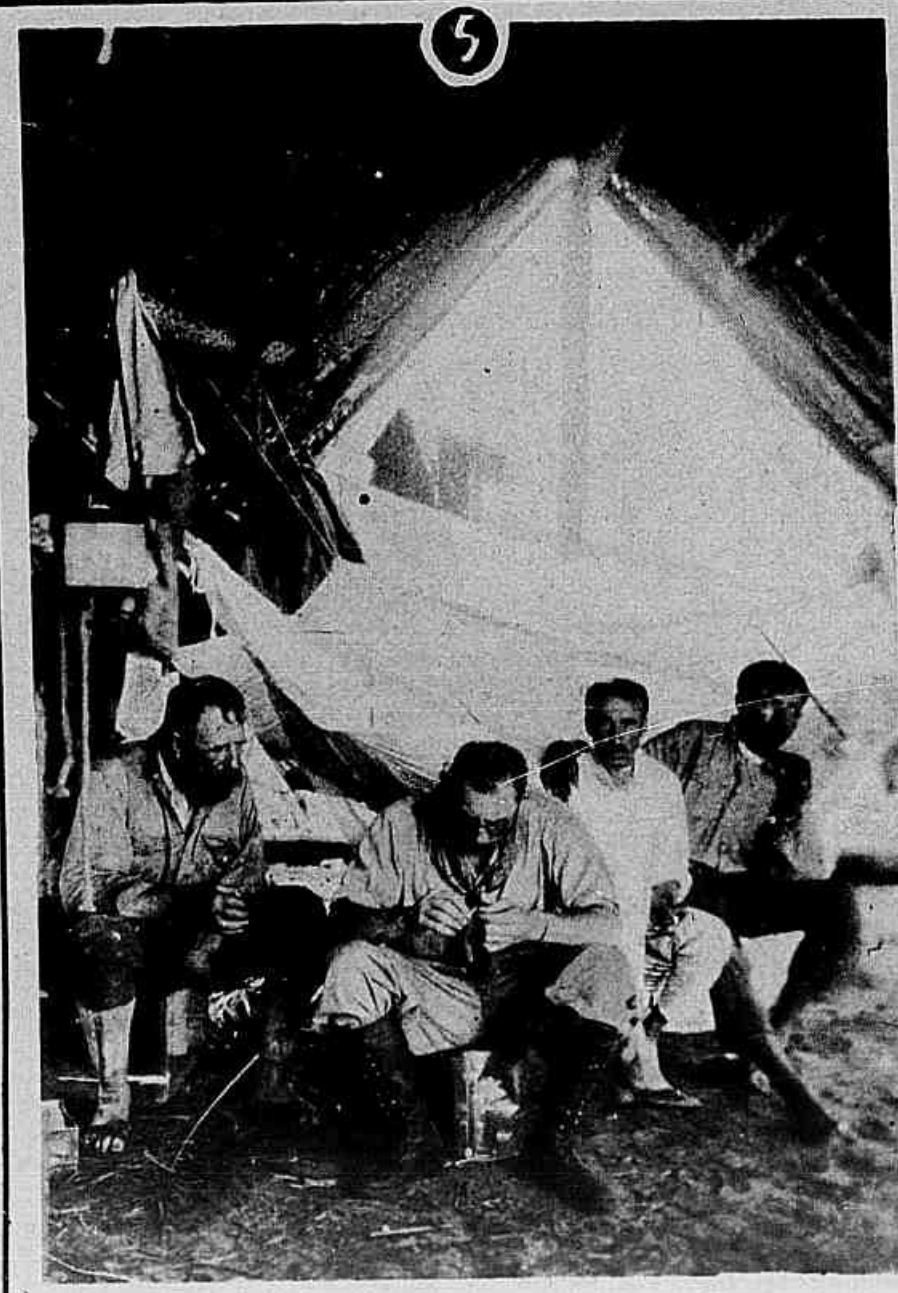
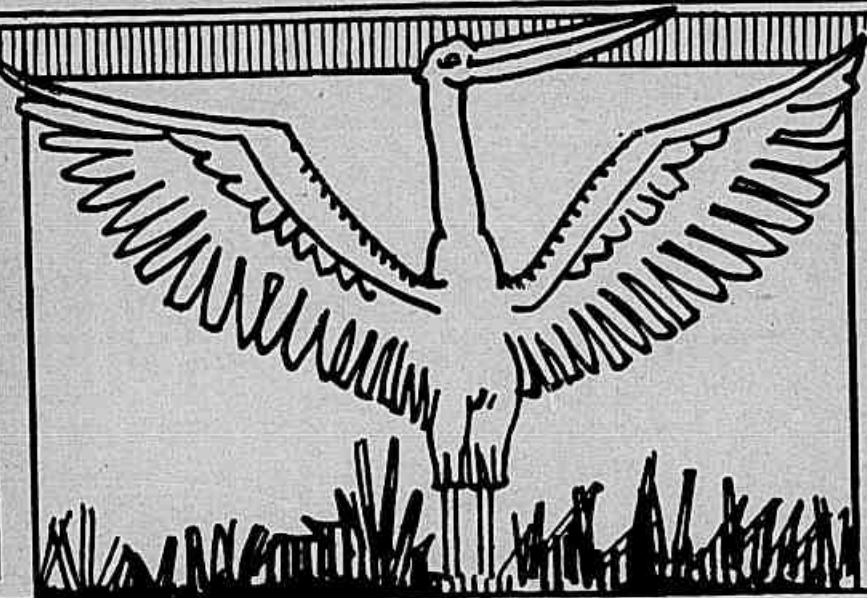
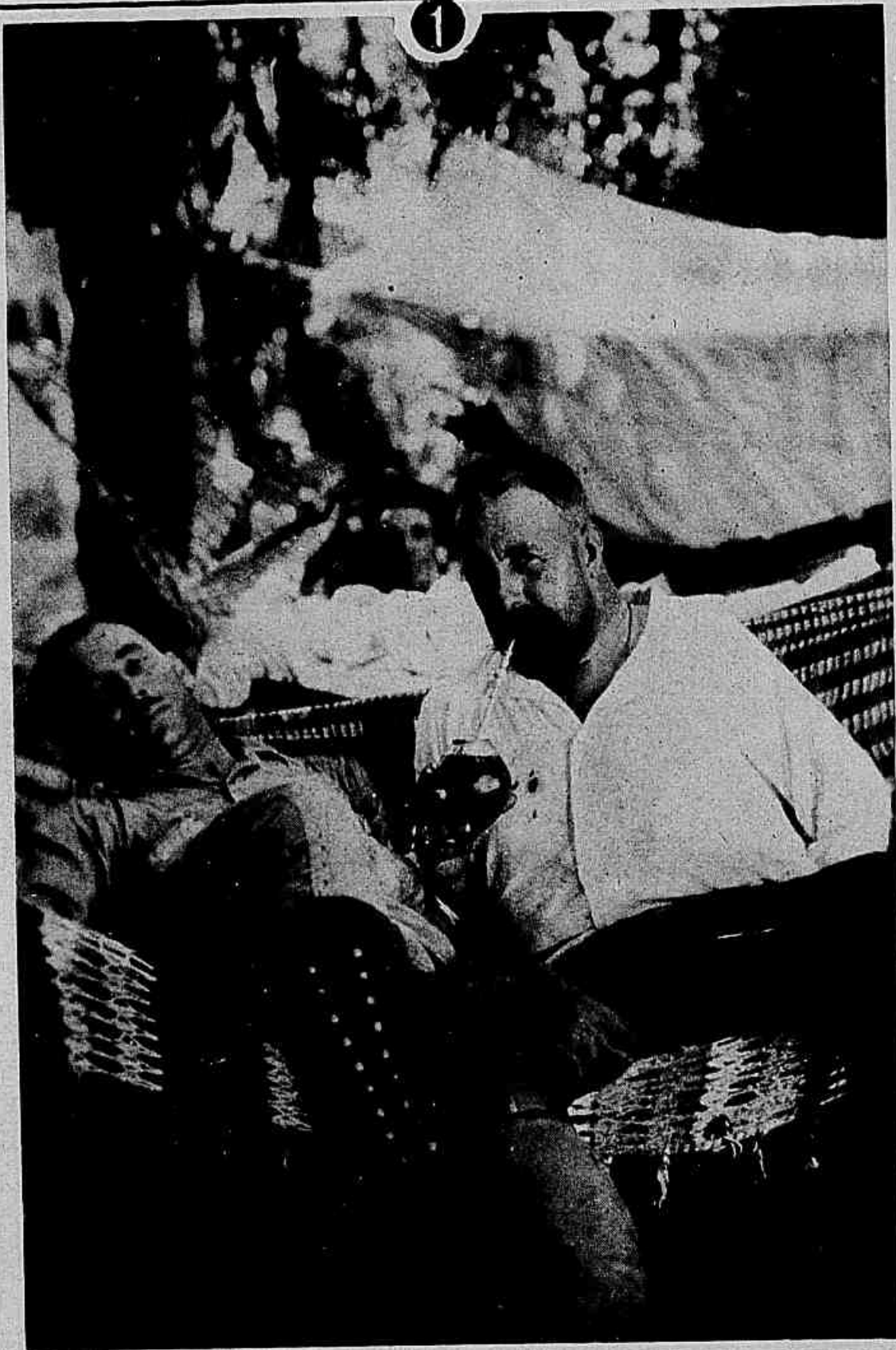
BAILES

Promette ser sumptuoso o grande baile de sabbado de Alleluia, nos salões do Automovel Club do Brasil.

A directoria da fina associação tem tomado varias providencias para que essa festa tenha o mais franco successo.

M. DE D.

Ao illustre embaixador Rodrigues Alves, que regressa ao seu posto en Buenos-Aires, e a sua distincta senhora, foi offerecido por um grupo de amigos um almoço de despedida, em que tomaram parte as pessôas que se vêem no grupo acima. Sentada ao centro, a senhora Rodrigues Alves, entre as sras. Embaixatriz da Argentina e Felix Pacheco. No segundo plano, entre as pessôas gradas que participaram da homenagem, o sr. embaixador Rodrigues Alves, tendo á direita o sr. embaixador Mora i Araujo, da Republica Argentina, que fez a saudação ao nosso diplomata; Felix Pacheco, ex-ministro do Exterior, e José Abel Montilla, ministro da Venezuela; e á esquerda os srs. Laureano Garcia Ortiz, ministro da Colombia; Irarrazaval Zanartu, embaixador do Chile; Porto da Silveira, Rogelio Ibarra, ministro do Paraguay, e H. Hasslocher, representante de «La Prensa» de Buenos-Aires.

O Principe D. Pedro caçando nas mattas brasileiras

Penetrando o nosso *hinterland*, S. A. o Principe Dom Pedro, em companhia do Conde C. Bailen, secretario da Legação da Hespanha, do engenheiro dr. Alberto Leonardo Pereira e do sr. Mario Baldi, chegou a Itapura. Embarcando em tres canôas, a comitiva passou perto da maravilhosa cataracta do Tieté, em procura da cidade Itapura, hoje completamente abandonada e coberta de matta. Transposto o rio Paraná, pela nova ponte de 1220 metros de comprimento, chegaram os viajantes a Porto Esperança, no rio Paraguay, e embarcando no vapor *Fernandes Vieira* navegaram durante toda a noite, alcançando no dia seguinte Corumbá, de onde voltaram com a bagagem indispensavel para Porto de Manga, e d'ahi a cavallo para a Fazenda Firme, o ponto de seu destino. Essa fazenda acha-se situada entre os rios Rio Negro e Taquary, n'uma extensão de 90 leguas, pertencendo ao grande criador sr. Paulino Gomes da Silva, o amphitryão dos viajeiros.

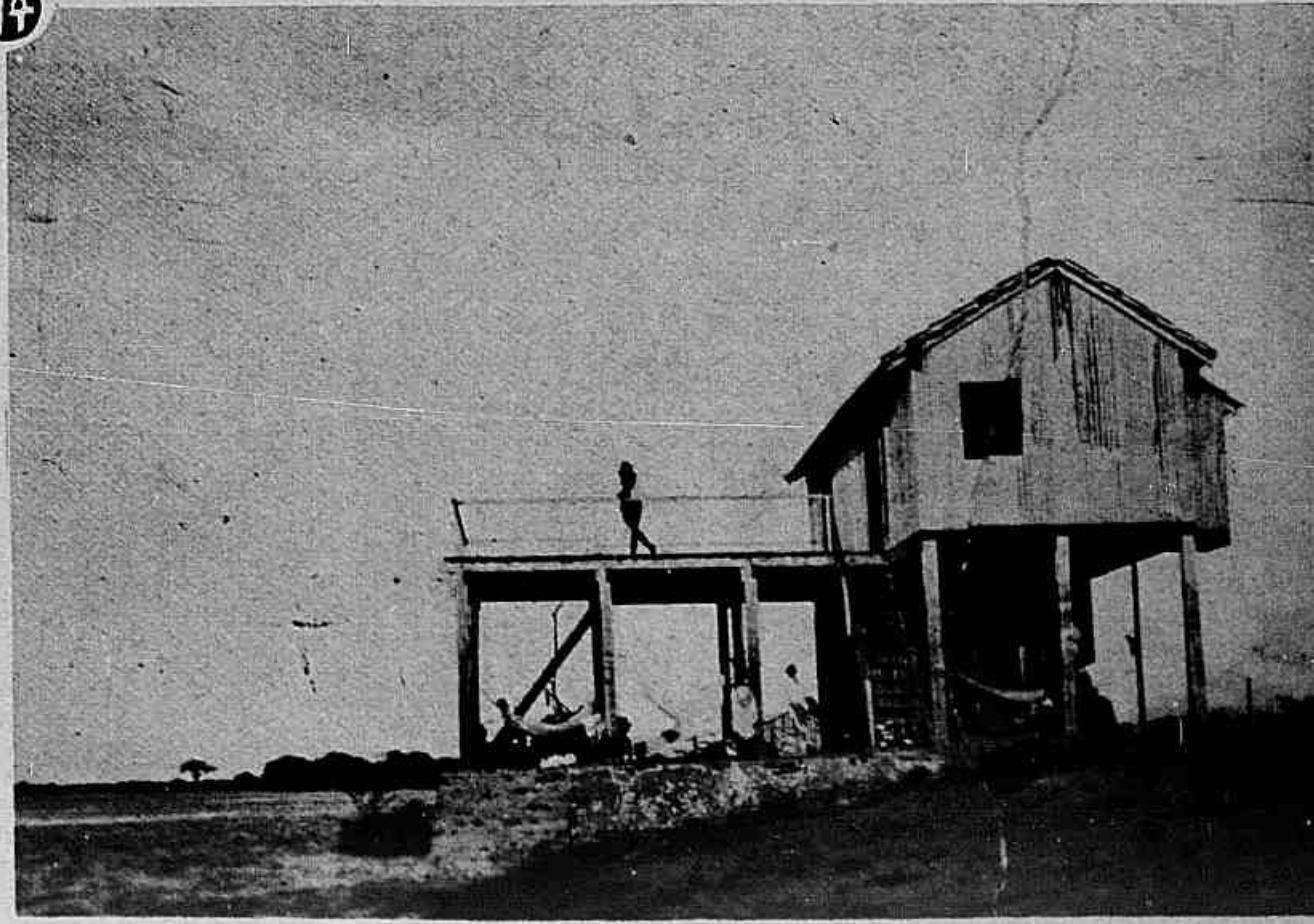
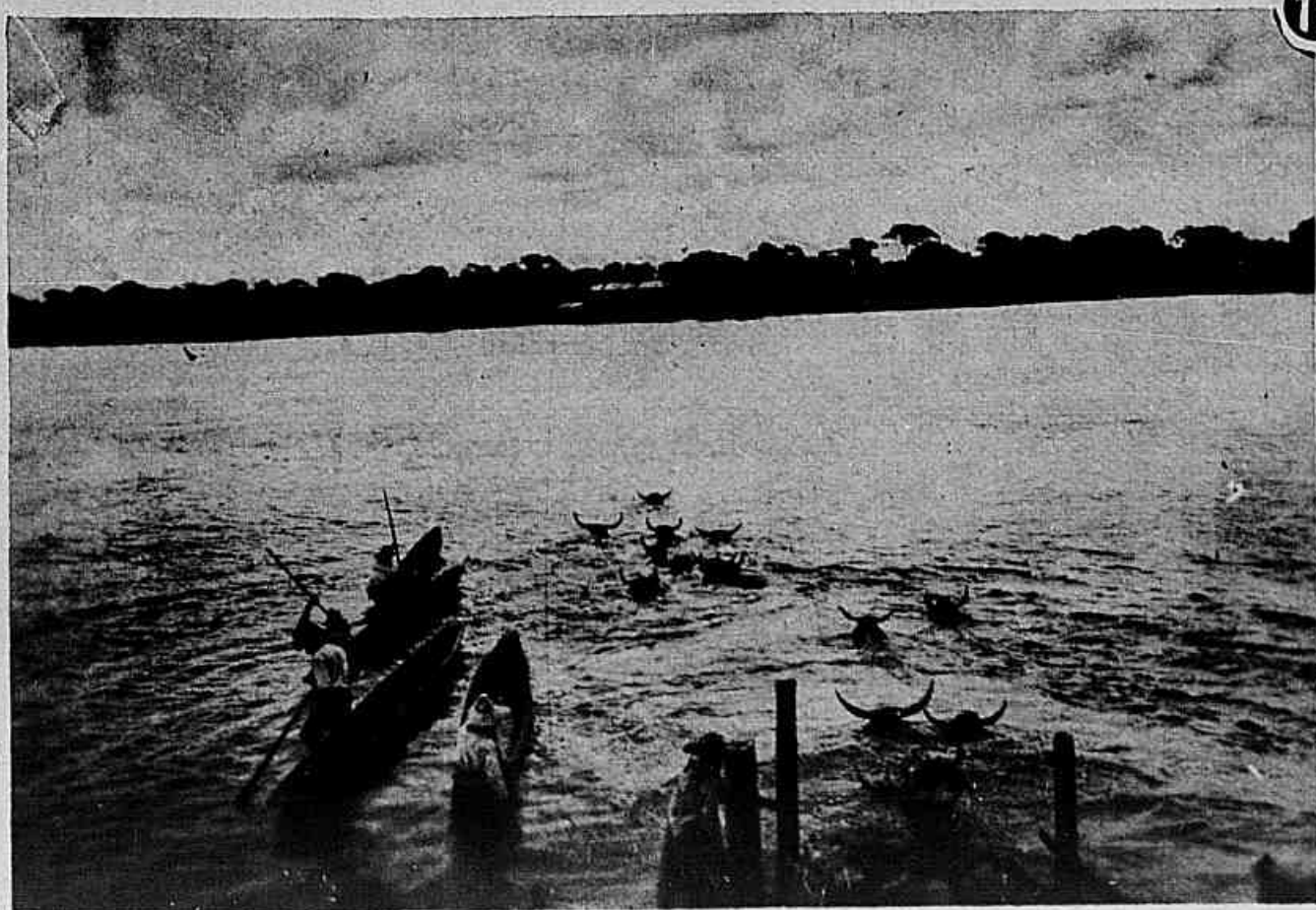
Os dias passaram-se rapidamente em caçadas e pescarias, a cavallo e em automovel pelas immensas mattas e pantanaes, uma verdadeira terra de maravilhas com as suas infinitas lagôas e salinas, seus capões pittorescos formados de buritys e carandás, de onde se levantam verdadeiras nuvens de marecas, patões, colhereiros roseos, garças brancas e curicacas pretas. Araras azues e vermelhas e tucanos de bicos monstruosos enchem os ares, e jacarés preguiçosos deitam-se sobre a areia quente, sempre promptos a mergulhar rapidamente quando sentem a approximação do perigo. Pelos extensos campos povoados de gado e de velozes cavallos, fogem as disformes emas antes que se avisinhem os cavalleiros. Descobrem-se ahi, de quando em vez, pisadas frescas de onça, e a comitiva do Principe D. Pedro teve a sorte de de matar um portentoso macharão. A matilha de cães havia cercado, á beira d'um capão, a onça pintada. S. A. o Principe D. Pedro entrou corajosamente no bosque espesso, seguido pelos seus companheiros. A féra tornou-se invisivel na brenha até que S. A. se approximou, na distancia de quatro metros, levantando-se ella então e galgando uma arvore, onde se deitou, garbosamente, esperando.

o caçador. Mas a bala dum-dum da Mauser do Principe alcançara o pescoço do animal, que cahiu aos pés de S.A. O rei do matto fôra vencido pelo caçador real. Queixadas, cahetétus, lobos, capivarys, o interesante tamanduá bandeira com possantes braços e unhas; velozes veados campeiros e lindos cervos de chifres enormes, tornaram-se alvo dos caçadores.

Na lagôa Elvira o Principe atirou sobre um jacaré enorme. Convencido de que o animal morrera, o tenente Baldi começou a tirar-lhe o couro, empurando o facão entre as suas costellas. Apezar de ferido por bala *dum-dum*, o reptil virou-se recebendo então a lamina afiada, outra vez, na cabeça e no ventre.

Foi preciso cortar-se-lhe metade da cabeça. Ainda assim, tentou arrastar-se outra na agua da lagôa.

Sua Alteza regresou com os seus trophéos a Corumbá para proseguir o *raid* fazendo em auto cerca de 5000 kilometros, até Petropolis.

1 — Em descanso. S. A. o Principe D. Pedro e o Conde Bailen, secretario da Legação de Hespanha. 2 — O dr. Leonardo Pereira com um queixada. 3 — Pôr do sol em Porto Esperança, no rio Paraguay. 4 — O Conde de Bailen, o dr. Leonardo e o Principe D. Pedro com um jaburú. 5 — O rancho no retiro do rio Sinho. Da esquerda para a direita: D. Pedro, Conde Bailen, dr. Leonardo e sr. Paulino Silva Gomes. 6 — O Conde Bailen na lagôa Elvira. 7 — Ponte de 1220 metros sobre o rio Paraná. 8 — Um queixada que, mesmo bastante ferido, atacou tres vezes o Principe. 9 — Um jacaré ferido a bala *dum-dum*. 10 — Uma siriema morta pelos caçadores. 11 — Uma garça na floresta. 12 — Os viajantes-caçadores na floresta. 13 — Gado atravessando o rio Paraguay em Porto Manga. 14 — O acampamento do Principe e seus companheiros na guarita de Porto Manga

OS VIVOS, VISTOS PELOS MORTOS

por Maurice Maeterlinck

Uma familia consternada á cabeceira duma moça que vae morrer. Dum lado, os vivos: o Pae, uma Irmã, dois Irmãos, o Medico, a Enfermeira. São feios, sombrios, vulgares. Do outro lado, os mortos: o Avô, a Avó, a Mãe, uma Irmã, uma Amiga, o Noivo. Vestem roupagens azuladas, diaphanas, luminosas. São bellos como estatuas. A voz dos vivos é aspera, pesada, espessa, desagradavel: a dos mortos é ligeira, alada, harmoniosa, musical.

O PAE, *vivo* — Doutor, diga-nos a verdade.

O MEDICO, *vivo* — Evidentemente o caso é grave, muito grave... Ha uns symptomas esquisitos... Não devemos, porém, desesperar...

O PAE, *vivo* — Quer dizer: está perdida.

A MÃE, *morta* — Está salva!

O NOIVO, *morto* — Vem para nós!... E' nossa!... E' minha!...

O MEDICO, *vivo* — Resta-nos um recurso, o ultimo. E' um soro descoberto ha pouco e cujos resultados não estão ainda fóra de duvida; parece, porém, que em casos semelhantes a este tem feito verdadeiros milagres. Não deixa de ser um tanto perigoso...

O PAE, *vivo* — Devemos empregar todos os meios.

A MÃE, *morta, ansiosamente* — Que vae elle fazer?

A IRMÃ, *morta* — E se a perdemos?

A MÃE, *morta* — Mas por que teimam elles em prolongar assim o soffrimento dos outros?

O NOIVO, *morto* — Não sabem o que nós sabemos...

A AVÓ, *morta* — Teremos ainda que a esperar annos, annos, annos!...

O AVÔ, *morto* — No meu tempo os medicos eram menos audaciosos...

A MÃE, *morta* — Estou com medo... Um presentimento... Se elle conseguisse salval-a? Ella é que não devia acceitar... Estamos cansados de esperar a sua vinda... Ha mais de cinco annos que nos separaram... E ella prometteu-nos vir hoje ter comnosco... (*Ao noivo*) Falla-lhe tu. A ti ella te escutará melhor, porque te amava mais que a todos nós...

O NOIVO, *morto* — Não creio que ella me possa já ouvir. O seu coração bate ainda nas trevas; e mal a alma começa a despertar... (*Inclinando-se para a enferma*) Isabel!...

A ENFERMA, *abrindo os olhos e erguendo levemente a cabeça* — E's tú?

O PAE, *vivo* — Ella fallou!

A IRMÃ, *viva, inclinando-se para a enferma* — Isabel... Queres alguma coisa?

A ENFERMA, *fechando os olhos e voltando a cabeça* — Nada...

O NOIVO, *morto* — Ouviu-me. E' o signal que não engana nunca... A sua alma desperta. [...] acabar a provação, vae acabar o infortunio...

A MÃE, *morta, abraçando o noivo morto* — Não tarda a vir ter comnosco. E graças a ti!... E' a ti que ella responde! Isabel!... Isabel!... Já não tenho ciumes!... Somos felizes de mais para isso... (*Ao noivo morto*). Falla-lhe, falla-lhe... Receio que ella se afaste...

O NOIVO, *morto* — Isabel, estou aqui... Espero-te... Anda depressa! Não os escutes, não faças o que elles dizem... Os vivos são ignobeis. Não se compadecem, não se corrigem... Continuam semelhantes ao que nós eramos; não aprenderam nada, não podem aprender. Teem um unico desejo: serem desgraçados. Entregam-se a uma ideia unica: prolongar a sua desgraça. Fazem questão de conservar o corpo, que não é senão um amontoado de impurezas. Julgam ter alma e têm apenas intestino... Nós, sim, é que temos alma!... Aqui é que ella acorda e é aqui que se vive!... Só aqui realmente nos amamos e conhecemos a verdadeira ventura!... Anda, chegou a tua hora! Sáe dessa prisão sem janellas... De nada nos serviria aqui o teu corpo... E eu que julgava amal-o!... Sinto hoje vergonha disso... E' como todos os outros... Que o levem para a cova, que o enterrem! Não ha outra coisa a fazer delle! Tu és differente... Era a ti que eu amava, tal como serás depois que o houveres deixado, tal como já és, tal como eu te via sem saber que o meu coração, que eu julgava cego, via melhor que os meus olhos... Vem ter comnosco!... Cada segundo que passa é uma ventura perdida... (*Olhando o medico*). Que está elle fazendo?

Durante o dialogo precedente, o Medico abriu o estojo, lavou as mãos, flammejou a agulha, quebrou uma empôla, encheu a seringa. Aproxima-se da enferma, segurando numa das mãos a Pravaz e na outra um pouco de algodão imbebido em ether.

A MÃE, *morta, apavorada* — Cuidado, elle vae fazel-a viver!...

O NOIVO, *morto* — Não ha perigo... Ella de certo não quererá... Começa a comprehender...

A IRMÃ, *morta* — Isabel, estamos aqui... Isabel, ouve-me... Isabel, não queiras!

A MÃE, *morta* — Nada a prende do lado de lá... Felizmente, era tão desgraçada...

A IRMÃ, *morta* — Attenção... O medico curva-se sobre o leito... Vae dar a injecção...

O NOIVO, *morto* — Imbecil... Assassino... Quero ver se lhe agarro o braço...

A MÃE, *morta* — Bem sabes que não podes... Quantas vezes já tentámos... Não os podemos attingir... Elles não vêem, não ouvem, não sentem nada... A vida tira-lhes tudo...

A IRMÃ, *morta* — Anda depressa!... Não percas tempo!...

A MÃE, *morta* — Assim, dirijamo-nos a ella!... Já a tenho nos meus braços... Está tão perto de nós que certamente nos ha de ouvir...

O NOIVO, *morto* — Isabel!... Querem te fazer viver... Não deixes!... (*A doente agita-se no leito*) Comprehendeu... Debate-se... Está salva... E' nossa... Isabel!... Isabel!... (*Olhando o Medico*). O medico está com medo... Já não ousa assassinal-a...

A MÃE, *morta* — Isabel!... E' tua mãe... Não cedas!... Querem a tua desgraça... Querem te fazer viver!...

O MEDICO, *vivo* — Não sei o que ella tem... Estas agitações convulsivas... Vou esperar que se acalme um pouco...

O PAE, *vivo* — E' bom signal... E' a vida que volta e prevalece...

A MÃE, *morta* — Ouvem-no? Continua o mesmo, não aprendeu nada...

O NOIVO, *morto* — Elles, a nós, não nos ouvem e nós ouvimol-os demais...

A MÃE, *morta* — Attenção... Isabel!... Illumina-se... Desprende-se, liberta-se... Ergue-se, nasce, vive... E' nossa!...

O NOIVO, *morto* — Emfim!...

Do leito levanta-se uma fórma luminosa como os outros mortos. O Noivo e a Mãe colhem-na no espaço, apertam-na nos braços, cobrem-na de beijos.

ISABEL, *morta, olhando o noivo* — E's tú!... (*Fechando-o nos braços*) Encontro-te finalmente!... (*Olhando em volta*) E tu, minha mãe... Nem ainda acredito, como estás moça e formosa!... Sinto-me deslumbrada... E tu tambem, minha irmã... E vós dois, meu avô, minha avó, todos perto de mim... Livrei-me da prisão, sahi das trevas, sou finalmente feliz...

O NOIVO, *morto* — E para a eternidade.

O PAE, *vivo* — Que tem ella? Deixou de respirar...

O MEDICO, *vivo* — Talvez uma syncope... Justamente o que eu receiava... (*Curva-se, escuta o coração de Isabel*)

O PAE, *vivo* — E então?

O MEDICO, *vivo* — O que eu tinha previsto... Está morta.

O PAE, *vivo* — Morta?... Assim, dum momento para o outro?... Impossivel, impossivel...

O MEDICO, *vivo* — Não resta duvida...

O PAE, A IRMÃ, OS IRMÃOS, *vivos, lançando-se sobre o cadaver e querendo todos apertal-o nos braços* — Isabel!... Isabel!... Tão moça!... E era tão feliz!...

Soluços, prosternação; cae o panno.

MAURICE MAETERLINCK

NOTICIAS E COMMENTARIOS

JUSTIÇA!

A desconfiança que invadiu o espirito do povo, quando da morte do negociante Borlido de Niemeyer, de haver sido o mesmo assassinado pela Policia, confirma-se, para suprema humilhação nossa, para descredito dos nossos fóros de povo civilizado.

O inquerito a que se procede na 1.a Delegacia Auxiliar tem evidenciado, com o mais horrivel relevo, a figura sinistra de inquisidores que acobertados pelo estado de sitio — apagador, no seu entender, de todos os direitos do homem, inclusive o de viver — transformaram a capital da Republica numa cidade onde a Policia se sobrepôz, pelo crime, aos maiores criminosos.

O sr. Cumplido de Sant'Anna assume a mais digna das attitudes e, perseverante e arguto, consegue lançar luz sobre esse facto tenebroso, cuja explicação empolga a opinião publica.

Os monstros vão surgindo pouco a pouco, detalhada a sua hediondez pelas confissões conseguidas e ha um só anseio em toda a população: justiça!

A acção do governo do eminente sr. Washington Luis impõe-se a todos os espiritos pela rectidão que vem mostrando, e é de esperar a satisfação que a opinião publica exige para que possamos fazer jús ao logar que tinhamos entre os povos civilizados.

Nesta nota ligeira vae todo o nosso applauso á attitude da Policia de hoje, justa e digna.

DEFENDAMOS A VIDA DOS NOSSOS AVIADORES!

Ha tempos, a Companhia Black Burney tentou vender aviões de guerra ao governo. Entrou em negociações, procurando por todos os meios dotar-nos de apparelhos inserviveis, mas a isso se oppoz o commandante Protogenes Guimarães, chefe da Aviação Naval, porque taes apparelhos traziam da Grande Guerra uma recommendação negativa, traduzida no appellido de "Cemiterios de Aviadores" que se lhes dava.

Volta agora a operar de novo a Black Burney, pretendendo vender alguns aviões ao governo e — em troca de certos favores — fundar uma fabrica no Brasil!...

Uma fabrica de apparelhos aqui seria, realmente, cousa de grande e incalculavel valor. O que se daria, no emtanto, muito longe haveria de ficar, de vantajoso para nós, porque a Black Burney entraria com o pessoal technico, uma firma qualquer com uma ilha e o Governo com tudo mais. A Black Burney executaria os apparelhos... sem motores, porque esses, da marca Napier, teriam de vir da Europa!

E que são os "cemiterios de aviadores"? Apparelhos de madeira e seda, imprestaveis para reconhecimento e caça, celebres pelas victimas que já teem feito e que provocaram, tal o seu numero, aquelle epitheto macabro.

Ainda ha dias, foi um desses aviões fazer experiencias para o sr. ministro da Marinha e lá se acha, desarranjado pelo vôo, com peças insubstituidas e insubstituiveis, na ilha do Governador.

Estamos certos de que o Governo saberá repellir a proposta que a Black Burney faz, e repellil-a-á porque não poderá emprestar a sua connivencia ao sacrificio daquelles que se aventuram ás vicissitudes da aviação com o espirito orientado pela abnegação e pelo patriotismo. Já são em numero regular os nossos martyres da aviação; é mister que se afaste a possibilidade da creação de uma galeria de assassinados pela nova arma de que tanto carece a nossa patria.

A inauguração dos retratos do dr. Mello Mattos, illustre e dedicado Juiz de Menores, e de sua exma. senhora, na secção feminina do Abrigo de Menores. A justa homenagem foi prestada pelas Irmãs do Amparo e assistida por grande numero de pessôas gradas, tendo feito a saudação ao casal Mello Mattos o rev. padre dr. Olympio de Castro.

Grupo de campeões e concorrentes ao Torneio Interno de natação do Club de Regatas Boqueirão do Passeio.

A TRADIÇÃO QUE VAE MORRER

Abençoada morte!

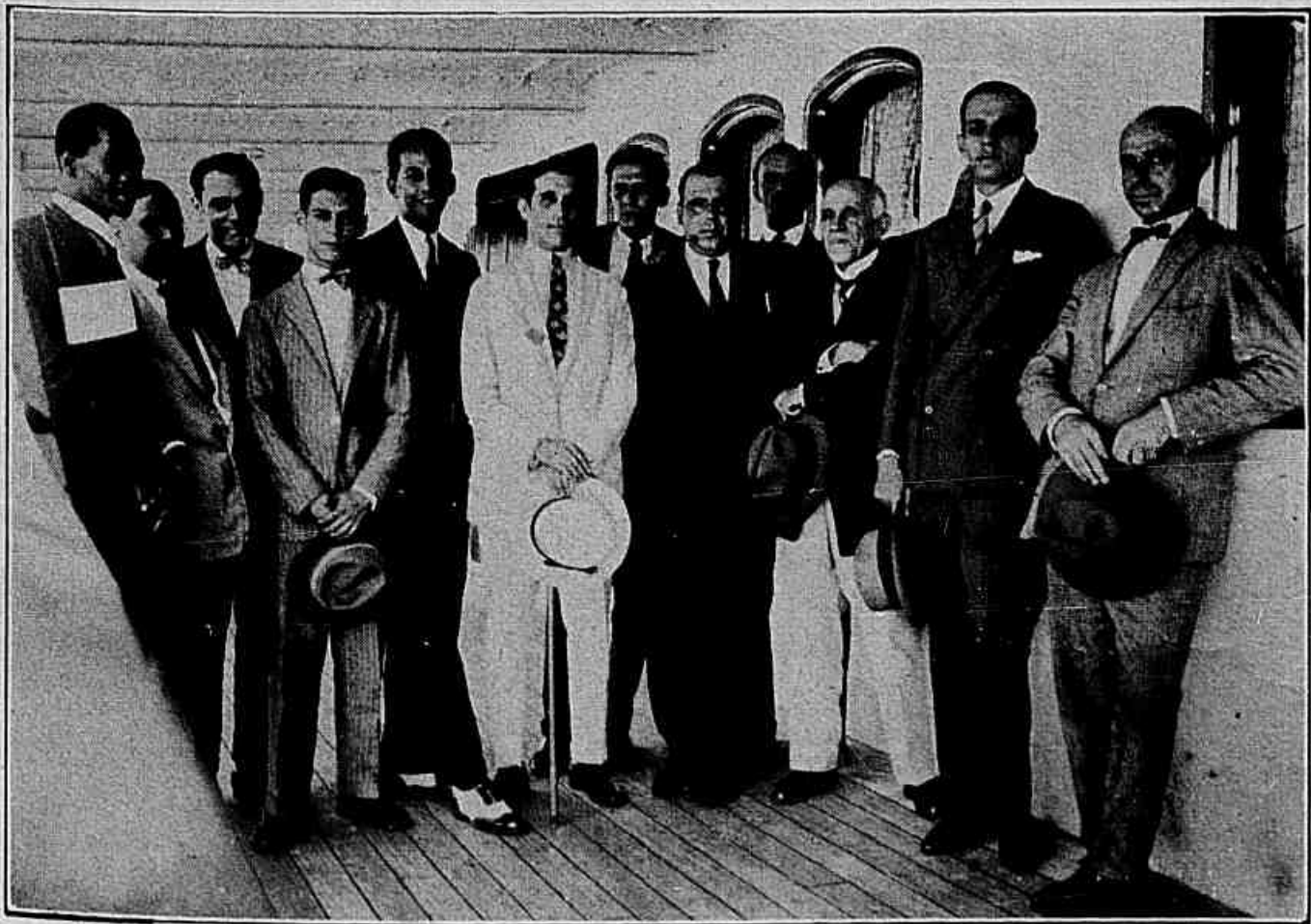
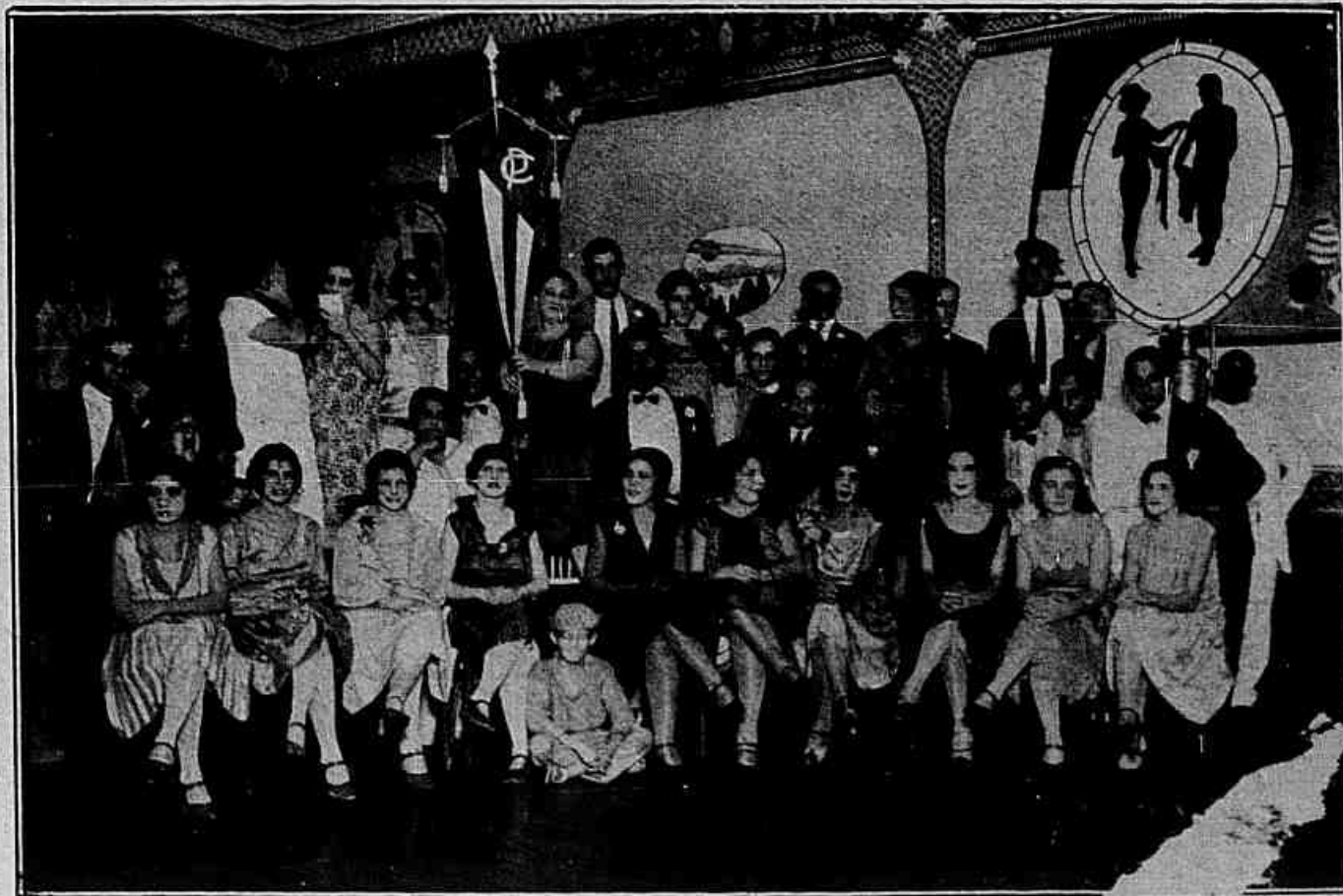
A tradição é algo de veneravel, é um patrimonio que se deve preservar da destruição, subtrahir ao acabamento. O "trote" academico porém, a tradição que vae acabar, é uma excepção que jamais mereceu defesa.

Quando da existencia — ha alguns cinco para seis lustros — do Club Academico, o eminente prof. Paes Leme, da Faculdade de Medicina, falando á mocidade nesse circulo de estudantes, profligou, em inflammada oração, o habito condemnavel de serem recebidos com a mais completa ausencia de polidez os novatos nos estabelecimentos de ensino. E mostrou quão dignificante seria a acolhida dos "calouros" por entre flôres e abraços.

A idéa será agora esposada, mercê da iniciativa de doutorandos e academicos das ultimas séries da Faculdade de Medicina. E' a tradição que, felizmente, será condemnada!

Houve sempre nos cursos superiores uma corrente contraria ao "trote" academico, supplantada, no emtanto, pelo numero de adeptos das pilherias, algumas vezes excessivas. Pouco a pouco, foi o "trote" soffrendo restricções, não mais se presenciando as passeiatas pelas ruas, para exposição systematica dos novatos ao riso publico, no mais doloroso ridiculo. A massa dos "veteranos" magnanimos cresceu e agora dominou a contraria, podendo annunciar-se que se realizará o sonho do prof. Paes Leme.

Os "calouros" irão ter, ao invés do "trote" antipathico e hostil, uma festa de cordialidade e elegancia, com a presença da sua Rainha, que é a mesma dos "veteranos".

Bem hajam os que tiveram a feliz iniciativa, tão louvada por todos e que nós agora tambem louvamos.

A bordo do *Almirante Jaceguay*, á partida para o Recife do nosso collega Henrique Mello, de *A Patria*, que, com ordem da Aeronautica Militar de Lisbôa, acompanhará os gloriosos aviadores do *Argos* na sua maravilhosa viagem até ao Rio de Janeiro. Henrique Mello, que representará tambem a *Revista da Semana* junto dos aviadores portuguezes no Recife, vê-se na gravura á direita do sabio e glorioso navegador dos ares, almirante Gago Coutinho, e rodeado de jornalistas.

Photographia tirada nos Pierrots da Caverna, no domingo ultimo, após o «angú á bahiana» offerecido pelo Grupo da Pontinha.

BEATRIZ DELGADO

A escriptora e poetisa portuguesa senhora Beatriz Delgado.

O artigo do frontispicio deste numero é devido á penna moça e graciosa da sra. Beatriz Delgado. Assim se estreia no jornalismo brasileiro a chronista portugueza das *Settas de ponta de ouro*, que na imprensa do seu paiz occupa já logar tão evidente e lisonjeiro. Esse triumpho é deveras merecido. Com uma fantasia ligeira, borboleteante, travessa ás vezes, mas sempre airosa, e uma forma litteraria que perfeitamente lhe corresponde pela leveza e a espontaneidade, a sra. Beatriz Delgado impõe-se a quem a lê por uma destas sympathias que nem precisam de se explicar para serem intensas e dominadoras. Os seus artigos, que triumpharam no velho e prestigioso *Diario de Noticias*, de Lisboa, revestem-se dum brilho obtido sem rebuscamentos nem complicações. A sua audacia naturalmente se justifica pela sua sinceridade. Por variadas que sejam as maneiras de se julgar a prosa ou os versos da sra. Beatriz Delgado, nem por isso a sua obra se torna menos victoriosa. E é com o maior prazer que a *Revista da Semana* apresenta aos seus leitores esta escriptora cujo estylo tem a frescura, a gentileza e a alegria da sua propria mocidade.

FOLK-LORE

E' digna de todos os louvores a iniciativa do Concerto Litterario — Série Folk-Lore, cuja primeira audição nos está promettida para o proximo dia 23, no Instituto Nacional de Musica.

Devemol-a a tres elementos prestigiosos na nossa sociedade e na arte: Esther Ferreira Vianna, a festejada escriptora e poetisa, hoje applicada a estudos americanistas; Luiza Torres Paranhos, 1.° premio de canto, medalha de ouro do Instituto Nacional de Musica, e Lydia Brasil, 1.° premio de violino, tambem medalha de ouro desse ninho de artistas da musica.

Com os nossos calorosos applausos á idéa que as tres brilhantes jovens irão realizar, podemos adiantar aos nossos leitores que a Série Folk-Lore versará sobre "Assombrações — Bruxas e Bruxedos — Astrologia e Chiromancia — Oniromancia."

As duas primeiras audições serão levadas a effeito nos dias 23 e 30, os dois ultimos sabbados deste mez.

Da esquerda para a direita: a escriptora e poetisa Esther Ferreira Vianna; a cantora Luiza Torres Paranhos; a violinista Lydia Brasil.

A PISTA SEM NEVE

Dos sports de inverno, é o do *ski* o que talvez conte, pelas emoções que desperta nos seus adeptos, maior numero de partidarios enthusiastas. Nas celebres estações dos Alpes, offerecem os concursos annuaes do dito *sport* a mais notavel animação a quantos se servem da neve e do gelo para a pratica artistica da carreira ou do salto.

Mas *skiar*, como patinar, exige dos adeptos uma longa e penosa aprendizagem. O pleno dominio do *ski* e dos nervos do *skiador* só se consegue á força de tombos e das gargalhadas de escarneo que saúdam as pouco airosas piruetas do novato e toda sorte dos seus equilibrios mais ou menos estheticos. Isso é, sem duvida, divertido como espectaculo e talvez constitúa para muitos o principal attractivo desse ramo sportivo.

Entretanto, nem todos os amadores dos sports de inverno possuem espirito para soffrer com resignação os risos e vaias dos mestres e observadores das pistas, e melhor se sentiriam apresentando-se nellas com os necessarios rudimentos da arte do *ski* e a maior somma possivel de garantias para não fazer ridiculo.

Comprehendendo essa necessidade, acabam uns industriaes de Londres de inaugurar em Haymarket uma "Escola de Ski" que, além de ser admiravel como reconstituição scenographica de uma paizagem alpina, proporciona aos *skiadores* prematuramente todos os gosos e emoções desse exercicio ao ar livre, com a vantagem de ser praticado numa sala perfeitamente aquecida, sem outros espectadores além dos companheiros de iniciação e — o que é mais curioso — sem a mais leve parcella de humidade, pois a neve estendida no *parquet* não é neve, e sim um succedaneo chimico da agua congelada, em cuja composição entra a soda. A mistificação é tão perfeita á vista e tão suave o deslisamento sobre a pista construida em torno da sala, á qual não faltam sequer os obstaculos de tal ou qual pinheiro surgindo ameaçador por entre a neve falsificada, que, se não olhar o tecto, o skiador ou a linda skiadora se julgará em plena Davos Platz ou Saint Moritz.

A escola de Haymarket, ideada por uma aristocrata londrina, miss June Roland, celebre novellista e apaixonada cultora do *ski*, tem como instructores distinctos profissionaes suissos, entre os quaes Miggi Meyer, de Andermatt, que durante a guerra commandava o Corpo de skiadores militares da Federação Helvetica.

A pista de neve falsa, em Londres, para *skis*.

PINTURA INGLEZA

A senhora Laureana de Carvalho, professora de pintura que se tem apresentado em varias exposições em muitos Estados do Brasil e aqui no Rio de Janeiro, está de viagem marcada para o sul, onde apresentará os seus trabalhos executados pelo processo Alston, que aprendeu na Inglaterra.

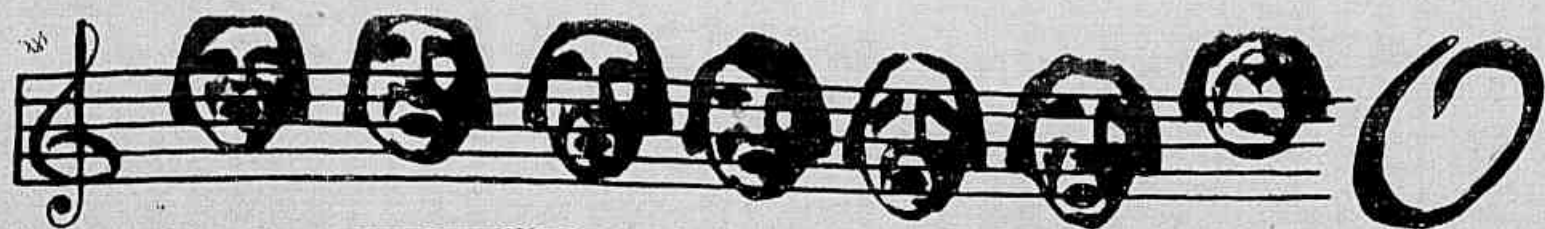
Sra. Laureana de Carvalho.

São bastantes interessantes esses trabalhos a oleo sobre porcellana, vidros, madeira etc., e a senhora Laureana de Carvalho, que se fará acompanhar da senhora Amelia Cabral, conseguirá o melhor exito, repetindo o seu triumpho tanta vez verificado no Rio, São Paulo, Bello Horizonte, Curityba e outras capitaes brasileiras.

Um interessante aspecto do "Belgeawne" procedente de Nova York e atracado ao armazem 10 do Cáes do Porto, com as quarenta e uma locomotivas chegadas para a Estrada de Ferro Central do Brasil. Até hoje foi esse o maior carregamento de locomotivas havido no mundo.

O Canto

Canto de rua

Canto de salão

Canto de sereia

Canto chorado

Canto sem palavras

Canto chão

Canto do cysne...

UMA MULHER SINCERA

POR HERNANI DE IRAJÁ

NAQUELLE remanso deliciante da praia, em veraneio, Renato e Lucia realizavam o idylio sempre novo que opulentava de gloria o amor eternal.

A' hora das sombras envolventes, pela curva horisontal do oceano elles se premiam aos beijos, mãos perdidas nas mãos, olhos semi-parados no nirvanismo dos que amam, emquanto o mysterio do mundo se transfundia no negrume separador das estrellas.

Lucia era tão linda! Renato era tão bom, queria-lhe tanto!

Depois, cançavam-se os olhos da peregrinação ao infinito... Os pontos luminosos dos astros sempre a repetirem as mesmas luceluzencias... E elles se abysmavam no outro infinito dos proprios olhos a mirarem-se para dentro do segredo imperturbavel, imperscrutavel da alma humana, mesmo amante, ainda que sob a fremencia da maior paixão. Na terra fulgiam os clarões reflexos dos ultimos adeuses do sol. As luzes palpebreavam na imprecisão das distancias.

Alguem aproximou-se subtilmente. Ouviu a voz do homem. Era assim que elle falava:

-- Tu, Lucia, impedes-me o pensamento... E quando te deixo um só instante sinto como se me faltasse o ar. Comtigo, tendo-te ao meu lado é que melhor sinto a orchestração irradiante de *Phoebus Victor*, a rutilancia glauca das manhãs serenissimas, quando o céu sorri nas madrugadas azues de luz sonora!

E' comtigo que aquilato a pompa verde dos campos e sertões perfectibilisados no silencio adoravel do abandono.

E' na tua vida, na ancia do teu sêr, para ser teu unicamente, que o meu coração isochronisa-se ás palpitações dos mundos e sente as irradiações da luz universal nos teus olhos, como nos astros, como nos sóes!

E quem, senão tu, Lucia, ensinou-me a ver enrubecido e doirado o mundo vegetal quando tremem os longes em hysterismos de calôr?..."

A voz della dizia:

—...Como eu era incredula! Como eu era má não querendo acreditar na existencia da felicidade! Eu não julgava que existisse o amor. Porque... Por... quê? Só porque tu não me vinhas, Renato. Só... sómente! E depois? Como tudo mudou! As macieiras cobriram-se de fructos; as laranjeiras floriram. E eu vi que o céu era immenso e azul; e aprendi que as estrellas velam pelos que dormem com o coração embalado na ventura do amôr! Renato, tu me ensinaste a melodia dos silencios e déste-me a traducção dos rythmos marinhos. A palavra das ondas, a caricia dos ventos, o enigma das areias, tudo isso, todo esse mundo immenso de mysterio o teu amôr desvendou a meus olhos humidos do extase em que me deixavas!

Tu me fizeste comprehender os angelus de tristeza e gloria, e os crepusculos indefiniveis onde o mysterio e a saudade se unem pelas brumas lilazes, pelos lagos mortos, pelas estradas sem fim!..."

O homem que os escutava pigarreou fingindo passar em passeio pela praia.

Os amantes voltaram-se. Ainda o viram de frente. Era alto, moreno e musculoso. Andar cadenciado e firme. O desconhecido tinha um sorriso á superficie da bocca de labios carnudos.

O pensamento do casal resumia-se: — "Que importuno e antipathico!"

O personagem que surgira com a noite permaneceu alguns dias no balneario. Não tinha amigos, evitava os homens como estes o evitavam. Quasi sempre seus grandes olhos verde-amarellos descançavam nas senhoras e raparigas. As sobrancelhas obliquas-internas, *sylvanisavam-lhe* o semblante. O ar costumeiro, ás vezes apagando o sorriso, substituia-se por uma expressão de ensimesmamento melancolico. Parecia recordar, rememorar com tristeza e saudade.

Era uma noite de lua. O oceano repartira a claridade do luar com todas as ondas e o festim de luz era uma orgia luminosa nas aguas que cantavam espreguiçando-se nas areias.

Lucia e Renato ao longe na praia misturavam-se n'um vulto só.

O desconhecido vem envolvido em uma grande capa azul-escuro.

Aproxima-se; braços cruzados, escuta:

— Lucia, eu sinto o teu amôr, mas tenho para mim que não é tão forte como o que sinto por ti! Minh'alma, minha vida, eu todo sou só para minha Lucia; procuro uma sensação que não propenda ou provenha de ti; não a encontro, és o centro de origem e da finalidade de todas as minhas alegrias, de todas as minhas energias e acções! E's, Lucia, o proprio symbolo do amôr que me empolga!..."

Lucia chegou-se ainda mais ao amante. Fechou-se ao mundo pelas palpebras, tremeu e falou num cicio de folhagem ao ouvido de Renato...

Só o homem da capa, além do outro, poude ouvir as palavras que seus labios disseram.

— Por maior que affirmes o teu amôr, querido, o meu é mais forte, mais intenso, mais duradouro, mais sublime! Nelle se resumem a sympathia, a amizade, o zêlo, o ciume, as angustias da carne, as ancias do peccado; a luxuria; a vida, o amôr e a mórte!

Presinto a eternidade no indefinivel de teu beijo; e a harmonia de rythmo que liga nossos corações é a affirmação victoriosa da immortalidade do nosso amor!..."

***

Lucia acordara-se assustada. Um pezadêlo! Pezadello? Não. Contra a luz da janella ella via a silhueta do desconhecido que a chamava... Olhou para o marido que dormia tranquillamente. Quiz acordal-o, para defendel-a... Teve medo... Medo de quê? De assustal-o? Não. Então? O desconhecido fixava-a, com o olhar parado imperativo e sensual, a uma vez aspero e caricioso, autoritario e faunesco.

Ella, sentada no leito em desalinho, tinha uma perna no chão, a outra sob os lençóes. O olhar que a envolvia tornava-se luminoso e *palpavel*. Ella sentia-se *despida* perante aquelle homem enigmatico. Procurou cobrir a perna descalça... A camisa cahiu-lhe e o hombro direito quasi clareou o quarto com a brancura immacula da epiderme amornecida...

O homem da janella fez outro aceno. Lucia não resistiu, ergueu-se mas para implorar, pelo amôr de Deus, que elle se fosse, que a deixasse...

Renato virou-se na cama com um suspiro. Ella attentou, parou um instante e foi devagarinho abrir a vidraça. O homem silencioso passou os braços potentes pela cintura flexuosa da moça que, tremeu. Olhou-a nos olhos com força e disse:

— Quero que conheças o amôr! Vem! O meu amor, Lucia, é maior que todos juntos, é o amôr infernal, inconsumptivel, delirante de paixões e de loucuras. Lucia tu já és minha, vem!... Eu sou o *amor-prohibido!*"

E beijou-a na bocca, um beijo quente, de fogo!

***

Varias vezes Lucia teve aquelle cartão nas mãos para rasgal-o. Continha-se. O cartão dizia assim:

J. M. Braga Jor.
D. Juan

Rua Taylor, 132 *Rio de Janeiro*

Terminara a estação das praias. Renato regressava com a esposa carinhosa. "A vida corria docemente..." Uma tarde Renato não encontrou a companheira! Um papel sobre o penteador, sob a caixa de pó de arroz, contou-lhe:

"Renato: Meu coração não te pertence porque já nem meu elle é. Perdôa e esquece-me (*chapa*).

Não tentes procurar-me; seria inutil. — *Lucia*".

***

Pelo 1.º Nocturno chegara de S. Paulo uma linda mulher. Depois de entregar a

mala ao chauffeur cahiu cançada no fundo do automovel.

— Para onde vamos, minha senhora?

— Rua Taylor, 132. Depressa...

E abriu a bolsa de *maquillage*.

HERNANI DE IRAJÁ

Senhorinha Dagmar Corrêa, da elite de Alfenas.

VARIEDADES

O AMBAR

Estão de novo na moda os collares de ambar, que os de perola tinham desthronado.

Portanto é o ambar um dos favoritos da moda actualmente, mas sobretudo na variedade dos seus tons escuros.

Os ambares de tom escuro eram até agora muito caros, porque para adquirirem esse tom precisavam de muitos annos. Mas agora um sabio austriaco conseguiu um meio de envelhecer o ambar artificialmente.

Esta pedra, que tem a côr de mel em quanto nova, é quasi toda tirada duma jazida na Prussia, situada entre Stralmund e Memel.

A Rumenia e a Silesia tambem têem as suas jazidas de ambar.

Senhorinha Maria Antonieta — Antonietinha Mendes — gentilissima filha do abastado fazendeiro coronel João Mendes de Souza, na fazenda Santa Lucia, em Mogy-Guassú, estado de S. Paulo. A elegancia da senhorinha Antonietinha, no seu traje caracteristico de amazona, contrasta com a rudeza desse touro zebú — o *Bombaim* — num quadro amplo da natureza paulista.

AS ALLIANÇAS

A moda não quer mais que as allianças, esses anneis allegoricos do casamento, sejam o simples circulo de ouro. De agora em diante serão elles cravejados de brilhantes, em toda a volta. Já está em uso, ha mais tempo, nos Estados Unidos esta moda.

De tempos a tempos as mulheres sentem a necessidade de modificar o aspecto desta joia symbólica.

Alguns annos atrás foi o annel de prata, gosto em moda por causa da musica de Chaminade com versos de Rosemonde Gerar, esposa de Edmond Rostand:

"Le cher anneau d'argent que vous m'avez donné dans son cercle étroit garde nos promesses encloses".

Depois veiu a alliança larga, exageradamente grossa, tomando toda a phalange.

Terá esta nova moda grande numero de adeptas? O preço de um aro de platina cravejado de brilhantes não pode ser comparado com a da simples alliança de ouro. Mas com certeza os que adoptarem esta moda a seguirão em tudo, quer dizer que só a noiva receberá a alliança na hora do casamento. Ha nisto duas grandes vantagens para os homens; não só comprar um unico annel tão caro como tambem não lhes ser mais preciso tirar apressadamente a alliança do dedo quando encontrarem uma moça bonita.

O PUDIM DOS SUBDITOS INGLEZES

O rei Jorge recebeu, pelo Natal, do presidente do Empire Day um pudim de Natal feito com os productos seguintes: farinha do Canadá, uvas passadas da Australia e da Africa do Sul, assucar de Demerara, manteiga escosseza, maçãs e ovos inglezes, temperos das Indias — e para beber por cima rhum da Jamaica.

Ao que dizem os jornaes, o Soberano apreciou sobremaneira essa homenagem de lealismo gastronomico.

PENSAMENTOS

As leis moraes não são entidades ficticias, mas sim necessidades imperiosas.

*

Nenhuma civilização podenao durar sem moral, as leis não accumularão nunca severidade demais para manter as prescripções moraes.

*

O meio e o exemplo são dois grandes geradores da moral.

G. Le Bon

*

Alguns annos bastam para instruir um selvagem. Mas são ás vezes precisos seculos para o educar.

*

Canalisada por um bom methodo, a intelligencia mais mediocre consegue progredir.

A MODA

Veremos nos modelos da proxima estação muitos vestidos no genero pratico, muitos tailleurs e *robes-manteaux*. Serão elles feitos de tecidos chinés, jaspés, os tons claros misturados com o preto.

Para acompanhar estes tailleurs, assistiremos á resurreição da bluza de lingerie.

O chemisier será muito usado; os tecidos empregados serão o linon, o voile, o *nanzouk*, a toile de seda e a gaze. Estas bluzas serão trabalhadas com pequenas pregas e pontos abertos; os jabots virão alegrar a sobriedade dos conjunctos. Mas é sobretudo o chemisier branco que será o preferido.

Veremos de novo apparecer o organdi? Encontramos nestes chemisiers a preoccupação do bem acabado, do trabalho feito á mão, que dá o cunho de elegancia a estas bluzas.

Uma novidade nos tailleurs será o collete em fantasia, escoceza ou listada.

Este collete será feito em tafetá ou em surah e sem mangas. Aliás esta fantasia escoceza será tambem encontrada no proprio *tailleur*. Não será raro, por exemplo, ver-se uma jaqueta em tecido liso de um tom escuro ser enfeitada em baixo com uma tira de escocez claro. Este mesmo tecido escocez repetir-se-á na guarnição dos bolsos e nos botões; se a saia tiver pregas duplas, o fundo destas pregas será incrustado com o tecido escocez.

Supponhamos que o tecido liso seja azul marinha, a guarnição escoceza poderá então ser de fundo cinzento claro com o xadrez de muitos tons de amarello.

O colorido mais na moda continua a ser o azul, desde o mais escuro até ao mais claro. Dentro da nota pratica, é o azul marinha que domina; tambem é usado um pouco o vermelho e os tons de vinho (Bordeaux).

Os *composés* agradarão com certeza porque dão um aspecto jovem e, ao mesmo tempo de um emprego facil, abrem um largo campo a todos os concertos.

Os *composés* são os vestidos nos quaes se emprega dois tecidos differentes. Os mais interessantes *composés* teem a parte superior do vestido ou a bluza em tecido liso com a saia de fantasia.

Casaco curto, boléro, vareuse em tom azul marinha, aubergine, preto, côr de couro, acompanham uma saia em xadrezinhos, escoceza ou em tecido de listas.

A golla, assim como todas as guarnições, mostram um fino viez do tecido da saia.

: : : : : ULTIMOS MODELOS : : : : : : :

1 — Chemisier em crêpe de Chine branco, duplo jabot finamente plissado, gravata de velludo preto. — Chemisier em linon, pontos abertos formando a guarnição. 2 e 3 — Colletes, o primeiro em *ottoman* com botões de madreperola, o outro em *kasha* com um galão de fantasia guarnecendo, o seguinte em tecido suéde debruado com uma fita gros grain, o ultimo em crépe marrocain bordado com seda e com duplo abotoamento. 4 — *Sweater* sem mangas em jersey de seda branca, enfeitado com largos cadarços de seda verde vivo. 5 — Blusa em shantung natural, bordado com sedas de tons vivos. 6 — *Sweater* casaco em duvetine soufre debruado com uma tira branca e pontos de festão espaçados em lã, o bordado tambem é feito com lã. 7 — Trois-piéces compostas de uma blusa em *kasha* branco, de uma saia em kasha escocez branco e côr de laranja e de um casaco côr de laranja, debruado com uma trança preta. 8 — Manteau em *kasha* abricot escuro e pelle de bezerrinho nascido morto. 9 — Vestido em setim rosa muito pallido. 10 — Vestido em crêpe amethista, guarnecido com fitas de velludo purpureo. 11 — Vestido em tafetá branco com incrustações em lamé de prata. 12 — Blusa em tecido escocez branco e azul e tecido branco.

A TEZ DO ROSTO SE TRANSFORMA FACILMENTE, CLARA OU MORENA

(Da Revista "Woman Beautiful")

A cutis clara, pallida ou rosada estraga-se facilmente muito cedo, porque é muito fina e delicada, diz Lina Cavalieri, uma das mais famosas bellezas contemporaneas Ao contrario, a cutis morena é mais espessa e, por isso, tende a apresentar um aspecto gorduroso. Tanto para uma como para outra o melhor remedio consiste no emprego da cêra mercolized (em inglez: "pure mercolized wax") que absorve todos os dias um pouco a pelle gasta da superficie, sem prejudicar em nada a cutis delicada e joven que se encontra por baixo. Como resultado obtem-se collocar em evidencia a nova pelle, com o delicado rosado da primeira juventude, o que equivale a rejuvenescer 10 ou 15 annos de idade. A cêra mercolized, que se pode obter em qualquer pharmacia, applica-se como se fosse cold-cream.

Conselhos sociaes

A ARTE DE USAR AS JOIAS

A intelligencia da guarnição existe para quem sabe ver. Uma artista pintora, por exemplo, concebe e usa de outra maneira que uma simples burgueza.

Assim tambem o modo de usar jois identicas é completamente differente na mulher que sabe se vestir ou na outra que, apezar de ter a mesma fortuna ou

MODA INFANTIL

maior ás vezes, no emtanto não apprehendeu ou não tem o dom do bom-gosto.

O cuidado da linha, a harmonia das cores, as conveniencias da hora devem ser observadas egualmente como o resto da toilette. Na mão, dois dedos são designados para os anneis: o annular e o minimo. A combinação das pedras é admittida, comtanto que nas cores não contrastem muito. Tanto assim que o brilhante poderá se juntar á perola ou a qualquer pedra de côr tendo valor, não admittindo nem o topazio nem a amethysta ou a granada, que são pedras inferiores.

O rubi, a esmeralda, a turqueza, a saphira são admittidas junto ao brilhante. A perola junto a uma turqueza dá uma perfeita harmonia de doçura á mão branca de uma loura.

A esmeralda e o rubi e a saphira não se supportam mutuamente ; a sua reunião faz "palheta de pintor".

Um annel moderno, pesado, trabalhado, rodeando uma pedra grande de fanrazia será usado só. Ao lado de uma joia classica, a harmonia fica destruida.

Reserva-se este annel para o tailleur da manhã com o collar de ambar ou de jade a dizer com a pulseira.

A' tarde o collar de perolas, que uma bella imitação, discreta, pode substituir. E' esta aliás a unica joia falsa que pode ser admittida. Mas deve ser escolhida com escala (perolas grandes ao centro e terminando com pequenas) e sobretudo fugir dos grandes sautoirs de enormes perolas — que foi um dos grandes erros da moda. Os brincos serão então de perolas brancas ou côr de cinza, a barrette ou um bello broche antigo, dois anneis na mão esquerda, a grande perola ou a chevaliere no dedo minimo da mão direita. A' noite, brincos de brilhantes com o collar de perolas maior ou um pendentif de pedrarias. Sómente anneis brilhantes nos dedos. Pois nada menos harmonioso com um vestido muito rico, um vestido palhetado por exemplo, do que as joias de pedras sem brilho.

Não usem então senão um só annel, mas que ellle

GUARNIÇÃO BORDADA PARA ROUPINHA DE CRIANÇA

Esta guarnição muito simples pode no emtanto enfeitar com muita graça as roupinhas das creanças. E' ella de muito facil execução como se pode ver no modelo que damos: é apenas um *festonné* alegrado com umas borboletas. Pode se fazer o bordado em branco ou em cores.

retenha nas brancas mãos um pouco da luz dos lustros. De muito mau gosto tambem é usar collares de fantasia a essa hora, devendo elles ficar reservados somente para a parte da manhã.

A cada hora convem uma guarnição. E' seguindo este principio que se evita as simulações de mau gosto na toilette feminina.

Estamos bem longe do tempo em que as mulheres se enchiam de joias. No principio deste seculo, as mãos femininas eram tão carregadas de anneis que até no pollegar os usavam; anneis extravagantes, modern-style, desenhados por Lalique. Mas elles diziam bem somente com os penteados complicados, as saias com mil forros, os sautoirs com berloques onde pendia tambem a trousse de ouro. Hoje as bellas pedras são sobrias, simplesmente encastoadas. A platina e o ouro esverdeado evitam a nota gritante que punham dantes os ouros brilhantes.

A mulher intelligente pode juntar á elegancia da sua toilette a elegancia de sua guarnição. E eis a norma. Sobriedade pratica para as manhãs. Elegancia das tardes. Riqueza das noites.

Abram seu cofre de joias e escolham estas a dizer com o vestido que vai ser usado, não se deixando guiar cegamente pela fantasia, causa de tantos erros. Uma joia em harmonia com a toilette, e sobretudo nada de joias falsas.

A imitação não engana ninguem, digam lá o que quizerem: é sempre triste o papel daquella que está enfeitada com strass querendo parecer o brilhante que ella não pode possuir.

Por essa razão uma mulher de bom gosto não as admittirá nunca.

NOSSA ALIMENTAÇÃO

AS FRUCTAS

As fructas são um alimento agradavel e muito util, porque facilitam a digestão. E a Natureza nos dá bastantes fructas para comermos todos os dias e em todas as estações.

Mas é sobretudo vantajoso para a saude comer as fructas de manhã em jejum.

Naturalmente no principio extranha-se, estando o estomago habituado ao café, chá ou leite quente; mas depois de algum tempo de persistencia sente-se o seu beneficio. A fructa que mais vantagens traz ao organismo para ser comida de manhã é sem duvida alguma o mamão.

MENU (magro)

SOPA DE BATATAS COM ALHO POIREAU

PEIXE COM MOLHO DE CAMARÕES
PIRÃO DE FARINHA

OVOS Á PORTUGUEZA
ARROZ

SALADA DE LEGUMES

PUDIM DE SUCCO DE UVAS

SOPA DE BATATAS COM ALHO POIREAU

Põe-se numa panella um pouco de manteiga (50 grs.); e sómente o branco dos alhos poireaux cortado em pedacinhos (oito ou nove); cobre-se a panella, e deixa-se cozinhar lentamente uns vinte minutos ou meia hora. Junta-se um litro d'agua e tempera-se de sal; despeja-se dentro as batatas picadas em pedacinhos, (seis ou sete); logo que as batatas estiverem cozidas (em fogo forte deve levar uns vinte e cinco minutos) passa-se então por uma peneira ou coador fino. Liga-se depois o caldo com um copo de leite no qual se desfez um pouco de maizena, farinha de arroz ou de batata; junta-se 30 grammass de manteiga e, facultativamente, duas gemmas de ovos.

PEIXE COM MOLHO DE CAMARÕES

Arruma-se o peixe numa

A laranja devido á grande quantidade de vitaminas que contém deve ser tambem uma das preferidas, mas isto já se vê sómente para aquelles que não soffrem do figado. Estes teem de se contentar com a innocente laranja-lima.

As fructas devem ser comidas não sómente em seu estado natural como em doce, compotas, marmeladas, geleias e em fructas crystalizadas. O marmelo, a maçã e a banana, simplesmente assados ou cozidos, são alimentos de muito facil digestão, que podem ser dados aos convalescentes e ás creanças.

Na Inglaterra, e sobretudo na Allemanha, a purée de maçãs é servida com a carne de porco. Mas essa purée se a maçã é doce não leva assucar, e na das acidas põe-se muito pouquinho assucar.

frigideira untada com manteiga (15 grs.); rega-se por cima com meio litro de vinho branco (isso para um peixe grande); tempera-se com salsa, cebola em rodellas, meia folha de louro. Emquanto estiver assando deve ser regado com manteiga derretida (30 grs.) Deve levar pouco mais ou menos 40 minutos para assar.

Põe-se para cozinhar á parte um bom punhado de camarões (250 grs.); depois são descascados e as cabeças socadas num gral. Põe-se numa panella 30 grs. de maizena com igual quantidade de manteiga. Molha-se com dois copos de agua dos camarões, onde se cozinhou tambem um ou dois peixinhos (a agua bem coada.) Deixa-se reduzir e depois é de novo coada; vae novamente ao fogo, mas não deve mais ferver; junta-se 100 grs. de manteiga e uma gemma. Bate-se bem com um batedor ou na falta deste com um garfo. Arruma-se o peixe no centro de uma travessa; rodeia-se com os camarões, ponde-se alguns picados por cima; rega-se com um pouco de môlho. O resto do môlho, com camarões picados dentro, vem na molheira.

OVOS A' PORTUGUEZA

Refoga-se seis tomates grandes dos quaes se tirou as sementes e um pouco da polpa; põe-se dentro de cada tomate um ovo escaldado e um pouco de môlho de tomate; põe-se um instante no forno.

Serve-se os tomates sobre fatias de pão fritas na manteiga.

MOLHO DE TOMATES

Põe-se numa panella um pouco de manteiga, as sementes e a polpa que se tirou dos tomates, um bouquet de cheiros e um pouco de sal.

Cobre-se a panella e deixa-se cozinhar em fogo muito brando; mas é preciso de vez em quando mexer, para não pegar no fundo. No fim de uma meia hora pouco mais ou menos, côa-se por um passador. Põe-se na panella um pouco de manteiga e um pouco de maizena; desfaz-se esta massa com o caldo dos tomates, juntando-se um pouquinho mais de agua.

SALADA DE LEGUMES

Põe-se para cozinhar separadamente beterrabas, batatas e cenouras, quatro de cada uma dellas, e são depois de frias cortadas em pedacinhos de tamanho o mais regular possivel. Uma couve-flor é tambem cozida e depois separada em raminhos; junta-se um pepino crú que deve já ter estado durante

prato redondo, cada legume formando um triangulo, todas as pontas dos triangulos se indo reunir no centro do prato. Faz-se um pouco de môlho bem e s p e s s o de *mayonnaise*, para que um cordão desse môlho separe cada triangulo.

MOLHO DA SALADA

Duas colheres de vinagre, tres de azeite, uma pitada de sal, outra de pimenta e um punhado de salsa bem picada.

MOLHO MAYONNAISE

Bate-se muito bem uma gemma numa tigela e vae juntando-se pouco a pouco o azeite, não deixando de bater, e continua-se até o môlho ficar completamente duro (como um mingau muito espesso). Tempera-se então com um pouco de vinagre e uma pitada de sal.

PUDIM DE SUCCO DE UVAS

Espreme-se a quantidade de uvas que fôr necessaria para encher com o seu succo tres copos; junta-se depois duas colheres mal cheias de maizena e a quantidade de assucar que fôr necessaria, a uva muito doce não necessitando quasi de assucar. Por ultimo junta-se uma clara de ovo muito bem batida. Engrossa-se no fogo, mexendo com uma colher de pau e logo que fique na consistencia

algumas horas de môlho em agua e sal, depois de cortado em rodellas o mais finas possivel; dois tomates dos grandes dos quaes se tirou as sementes e a pelle, esses tambem são cortados em pedacinhos. Põe-se para temperar no môlho cada legume separadamente para poderem ser arrumados num

de mingau, despeja-se numa fôrma e vae para a geladeira gelar. Serve-se com môlho feito com uma chicara de leite, uma gemma, um pouco de assucar e uma fava de baunilha.

Preceitos de hygiene

O PANARICIO

A espetadela a mais insignificante num dedo póde transformar-se em um doloroso panaricio. Por exemplo. Pica-se a cabeça do dedo com uma agulha. A picadela foi sem importancia, apenas visivel e não se presta a menor attenção a ella. No dia seguinte, o logar dessa espetadela está ligeiramente dolorido. Apoiando-se, sente-se uma pequena dôr localizada. Ora, isto não vae ser nada—é o que pensam quasi todos nesses casos. Muitas vezes é o que se dá; mas lá vem uma vez que a dôr em logar de ir diminuindo vae augmentando cada dia mais. Então começa a tomar-se cuidado. E quando se vae procurar o medico já não ha mais nada a fazer senão lancetar.

Estes abcessos do momento, que já estão formados, não teem outro remedio senão o bisturi. E quando a operação não é feita a tempo o pus vae até ao osso da phalange. Então é uma verdadeira operação que será preciso fazer e operação necessaria, obrigatoria, porque o pus vae infiltrando pela mão e vae causar grandes estragos. E tudo isto devido a uma simples espetadela.

Nos dedos não existem picadelas sem importancia. Toda espetadela deve ser considerada perigosa porque pode trazer comsigo microbios que vão evoluir num meio favoravel á formação do pus.

A moralidade de tudo isto é que não se deve nunca tratar com pouco caso as machucadelas nos dedos e nas mãos, por mais pequenas que ellas sejam. Quando o ferimento é no dorso da mão não tem já a mesma importancia de quando é na palma da mão, emquanto que ahi todas as precauções são poucas, porque podem vir os peiores accidentes.

Portanto, logo á primeira manifestação dolorosa, deve-se começar a defeza. E ella será sempre efficaz sendo bem feita. E é sempre a mesma em todos os casos:

Tres vezes por dia (não menos) mergulha-se o dedo na agua fervida muito quente e isto durante bastante tempo. Na agua muito quente, a mais quente que se possa suportar. O calor da agua é a condição do successo.

No intervallo intercalado entre estes curativos é preciso ter sempre o dedo envolvido numa compressa quente e humida. Não se deve cessar este tratamento senão quando o dedo não tiver mais ponto algum dolorido.

Portanto para evitar o horrivel soffrimento do panaricio são precisas sómente duas coisas: agua muito quente e perseverança do doente.

CONSULTORIO MEDICO

Nico (S. Paulo) — E' preciso exame de sangue (reacção de Wassermann).

Tratamento mixto associado: bismutho e arsenico. Injecções intra-musculares de *Bismophanol* (serie de 15 a 18 injecções) e injecções intra-venosas de Néo-Salvarsan (914), n'um total de 4 a 5 grs. Persistir no tratamento.

Fernanda Herrera (Recife). — Amar uma mulher é poder sorrir á mediocridade das outras.

Melancolica (Jacarehy-S. Paulo) — Aconselho pomada Whiters (forte). Para amaciar a pelle usar a pomada de pepino do Instituto de Belleza de Paris. Tomar 4 a 6 comprimidos por dia de Opomammina Silva Araujo. Gymnastica Sueca (para reduzir o ventre).

Julimira (Gloria-Rio) — A anesthesia sexual na mulher é quasi sempre temporaria. E' preciso não confundir com a diminuição do gozo sexual (dispareunia). A causa — insufficiente sensibilidade dos orgãos genitaes — é devida a diabetes, hysteria, alcoolismo chronico, atrophia dos ovarios, hypocondria, morphinismo, etc. Tratamento: Injecções sub-cutaneas diarias de *Sôro lipotrophico Feminino* e ás refeições durante vinte dias, dois comprimidos de *Yohydrol* Riedel. Electricidade medica (corrente faradica).

A. Pinto de Freitas (S. Roque — S. Paulo) — A triade caracteristica da cystite: frequencia da micção, dôr ao urinar, pus na urina. A urina é alcalina e albuminosa, e ás vezes apresenta um aspecto gelatinoso.

Interno: — Urotropina 2 grs.; Tint. de noz vomica, 10 gottas; Glycerina, 10 grs., Infuso de folhas de uva ursi, 125 grs.; Xarope simples, q. b.

Para tomar 4 a 6 colheres das de sopa por dia. Após as refeições dois comprimidos de *Hexal*, dissolvidos n'um copo d'agua. A lavagem da bexiga só póde ser feita por medico.

Benjox (Rio) — Só com exame.

Olhos-verdes (Campinas-S. Paulo) — Aconselho o uso da pomada Whiters média. Massagens. Gymnastica sueca (na posição deitada, fixar os pés n'um guarda-roupa e levantar-se varias vezes, para conseguir a reducção do ventre). Tomar 4 a 6 comprimidos de Opo-mammina Silva Araujo.

Y. V. E. S. (S. Paulo) — Aconselho injecções intra-musculares de *Bismophanol* e ás refeições uma colher de sôpa de Hemozol.

CONSULTORIO DA MULHER

Mme. Selda Potocka, antiga assistente da clinica do dr. Buchener, de Londres, responderá a todas as consultas sobre tratamento da pelle e do cabello e hygiene da mulher. Dirigir correspondencia para a rua Paysandú 111, Rio de Janeiro.

Zizi Zenith — Lave de 8 em 8 dias com *Shampoo-Pó* a sua cabeça e passe diariamente a escova humedecida no *Tonico n.* 10.

Helena (Santos) — Se é apenas uma pennugem fina aconselho-a a nada fazer. Qualquer depilatorio não faria senão agravar esse pequeno mal. Se porém a pennugem engrossar terá de recorrer á electrolyse.

Isa — Nunca deve molhar a cabeça com agua para se pentear. Lave a cabeça de 8 em 8 dias com *Shampoo-Pó* e friccione diariamente com o *Tonico n.* 10.

Laura — Os arthriticos, dyspepticos e biliosos estão muito mais sujeitos a pensar mal, a julgar mal e a proceder mal do que o individuo em toda a plenitude da saude. Comprehendo bem o seu desgosto. Deve ter a certeza de que elle é remediavel.

Zita — As applicações de luz são um sedativo energico e efficaz nas colicas uterinas.

Mme Soares — A massagem diaria é a base insubstituivel de uma boa hygiene da pelle, é o grande preservativo da ruga. Pratique uma massagem ao rosto antes de deitar com o *Crême de Massagem*. Lave em seguida o rosto com agua morna e sabonete *Sylkale*, juntando á agua uma colher de *Tonico da Pelle*. Se a sua pelle fôr secca, depois de lavado e enxuto o rosto applique a *Loção para Embellezar a Pelle*. Sua pelle ficará suave e macia ao contacto.

Lygia — A cabeça deve ser lavada todas as semanas com *Shampoo-Pó* de modo a conserval-a n'um estado escrupuloso de limpeza. A caspa evita-se e cura-se radicalmente com o uso do meu *Tonico n.* 9, que é um poderoso fortificante das cellulas capillares, o mais activo dos preventivos contra a queda do cabello e de aroma penetrante, persistente e delicado.

Mme. Machado (Santos) — Agradeço-lhe tantas palavras gentis.
Experimente minha *Tintura Liquida*, ella dará uma côr uniforme aos diversos tons do seu cabello.

Madame Dubois — Não me surprehende o insuccesso do tratamento que experimentou. Os depilatorios, com os seus innumeraveis nomes, são composições com a base de cal ou sulfureto de arsenico. O unico methodo efficaz consiste na electrolyse.

Gabriella — Mesmo com a transpiração, tanto o rouge liquido *Poziomka* como *Rosita* não se desvanecem. Seu colorido é muito distincto.

Mme. Reis — Considero o uso do *Tonico da Pelle* conveniente no seu caso. Bastará empregar uma colher de sopa do *Tonico* para cada litro de agua na lavagem do rosto. O *Tonico da Pelle* é a melhor defeza contra a flacidez dos tecidos.

Blanche — O sabonete *Sylkale* concorre para conservar a saude e a frescura da pelle.

Mlle. F. S. (Petropolis) — A *Loção Adstringente* destina-se a corrigir a dilatação dos poros, branquear a pelle, offerecer adherencia ao pó de arroz. A sua acção sobre os poros é notavel e immediata.

Mauricio — Tenho uma grande confiança no poder da mulher brasileira. Ha annos que a observo e que a admiro.

SELDA POTOCKA.

Mme. Radel (Rio) — Haverá alteração da thyroide ou de outra glandula de secreção interna? Teria prazer em examinal-a. Aconselho comprimidos de Placentodose Fraysse.

L. B. (Rio) — São insufficientes as informações de sua carta. No entretanto lhe recommendo o uso de suspensorios e a pomada mercurial belladonada.

Ewaraldino Acosta da Fonseca (Rio) — O tratamento moderno da lues é o tratamento associado: bismutho e arsenico. Aconselho uma serie de 18 injecções de *Bismopharol* e, após o repouso de uma semana, uma serie de Acétylarsan. Persistir longamente no tratamento.

Marieta (Rio) — Quem poderá se orgulhar de ter conhecido a grandeza selvagem e primitiva do desejo?
A mulher quando conhece o amor já tem o coração resfriado pelas crueldades e decepções da vida e taras da sociedade; se encontra a paixão, succumbe antes de sublimal-a. Muito interessante a sua carta!

Mary Stella (Rio) — Só com exame poderei orientar satisfactoriamente o seu tratamento. São insufficientes as informações de sua carta.

Luiza Abreu (Rio) — Aconselho o depilatorio "Sonora". Haverá perturbação da thyroide ou dos ovarios? Insista no tratamento especifico.

DR. VEIGA LIMA.

P. S. — *Toda correspondencia deve ser dirigida ao* DR. VEIGA LIMA. — *Cons: Rua Uruguayana, n. 5-1.° andar — Rio de Janeiro. A's 3 horas. Tel 5763 Central — Caixa Postal 23.16.*

Consultorio Odontologico

Felicio dos Santos Quiroz (Minas Geraes) — Tome um comprimido de Cessatyl de 3 em 3 horas até ao maximo de 5.

Carlos Costa da Cunha (Minas Geraes) — Embrocações de tinturas de iodo e aconito — partes iguaes.

Roberto Ferreira de Sá (Pernambuco) — Compressas quentes na região inflammada de meia em meia hora.

Bochechos quentes de malvas e dormideiras — infusão forte.

Um Collega (Amazonas) — Irrigar o ponto infeccionado com hypochlorina e agua oxygenada — partes iguaes.

Vicente Lemme de Castro (Minas Geraes) — A casa Hermanny fornece catalogo de livros odontologicos.

Feliciano de Abreu Bueno (Rio Grande do Sul) — Uso externo:
Borato de sodio, 5,0; Glycerina, 10,0; Agua de Vichy, 200,0.
Lavar a cavidade buccal de 2 em 2 horas.

Gonçalves Magalhães (Rio Grande do Sul) — O Dakinol, por exemplo.

Feliciana de Abreu (Rio Grande do Sul) — O liquido de Dakin é um poderoso antiseptico. As experiencias com grande successo feitas durante a guerra européa garantem o seu valor.

Delo Moraes (Rio G. do Sul) — Depois de removido todo o tecido estragado, irrigue a cavidade com uma solução antiseptica e colloque um pequeno algodão. Na segunda consulta procure limpar os canaes, irrigando-os tambem com uma solução antiseptica.
Na terceira consulta, então, procure collocar nos canaes pequenas mechas com oxpara ou liquido de Freuder.

Ricardo Rocha Medeiros (Minas Geraes) — A cocaina, por exemplo.

Felix Gonçalves (Minas Geraes) — Applique compressas quentes.

Vicente Bueno de Arruda (Minas Geraes) — O Odorans, por exemplo.

Tertuliano Dalmo (Pernambuco) — Tintura de iodo 4,0; Acido tannico 2,0; Agua de hortelã 400,0.
Para bochechos frios.

Carlos de Albuquerque (Minas Geraes) — Sabão de magnesia 10,0; Carbonato de calcio precipitado 9,0; Essencia de rosas X gottas; Essencia de hortelã, X gottas; Essencia de alfazema 1,0; Carmim, q. s.

Um collega mineiro (Minas Geraes) — A percentagem de formol é diminuta.

V. B. C. (Pernambuco) — Friccionar as partes doloridas com Menthol, 1,0; Cocaina 0,25; Chloral, 0,50; Vaselina, 5,0.

X. X. (S. Paulo) — Entram na composição das pastas dentifricias varias substancias; porém as mais usadas são o carbonato de calcio, glycerina, essencias varias, carmim, etc.

ALEXANDRINO AGRA.

———

Toda a correspondencia para esta secção deverá ser enviada para o consultorio do cirurgião-dentista ALEXANDRINO AGRA, *á rua Rodrigo Silva, 28-1.° andar — Telephone 1838 Central. — Rio de Janeiro.*